



Pe Leonel Franca

A Filosofia no Brasil

(1921)

(Séc. XIX – XX)

1. A FILOSOFIA NO BRASIL — “Não há domínio algum da atividade intelectual em que o espírito brasileiro se mostre tão acanhado, tão frívolo e infecundo como no domínio filosófico.”[1]

Fora o tom acrimonioso da frase, desta vez Tobias tem razão. Erra, porém, quando, pretendendo indicar a causa do fato, o atribui a defeito natural das inteligências brasileiras. “O Brasil não tem cabeça filosófica.”[2] Mais acertado andou Farias Brito lançando o triste e incontestável fato à conta das verduras de nossa mocidade. “Uma civilização que começa não pode competir com civilizações já amadurecidas na luta... Para a elaboração de grandes construções filosóficas, originais e fecundas, é indispensável o concurso do tempo.”[3]

O concurso do tempo e a colaboração e o esforço do homem. E, neste ponto, é pouco, é quase nada o que temos feito. O estudo e o ensino da filosofia têm sido, entre nós, descuidados e tratados quase sempre com supremo descaso. Faculdades e Institutos Superiores de estudos filosóficos, como se encontram em todas as nações cultas do velho continente, só agora os começa a conhecer o Brasil.[4] Nos tempos mais auspiciosos para o ensino, não passou a filosofia de simples preparatório. Aos 15 ou 16 anos, nossos jovens folheavam, de afogadilho, um compêndio que os habilitasse a passar de qualquer

modo no exame de uma disciplina que a maior parte deles tinha na conta do luxo dispensável.

É a esta falta de estudos metódicos e profundos, feitos sob a direção de mestres abalizados, que atribuímos principalmente a inferioridade da cultura filosófica, no Brasil. Às nossas inteligências não falece perspicácia nem vigor para sondar a natureza das coisas e perscrutar as causas supremas do ser. Não fôramos homens racionais e cultos se a tanto não chegáramos. Mas que estímulo há aí para excitar, a seu tempo, essas vocações latentes de filósofos? Que formação fundamental se subministra às inteligências para dispô-las ao estudo dos graves problemas do pensamento que virão, mais tarde, preocupar o homem maduro? Nessa idade, nossos pensadores despercebidos de noções fundamentais mas solicitados pela curiosidade nativa do espírito e excitados pela leitura de obras estrangeiras, fazem-se autodidatas. Ora, o autodidata, salvo raríssimas exceções, não se submete às exigências de um estudo metódico, de uma disciplina regular na aquisição progressiva dos conhecimentos. Atira-se afoitamente às primeiras leituras que lhe vêm às mãos ou lhe atraem as preferências. Amontoa assim conhecimentos desconexos, amalgama sistemas encontrados, baralha ideias heterogêneas e, por fim, confundindo erudição com ciência, acaba por convencer-se de que é profundo filósofo porque leu muitas filosofias.

É o primeiro inconveniente da falta de organização do ensino filosófico entre nós. O outro é não preparar um meio intelectual, um ambiente culto e elevado, ao nível das grandes questões do pensamento. Quem já não ouviu de lábios doutos lamentos assim: Estes estudos não interessam aos brasileiros! No princípio ainda de sua carreira filosófica, já Farias Brito escrevia: “Sinto-me até certo ponto esgotado e sem forças, e sem apoio nem estímulo nem consciência mesmo da utilidade do meu esforço.”[5] Apoio? Estímulo? E como encontrá-los num público, que, em sua quase totalidade, se desinteressa dos estudos abstratos e deles se desinteressa porque não os pode seguir com inteligência e amor?

Tais são, a nosso ver, as causas mais importantes do atraso da filosofia no Brasil: autodidaxia de quantos entre nós se ocupam de assuntos filosóficos, descuidosidade geral dos problemas de ordem especulativa; causas essas, redutíveis, por sua vez, à deficiência dum ensino sério e metódico das disciplinas filosóficas.

CARACTERES GERAIS — DIVISÃO — O que para logo se nota na generalidade dos escritos filosóficos brasileiros é a falta de originalidade. Não podemos ainda pleitear, como as grandes nações civilizadas, certa autonomia de pensamento. De novo e de nosso, bem pouco e bem mesquinho é o que podemos reclamar. Refletimos, mais ou menos passivamente, ideias alheias; navegamos lentamente e a reboque nas grandes esteiras abertas por outros navegantes; reproduzimos, na arena filosófica, lutas estranhas e nelas combatemos com armas emprestadas. Não há, por isso, entre os pensadores que aqui se sucedem, continuação lógica de ideias nem filiação genética de sistemas. Não temos escolas, não temos iniciadores que houvessem suscitado, ou por seqüência de evolução ou por contraste de reação, continuadores ou opositores.

Sendo assim, classificaremos os nossos escritores de filosofia em simples correntes filosóficas, idênticas às que estudamos na Europa, durante o século XIX: a) *Corrente espiritualista*; b) *Corrente positivista*; c) *Corrente materialista e evolucionista*. Farias Brito será objeto de um estudo à parte.[6]

ARTIGO I

CORRENTE ESPIRITUALISTA

§ 1.º — Ecléticos

2. Na modesta galeria dos filósofos brasileiros, da era da independência, **Fr. Francisco de Mont’Alverne** (1784-1858) merece, em ordem cronológica, o primeiro lugar. Ainda que antes dele Morais e Vale, Morais Torres, Ferreira França e Gonçalves de Magalhães já houvessem publicado trabalhos filosóficos, cabe-lhe, ainda assim, a prioridade senão da impressão, na composição, ao menos, e na redação do seu *Compêndio* que, só pela cegueira do autor, se conservou por muitos anos em manuscrito.[7]

Natural do Rio de Janeiro, Francisco de Carvalho professou na ordem franciscana passando a chamar-se Fr. Francisco de Mont’Alverne. Dotado de natural eloquência, de engenho vivo e pronto, constante e assíduo ao trabalho, distinguiu-se logo entre os seus conterrâneos, ocupando lugar de relevo entre as pessoas cultas e desempenhando, na sua Ordem, vários e importantes cargos. Ensinou retórica, filosofia e teologia em S. Paulo, e, no Rio, foi nomeado pregador régio em 1816, elevando-se logo ao nível dos primeiros oradores sagrados do tempo ao lado de S. Paio, S. Carlos e Januário Barbosa. Em 1837, na plenitude da virilidade e no maior esplendor de sua glória, feriu-o Deus com a cegueira. Constrangido, acolheu-se ao retiro de sua cela, donde só saiu de novo a público em 1854, a pedido do imperador, para ainda uma vez subir ao púlpito. O famoso panegírico de S. Pedro de Alcântara foi o seu canto de cisne. A 3 de dezembro de 1858 falecia em Niterói.[8]

De Mont’Alverne, filósofo, só possuímos o *Compêndio de Filosofia* (Rio, 1859), obra póstuma, que, não podendo ser revista nem corrigida pelo autor, saiu sem a última demão literária. Dessa falta de revisão e de lima ressentiu-se gravemente o estilo, a disposição geral das partes e a ordem didática de toda a obra. É por esse único documento que podemos dar uma ideia sumária de suas opiniões.

Miserando era o estado geral da filosofia cristã nos fins do século XVIII. Desprestigiada pelos chascos e epigramas da Renascença, a escolástica fora desterrada das cátedras, condenada a um ostracismo que parecia irrevogável. Em seu lugar, Locke e Condillac, depois de Descartes, exerciam o império quase incontestado das escolas e dos seminários. Quando Mont’Alverne entrou a reger a cadeira de Filosofia, o sensualismo era a doutrina corrente. Com as suas teorias procurou o jovem professor conciliar as teses capitais do espiritualismo cristão. Empresa difícil, impossível até, em que não havia talento capaz de evitar o naufrágio. Outra era a orientação a tomar. Cumpria-lhe reagir e ele pactuou. Desprezando a escolástica, que desconhecia,[9] fundiu num amálgama heterogêneo e incoerente teorias sensualistas com ideias espiritualistas, caldeou Locke com Descartes, Condillac com Leibniz conhecido nos vulgarizadores de segunda e terceira mão. E a primeira fase, o sensualismo.

Mais tarde, quando lhe vieram às mãos as primeiras obras do ecletismo francês, que se ufanava de restaurar a verdadeira filosofia espiritualista sobre as ruínas do materialismo, Mont’Alverne exultou. Orador e retórico, remirou-se com prazer nas frases sonoras e nos períodos grandiloquos de V. Cousin. O que era música de palavras e harmonia de eloquência pareceu-lhe solidez e profundidade de pensamento.

O novo espiritualismo foi saudado com entusiasmo. “Um destes gênios nascidos para revelar os prodígios da razão humana se levantou como um Deus, no meio do caos,

em que se cruzavam e combatiam todos os elementos filosóficos empregando a extensão de sua vasta, e sublime compreensão, reconstruiu a filosofia, apresentando as verdades, de que o espírito humano esteve sempre de posse.”[10] Realmente, para só apresentar as verdades de que estivemos “sempre de posse” não me parece necessário que surgisse um como Deus no caos das filosofias, principalmente depois da “época imortal, brilhante e radiosa” inaugurada por Descartes. Em todo caso, Mont’Alverne viu, com razão, nas novas doutrinas algo de mais elevado do que o sensualismo rasteiro e cansado do século XVIII, e bandeou-se para o ecletismo. “Eu forcejarei por aproveitar o que ele (V. Cousin) tem feito e restaurar com ele o sistema filosófico”. [11] É a segunda fase — o ecletismo.

Nesta evolução cifra-se toda a história do pensamento de Mont’Alverne. Educado na escola sensualista de Condillac, deixou-o mais triste por amor de V. Cousin, tornando-se assim mais espiritualista, sem conseguir, porém, desembaraçar-se de todo das antigas teorias.

Para mais particularidades não há espaço nos limites que nos prescrevemos. [12]

Aliás, é bem sabido que Mont’Alverne, se foi orador de boas qualidades, não pôde de modo algum aspirar as honras de pensador profundo e original. A este título julgou-se ele talvez com direito como se julgou, na eloquência sagrada, digno rival dos Bossuet e dos Fénelon. Ilusões de uma vaidade pueril. [13] Apesar disso, ainda nos domínios da filosofia, o ilustre franciscano exerceu, entre nós, salutar influência. O prestígio do seu nome, a força do dizer, e, sobretudo, a ação direta do seu magistério despertaram entre os jovens da nova geração o amor das ciências especulativas e o entusiasmo pelas ideias elevadas do espiritualismo. Gonçalves de Magalhães, seu discípulo, recolheu e fez frutificar esta herança.

3. Manoel Maria de Morais e Vale (1824-1886), natural do Rio de Janeiro, lente catedrático, e, por várias vezes, Diretor da Faculdade de Medicina da mesma cidade, publicou em 1851 um *Compêndio de Filosofia* em dois pequenos volumes. Não teve intenção o autor de propor nele ideias novas ou modificar teorias correntes. Seu intento foi mais modesto: facilitar aos alunos a preparação rápida do exame de admissão às faculdades superiores. As opiniões expostas são as do ecletismo francês do princípio do século: um espiritualismo a braços ainda com o sensualismo de Condillac de que se não conseguiu de todo desvencilhar.

O resumidíssimo compêndio do ilustre médico é trabalho de nenhum valor. Falecem-lhe todos os requisitos das obras didáticas deste gênero: noções exatas, definições precisas, demonstrações claras. Não merece ser lido nem por curiosidade. Perde-se tempo.

4. Eduardo Ferreira França (1809-1857), natural da Bahia, laureado na Faculdade de Medicina de Paris, e professor na do seu Estado natal, consagrou-se de preferência à psicologia.

Moço ainda, numa tese de doutoramento, [14] defendeu as ideias da escola sensualista de Condillac, ou melhor, do materialismo franco de Cabanis. Os anos, o estudo, a reflexão e, principalmente, a leitura das obras de Maine de Biran contribuíram para esclarecer-lhe a inteligência [15] e convertê-lo ao espiritualismo. Nessa nova orientação escreveu a sua obra principal “Investigações de Psicologia” (1854), em dois volumes. [16]

O plano do livro, bastante amplo, abrange nos seus quadros os principais problemas de psicologia experimental. Depois de expor (Livro I) o critério para a sua distinção, classifica as faculdades em 5 grandes grupos, que são estudados nos livros se-

guintes: a modificabilidade (Livro II), a motividade (Livro III), as faculdades intelectuais (Livro IV), os instintos, físicos, intelectuais, morais e sociais (Livro V) e a vontade ou atividade livre (Livro VI). Cada um destes grupos compreende várias outras faculdades subordinadas, mas distintas.^[17]

No seu estudo estende-se o autor em análises psicológicas, por vezes finas e engenhosas, mas geralmente destituídas de sólidos fundamentos metafísicos, ao sabor da escola escocesa e eclética. Também sua erudição filosófica lhe não dava para mais. Reid, Dugald-Stewart, Gallupi, Maine de Biran, Jouffroy, Royer-Collard, A. Garnier e Tissot são os autores prediletos que ele cita, comenta e discute a cada passo.

A separação entre a alma e o corpo, a espiritualização de todos os fenômenos psíquicos, inclusive a sensação, o subjetivismo do conhecimento, o inatismo das ideias — achques que tornam tão frágil e indigente o espiritualismo cartesiano renovado em grande parte pelo ecletismo francês — enfraquecem sobremodo as investigações do professor baiano.

O estilo da obra é, em geral, claro e corrente, apesar de algum tanto derramado. Apertada e reduzida a um terço do volume, a sua obra de 700 páginas nada viria a perder da amplidão dos seus quadros e muito ganharia em concisão de pensamento e vigor de expressão.

§ 2.º — Ontólogos e idealistas

5. Enquanto na França renascia o espiritualismo racionalista sob a forma de ecletismo, na Itália e na Bélgica alguns filósofos cristãos, voltando a Malebranche, ou tentando, num esforço estéril, conciliar o transcendentalismo germânico com os dogmas católicos, orientavam-se para o ontologismo e o idealismo representados, como já vimos, pelos nomes de Rosmini, Gioberti, Lubaghs, La Forêt e outros.

Ecos desta corrente espiritualista foram, entre nós, Gonçalves de Magalhães, Gregório Lipparoni e Patrício Muniz.

6. **Domingos José Gonçalves de Magalhães** (1811-1882), Visconde de Araguaia, natural do Rio de Janeiro, aí estudou preparatórios no seminário de S. José e formou-se em medicina na Universidade de Coimbra. Em 1841 regeu a cadeira de filosofia no colégio Pedro II, deixando-a pouco depois para entregar-se à carreira diplomática, onde se distinguiu notavelmente, chegando a ser escolhido (1874) como ministro plenipotenciário do Brasil junto à S. Sé, a fim de tratar diretamente com Pio IX a tão debatida questão religiosa.

Além dos *Pensamentos e Comentários* (1880), obra de menor vulto, deixou-nos o Visconde duas obras filosóficas de algum valor: *Fatos do espírito humano*, Paris, 1858, escritos em Nápoles entre 47 e 57, e *A alma e o cérebro*, Rio, 1876, publicado depois de sua primeira estada em Roma, onde veio mais tarde a falecer em 1882. *A alma e o cérebro* é uma boa refutação do materialismo e da frenologia de Gall. *Os Fatos do Espírito humano*, obra mais importante e que encerra suas ideias principais, são um estudo psicológico da natureza humana, da origem e do valor do conhecimento.

O autor ouviu as lições de Jouffroy em Paris, leu Cousin, talvez Malebranche e, das ideias hauridas nestas diversas fontes e repensadas com certa originalidade, amalgamou teorias que não se podem pôr sob a responsabilidade exclusiva de nenhum destes nomes.

Doutrinas. A. Natureza do homem. Teoria do conhecimento. O homem é composto de alma e corpo; a alma, puro espírito, o corpo pura matéria. Entre estas duas substâncias opostas, um terceiro princípio, como o mediador plástico de Cudworth, estabelece a união e explica a reciprocidade da influência: é a força vital, a vida, que organiza a matéria.

O espírito é dotado de inteligência, perceptibilidade e liberdade. “A sensibilidade está na força vital. É essa força que se modifica e produz a sensação que se apresenta à nossa alma”, força “que sente sem consciência e sem memória”. Só o espírito “que recebe, refere e objetiva essas sensações”, [18] percebe e conhece. Os animais, portanto, destituídos de alma e dotados apenas de força vital não possuem verdadeiro conhecimento; têm sensação, não percepção.

As sensações ou impressões orgânicas são produzidas pelo movimento vibratório das moléculas. Os caracteres que as diversificam não provêm de diferenças específicas dos seus objetos e sim do órgão ou nervo que impressionam. “Pode dizer-se sem figura que, na produção da sensação, se regula a faculdade de sentir, quanto à espécie, pelos nervos que lhe transmitem o movimento; e quanto à variedade ou graus pela intensidade relativa desses mesmos movimentos.” [19]

B. Idealismo e ontologismo. Até aqui ouvimos a linguagem de um realista. Eis, porém, que, de repente, e com grande maravilha nossa, nos aparece o filósofo a perder-se nos sonhos do idealismo mais radical. Todo este mundo dos corpos que ainda há pouco víamos atuar sobre os nossos sentidos, toda esta realidade material que nos cerca com suas belezas e encantos e que ele, poeta, tantas vezes retratara ao natural com as cores tão vivas de sua palheta, tudo pura abstração, tudo reflexo ilusório do nosso espírito a projetar fora de si, como em perene e grandiosa alucinação, um mundo fantástico de imagens. Custou-nos a crer num brasileiro idealista, mas os textos são claros e não dão pega à menor dúvida: “O ser que nada pode é ser inútil... é uma pura abstração do espírito, tal como a matéria inerte dos corpos.” “No estado normal percebe o espírito as coisas por um reflexo fora dele, das sensações que lhe são presentes... e as sensações refletidas nada mais lhe dão que o reflexo mesmo.” “Só existe realmente o que é espírito... tudo o mais existe fenomenalmente, não em si, para si, mas para quem o pensou e o fez aparecer a quem pode ver os seus pensamentos.” [20]

Nem para aqui. A breve trecho o idealismo complica-se com o ontologismo. O mundo objetivo já fundido no subjetivo identifica-se agora com Deus. Os seres já reduzidos a ideias são os próprios pensamentos divinos contemplados imediatamente pelos espíritos criados. Também aqui a linguagem do autor é clara. “Todo este imenso universo sensível que nos parece substancialmente existir entre nós e Deus, só existe intelectualmente em Deus como pensamentos seus, sem outra existência fora da inteligência mesmo de Deus que o pensou; nada tem existência material fora de Deus... tudo, absolutamente tudo, é intelectual, tudo espiritual, tudo está e permanece na sua razão eterna... Esse mesmo imenso universo um e único que só existe intelectualmente no espírito divino... é o universo das nossas percepções externas... Tudo existe na inteligência, e para a inteligência.” [21]

Crítica. Em todas essas ideias, apesar de muito extravagantes, nenhuma novidade para o historiador da filosofia. O ecletismo de Cousin, o idealismo de Berkeley, o ontologismo de Malebranche encerram todos os elementos do pensar de Magalhães.

A parte positiva de sua obra foi, pois, infeliz. “A ciência humana, escreveu o ilustre titular, é uma navegação do finito ao infinito por mares célebres em naufrágios”. [22] Sua travessia por esses mares registra mais um destes desastres. E não lhe

fora difícil evitá-lo. A paragens aparceladas do idealismo e do ontologismo já haviam sido assinaladas como perigosas pelos naufrágios de inteligências mais pujantes.

Resta-nos como aproveitável a parte negativa da sua obra filosófica — as páginas bem pensadas e bem escritas em que analisa e refuta o sensualismo de Condillac e o materialismo dos seus sucessores.[23] Por este trabalho contribuiu o autor para vulgarizar, entre nós, as críticas que outros na Europa já haviam feito da filosofia superficial e palavrosa dos fins do século XVIII.

7. Patrício Muniz (1820-1871), natural da ilha da Madeira (Funchal), sacerdote católico, estudou direito em Paris e teologia em Roma. Jovem, veio para o Brasil, aqui viveu muitos anos, naturalizando-se brasileiro e desempenhando vários cargos na cura das almas e no exercício do magistério. Em 1863 publicou a sua *Teoria da afirmação pura*.

O objetivo da obra é combater, dum lado, o panteísmo transcendental alemão, do outro “esse amálgama racionalista que sem saber como há de balbuciar a sua definição, intitula-se eclético”. Para atingi-lo não “quer retrogradar para a escolástica, mas progredir nela”, nesta filosofia “tratada com desdenhoso desprezo pelos modernos escritores, mas que apresenta uma robustez de critério e uma elevação de ideias que reduziria ao silêncio os seus temerários detratores”. [24]

Infelizmente, o corpo do edifício não corresponde às esperanças deste frontispício enganador. De escolástica o bom do Padre não entende migalha.[25] O estudo de Kant, Fichte, Schelling e Hegel toldou-lhe de névoas o pensamento. A leitura de Gioberti embalou-o na ilusão de vingar na tentativa já abortada de cristianizar-lhe a filosofia. No estilo e na linguagem destes mestres alemães escreveu ele a sua obra de uma obscuridade impenetrável. Árdua tarefa entendê-lo, mais árdua ainda, senão de todo impossível, resumi-lo. O trabalho do P. Muniz é destes que escapam à crítica porque escapam à análise.

A filosofia é ciência inteiramente transcendental e ciência crítica dos fenômenos da atividade. Como ciência transcendental, ocupa-se dos princípios superiores a toda observação e experiência e abrange a *ontologia* que estuda o necessário e a *cosmogonia* que estuda o possível. Como ciência crítica, compreende a *análise* ou estudo dos fenômenos psíquicos e a *arquitetônica* que abraça a lógica e a moral. Na sua obra, cinge-se o autor à filosofia transcendental ou teoria da afirmação pura.

Ontologia. A existência do infinito é um princípio evidente, superior a todo o raciocínio. As provas *a posteriori* da existência de Deus têm apenas interesse prático, não valor científico.[26] O infinito é uno e necessário. Poder, inteligência e amor são os seus atributos. Cada um destes atributos implica uma objetividade ou, como se explica ainda o autor, um *substratum* distinto, uma personalidade.

O finito, cujos atributos são — problemático, condicional, contingente, múltiplo e indefinito — é intrinsecamente possível e deduz-se extrinsecamente do infinito por via de criação.

Cosmogonia. Na cosmogonia, que constitui a 2ª parte do livro, estuda o autor as noções de tempo, forma, espaço, cor, movimento e a atividade limitada que abrange os três princípios cosmogônicos do finito: o pensamento (consciência, razão, intuição e inteligência), a vontade e a sensibilidade.

Todas estas noções de si tão claras e elementares são pelo P. Patrício emaranhadas num dédalo de expressões abstrusas em cujos meandros desfalece a atenção fatigada e se esgota a paciência do mais heróico leitor.

Suas teses são verdadeiros enigmas. As *explicações*, os *comentos*, as *demonstrações* e *corolários* que por vezes as acompanham não lhes diminuem a obscuridade sibilina. Para darmos uma amostra desta feição do filósofo propomos aqui à perspicácia dos nossos leitores a decifração destes quebra-cabeças.

“O relativo é a dedutibilidade do positivo”, pág. 46.

“O subjetivo é o objetivo mais objetivo, mais completo”, pág. 56. “O belo é a identificação do subjetivo no objetivo”, pág. 56.

“O bem é a relação analítica da vontade na unidade da afirmação”, pág. 61.

“O tempo é a noção da objetividade finita na última simplificação”, pág. 95.

“A inércia é o poder limitado à objetividade.”, pág. 100.

“A cor é a relação externa do objetivo ao subjetivo determinada nas relações do espaço”, pág. 107.

A inteligência é “a identidade da razão e da intuição na individualidade do pensamento”, pág. 116.

“Substância é uma força que se subjetiva quando pensa e que completa esta subjetividade quando atua identicamente a sua afirmação subjetiva”, pág. 128.

“Em que consiste o crime? Em que a individualidade sendo uma força de subjetividade não se subjetiva”, pág. 130.

E isto chama-se filosofar! Não basta ainda. O mais interessante é a ingenuidade inacreditável com que se persuade o autor e às vezes o diz, muito candidamente, ser esta algaravia o genuíno pensar de S. Tomás e a expressão mais remontada da filosofia católica. [27]

Não. O P. Patrício é um pensador original, em todos os sentidos da palavra. A filosofia transcendental da afirmação pura nasceu com o seu livro e com ele morreu. Bem lhe está. É justiça.

8. Gregório Lipparoni é sacerdote italiano de origem, mas brasileiro naturalizado. Foi Reitor do seminário episcopal de Pernambuco, Diretor do Ginásio pernambucano e, mais tarde, professor de italiano no Colégio Pedro II, do Rio de Janeiro. Adepto das ideias de Rosmini e apoiado por D. Cardoso Aires, bispo de Pernambuco e também rosminiano fervoroso, empreendeu Lipparoni a propaganda entre nós das ideias do filósofo de Rovereto. Neste intento publicou, em 1880, no Rio, a obra intitulada *A Filosofia, conforme a mente de S. Tomás d’Aquino, exposta por Antônio Rosmini em harmonia com a ciência e com a religião*. [28]

§ 3.º — Escolásticos

Morais Torres e Soriano de Sousa são, entre nós, os mais antigos representantes da escolástica, o primeiro da escolástica decadente dos fins do século XVIII e que apenas merece esse título, o outro, da escolástica brilhantemente rejuvenescida na Europa na segunda metade do século XIX. Posteriormente outros defenderam as mesmas doutrinas.

9. D. José Afonso de Moraes Torres (1805-1865), natural do Rio de Janeiro e bispo do Pará, publicou em 1852 um *Compêndio de Filosofia Racional* em dois pequenos volumes. Nele pretende o autor apresentar “uma doutrina pura e expurgada dos princípios do sistema eclético de que se acham iscados quase todos os compêndios de filosofia racional, admitidos hoje na maior parte das escolas públicas” [29] O livro ex-

traído, como declara o próprio autor, das obras de Storchenau [30] é muito resumido. Abrange complexivamente 144 páginas, nas quais se fala de lógica, maior e menor, de ontologia, de cosmologia, de psicologia empírica e racional e de teologia natural. Não pode, pois, deixar de ser pouco mais que um índice. As doutrinas são de um espiritualismo que eu hesitaria em chamar escolástico, tanto distam da profundidade e coerência dos grandes mestres do século XIII. A teoria fundamental do ato e potência com a sua repercussão em todos os domínios da filosofia, o estudo do movimento, a composição hilemórfica dos corpos, a união substancial do composto humano, a teoria do conhecimento — tudo isto é omitido. Em compensação, encontro os enxertos leibnizianos das monadas, do otimismo mitigado, do argumento ontológico [31] e a teoria lockiana do influxo físico para explicar “o comércio da alma com o corpo”. [32]

Mais genuinamente escolástico é

10. José Soriano de Sousa (1833-1895). Natural da Paraíba, Doutor em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro e em filosofia pela Universidade de Lovaina, lecionou Direito público e constitucional na Escola de Direito do Recife e filosofia no Ginásio da mesma cidade, conquistando essa última cadeira em concurso com Tobias Barreto. Foi deputado por Pernambuco de 86 a 89, membro da comissão que elaborou o projeto de constituição desse Estado e seu representante no Congresso constituinte, exercendo, por muitos anos, na vida política e intelectual do país a justa influência devida a seus elevados dotes intelectuais e morais.

Entre outras obras deixou-nos: *Princípios sociais e políticos de S. Agostinho*, Recife, 1886; *Princípios sociais e políticos de S. Tomás d’Aquino*, Recife, 1886; *Compêndio de Filosofia* ordenado segundo os princípios e o método de S. Tomás d’Aquino, Recife, 1867, livro que foi adotado nos seminários do Brasil; *Lições de filosofia elementar, racional e moral*, Paris, 1871; *Considerações sobre a Igreja e o Estado, sob o ponto de vista jurídico, filosófico e religioso*, Recife, 1874; *Elementos de Filosofia do Direito*, Recife, 1880.

Soriano, que seguia de perto o movimento espiritualista na Europa, compreendeu cedo que “a máxima necessidade de nossos tempos é a restauração da metafísica cristã, fundada por S. Tomás no maravilhoso acordo das duas luzes do espírito humano, a razão e a fé”, [33] e consagrou o magistério e a pena à divulgação das ideias da escolástica rejuvenescida. Seus escritos não são trabalhos originais, nem mesmo feitos de primeira mão pelo estudo direto dos grandes filósofos do século XIII. Escolheu, porém, com acerto entre os escolásticos modernos os que melhor interpretaram o pensamento antigo e mais contribuíram para a sua reabilitação. Liberatore, Taparelli, Sanseverino e Kleutgen são, ao lado de Balmes e Ventura, escolásticos menos rigorosos, as suas fontes principais. Delas hauriu o que de melhor encerram os seus compêndios, que no gênero didático, representam, até hoje, o que de mais sólido e profundo se tem escrito sobre filosofia no Brasil. [34]

11. Entre os espiritualistas escolásticos merece também ser contado o **Visconde de Sabóia** (Vicente Cândido Figueira de Sabóia, 1835-1909). Médico distinto, [35] professor de clínica cirúrgica por mais de 20 anos na Faculdade do Rio de Janeiro, depois Diretor da mesma Faculdade, o sábio Visconde mais de uma vez sentiu, durante esta longa carreira, a necessidade de estudar, ao lado das teorias científicas, as questões filosóficas que lhe atraíam e solicitavam incessantemente a inteligência, sem que os trabalhos absorventes de sua profissão lhe proporcionassem o lazer para aprofundá-las. Jubilado nos últimos anos de sua vida, aproveitou-os para consagrar-se às leituras e meditações filosóficas. Fruto destes estudos é o livro: *A vida psíquica do homem*, Rio, 1903.

O objetivo que nele se propõe o autor é combater o materialismo e demonstrar que as teses fundamentais da filosofia espiritualista longe de se acharem em contradição com as recentes descobertas científicas são, pelo contrário, a sua única explicação racional que não mutila nem desnatura os fatos. [36]

O combate às doutrinas materialistas é dado em toda a linha. Desde a existência de Deus, “verdade demonstrada pelo livro da natureza, pelo livro da alma e pelo livro da história”, [37] até as questões éticas sobre a origem do dever e a sanção da lei moral, o Visconde percorre todos os pontos controversos, defendendo, com vigor contra os assaltos impotentes dos adversários, o patrimônio mais precioso da razão humana. São, porém, os problemas de psicologia racional os que mais o atraem. A natureza da inteligência e suas relações com o sistema nervoso, a espiritualidade e imortalidade da alma, o livre arbítrio, os hábitos e os instintos são questões amplamente desenvolvidas e minuciosamente analisadas.

No que respeita às doutrinas, O espiritualismo do nobre médico é de muito melhor cunho que o da escola eclética, aproxima-se muito mais do tomismo do que do cartesianismo. Entre os modernos, Farges, Gardair, Santana, Piat, Broglie, Caro, Janet, Fonsegrive, Liard e Naville foram os seus principais mestres. Apesar disso faltou ao Visconde o que chamamos propriamente a formação escolástica que não é tanto uma doutrina ou complexo de teses quanto um modo de pensar, um hábito de cerrar de perto o problema e descer direta e rapidamente, pela análise, ao âmago da questão estudada. Um exemplo. Consagra o autor à questão do livre arbítrio quase 150 páginas e nelas nem uma só vez entra a fundo no exame da natureza da liberdade. Em favor do livre arbítrio o argumento por ele mais desenvolvido é o do testemunho da consciência. Argumento bom porque óbvio e acessível a qualquer inteligência, mas não o melhor nem o mais profundo. Não se pode contentar o filósofo com registrar os fatos, deve investigá-los a natureza íntima e a razão derradeira, o último porquê. Ora, a consciência, no seu testemunho diz-nos apenas que somos livres, sem mostrar por que o somos e em que consiste a essência da liberdade. Um exame profundo da natureza da vontade, considerada como tendência para o bem conhecido pela inteligência dir-nos-ia muito mais, demonstraria não só a existência, mas ainda a necessidade do livre arbítrio, provaria que o determinismo é não só falso senão também absurdo.

Desejamos ainda na obra do Visconde mais concisão, mais ordem, mais homogeneidade. O livro, a nosso ver, revela o apressado de certas leituras que foram aproveitadas para a sua composição sem haverem sido previamente assimiladas.

Afora esses pequenos senões, a *Vida psíquica do homem*, pela importância e amplitude das questões estudadas, pela singular competência do autor nas ciências médico-naturais, pelo desassombro com que desmascara o sofisma, ainda quando apadrinhado por nomes ilustres, merece um dos primeiros lugares na galeria das obras filosóficas brasileiras.

12. São ainda francamente inspirados na filosofia escolástica:

— **Mons. Sentroul**, no seu *Tratado de Lógica*, publicado em português pelo ilustre doutor de Lovaina quando lente na Faculdade de Filosofia e Letras de S. Paulo. Sem a profundidade e a exatidão da *Lógica* de Mercier, seu mestre, o trabalho de Sentroul é ainda obra de real merecimento e utilidade.

— **Pe. Francisco M. Terlizzi**, sacerdote italiano que trabalhou na Diocese de Campinas, autor do *Breve curso de Filosofia*, impresso em Roma, em 1912. É uma exposição resumida destinada à primeira iniciação dos jovens no conhecimento da filoso-

fia escolástica. O autor, não atinamos bem por que motivo nem com que vantagem didática, adotou a forma de perguntas e respostas, que lhe torna a leitura menos corrente e agradável. Poderia também desejar-se mais apuro na linguagem e contato mais íntimo com as ciências experimentais e os sistemas filosóficos modernos. A escolástica não teme confrontos nem receia discussões, mas a luta é a primeira condição de seu triunfo.

— Sua Eminência o **Cardeal Arcoverde**, autor da *Sinopse de Lógica* (Rio, 1918) editada por **Mons. Fernando Rangel**. O resumo das lições professadas por sua Eminência quando professor no Seminário de Olinda, foi modificado e enriquecido pelo editor com numerosos capítulos colhidos com acerto nos mais autorizados cursos estrangeiros. A *Sinopse de Lógica* é o melhor tratado que, no género, se tem publicado no Brasil.

ARTIGO II

CORRENTE POSITIVISTA

13. É sabido que, antes mesmo da morte de Augusto Comte, já se havia o positivismo cindido em dois grupos. Um, dirigido mais tarde por Laffitte, reconhece a unidade da obra do mestre e aceita-a em sua integridade; outro, chefiado por Littré, distinguindo nela duas partes opostas, uma filosófica, outra político-religiosa, admite a primeira e rejeita a segunda. Para uns o *Curso de filosofia positiva* e a *Política positiva* são partes integrantes e inseparáveis do mesmo todo, para os outros a *Filosofia positiva* encerra os germes vigorosos de uma nova filosofia, mas a *Política positiva*, sua antítese, representa apenas o parto de um cérebro desequilibrado pela enfermidade. O positivismo é, para os primeiros, filosofia e religião, para os segundos, simplesmente um sistema e um método filosófico. Aqueles são os *ortodoxos*, estes os *dissidentes*.

No Brasil as duas correntes tiveram também os seus representantes.

§ 1.º — Positivistas ortodoxos

14. A. Princípios. Datam de 1869 as primeiras manifestações do positivismo no Brasil. **[38]** Foi em Pernambuco, quando lá se achavam Tobias Barreto e Sílvio Romero que se divulgaram primeiro as ideias de Comte. Pouco depois (1876) fundava Benjamin Constant (1833-1891), no Rio de Janeiro, a *Sociedade Positivista*, **[39]** havendo antes iniciado no magistério da Escola Politécnica e depois na Escola de Guerra, ao lado da campanha em prol das ideias republicanas, a propaganda ativa e entusiástica dos princípios do positivismo. Multiplicaram-se assim nas classes armadas os adeptos de uma doutrina cujo fundador aparecia aureolado pelo prestígio do matemático. Era uma lisonja á vaidade profissional que muito contribuiu para a aceitação das novas ideias filosóficas. Benjamin Constant, porém, posto tenha poderosamente influído para a difusão do positivismo, não é, contudo, reconhecido pelos ortodoxos como fundador do grupo. **[40]**

B. Fundação do grupo. Cabe principalmente esta iniciativa a Miguel Lemos (1854-1916) e a R. Teixeira Mendes (1855-1927). **[41]**

Foi em 1875 que Miguel Lemos publicou seus primeiros artigos sobre o positivismo, reunidos mais tarde em opúsculo sob o título *Pequenos ensaios positivistas* (Rio, 1877). Era nessa época um “positivista incompleto”. A viagem à Europa, empreendida em 1877, devia “convertê-lo” inteiramente às ideias de Comte. Em 1879, no “dia dos mortos” (31 de dez.) pronunciava ele no túmulo do fundador o “compromisso solene de consagrar todo o seu devotamento, toda a energia do seu ser à propagação da doutrina regeneradora”. Em 1880 (25 nov.), recebia de P. Laffitte, sucessor de Comte no pontificado supremo da Humanidade, o sacramento da “Destinação”, como “aspirante ao sacerdócio da Humanidade”. De volta ao Brasil no ano seguinte tomava a direção do grupo positivista ortodoxo.

As relações entre Laffitte e o chefe do grupo brasileiro, a princípio amistosas e cordiais, não tardaram em esfriar, degenerando, até, com o tempo, em franca hostilidade. Laffitte acusou a Lemos de leviandade e orgulho, Lemos retrucou a Laffitte com veemência e acrimônia, acoimando-o de impostor, sofista e corruptor das doutrinas do mestre. [42] Rasgadas assim as relações entre os chefes, operou-se naturalmente a cisão entre os partidos. Os brasileiros constituíram-se em grupo autônomo, desunidos de Laffitte e mais aproximados dos chilenos chefiados por J. Lagarrigue.

C. Organização interna do grupo. A Igreja positivista “composta do conjunto de indivíduos e de famílias que aceitam integralmente a Religião da Humanidade e que reconhecem a autoridade espiritual do Apostolado positivista do Brasil” compreende “um grêmio geral constituído pela totalidade dos fiéis e um núcleo de direção espiritual formado por aquele Apostolado”.

Os fiéis, divididos em positivistas completos e prosélitos, comprometem-se a não aceitar cargos políticos, a não lecionar em institutos oficiais de ensino secundário e superior, a não se filiar em associações científicas, literárias e políticas, a não tomar parte alguma no jornalismo etc, etc.

O núcleo espiritual ou coordenador compreende os aspirantes aos 28 anos e os apóstolos aos 35. Condições essenciais para pertencer ao apostolado sistemático são: um preparo teórico avaliado pela capacidade de explicar o catecismo positivista, “uma abnegação temporal caracterizada pela obrigação de viver exclusivamente de um modesto subsídio fornecido pela Igreja”, “uma preparação moral resumida num digno casamento”. [43]

D. Atividade do grupo. Sob a direção de Miguel Lemos, coadjuvado eficazmente pela dedicação de Teixeira Mendes, o grupo brasileiro, uma vez organizado, entrou numa fase prodigiosa de proselitismo e de atividade propagandista digna de melhor causa. Em 1881, Miguel Lemos iniciava a publicação de um relatório anual e de outros opúsculos de propaganda sob o título geral de “Apostolado positivista do Brasil”. O número destas publicações ascende atualmente a mais de 400.

No mesmo ano (1881) começava Teixeira Mendes, numa das Salas do Liceu de Artes e Ofícios, um curso continuado por muito tempo e destinado ao ensino sistemático do positivismo.

Em 1891, a 5 de agosto, “festa da mulher”, inaugurou-se no Rio a primeira parte do Templo da Humanidade, definitivamente terminado em 1897. O templo onde religiosamente se celebram as principais festas do Calendário positivista foi construído em harmonia escrupulosa com as indicações do Comte. [44]

Tudo isto indica uma intensidade de vida expansiva muito de molde para angariar prosélitos e dar à nova igreja uma aparência ilusória de força capaz de intervir decisivamente nos destinos nacionais.

E. **Influência política e social do grupo.** Com efeito, unidos, organizados, hierarquizados, os positivistas entraram cedo a influir com as suas ideias na vida política do país. Aspiração deles era fazer no Brasil uma aplicação das extravagâncias e utopias da *Política positivista*. A proclamação da República, que marca o apogeu desta influência, pareceu-lhes o momento azado para uma intervenção eficaz. No governo provisório, muitos e poderosos eram os elementos de ação de que dispunha o grupo. Além de um núcleo de adeptos nas classes armadas, contavam aqui, no Rio, com o apoio de dois ministros (Benjamin Constant e Demétrio Ribeiro), e os Estados, principalmente em Pernambuco e no Rio Grande do Sul com os políticos mais influentes, uns francamente positivistas, outros, “simpáticos à doutrina”, como então se dizia. Naturalmente entre os subalternos, entre os funcionários das secretarias e repartições públicas, bafejados pelas influências de cima, pulularam os positivistas como cogumelos depois da chuva.

A estes fatos de ordem política e exterior cumpre ainda acrescentar outras causas que explicam a ação do positivismo no nosso meio social.

O aparelho matemático e científico de que se revestiu a propaganda, apto em si para cativar engenheiros e militares; a organização unida e disciplinada do grupo; nos diretores do movimento, uma perseverança, uma dedicação às suas ideias, verdadeira-mente rara entre nós; além de tudo isto, o estado geral de nossa cultura filosófica, o desamparo em que jazia o espiritualismo sem defensores vigorosos e aparelhados para a luta, explicam facilmente o domínio e a influência que em todo o país exerceu por algum tempo a minoria positivista. Influência real, influência incontestável, mas, ainda assim, influência que não convém exagerar, influência mais superficial que profunda. De fato, a que se reduz ela?

O plano adotado para a nossa bandeira nacional com o seu lema inocente “ordem e progresso”, poucos artigos de somenos importância na nossa constituição, alguns feriados nacionais como o 14 de Julho, o “saúde e fraternidade” e mais umas tantas fórmulas positivistas de que se impregnou então a linguagem oficial [45] — eis o em que se cifra a ação do positivismo no governo provisório. Fora daí sua influência foi secundária. Na abolição da escravatura, [46] na separação da Igreja do Estado, na questão do casamento civil, e em algumas outras mais, a contribuição positivista foi exígua, representando apenas o filete d’água que veio engrossar uma corrente antiga alimentada por outras fontes. Foi simplesmente uma força a mais, nem a primeira nem a mais importante.

A querermos agora julgar com isenção de ânimo a intervenção do positivismo na nossa vida política, diríamos que ela foi em si funesta e desastrada ainda que acidentalmente tenha podido produzir alguns bons resultados. "

Funesta e desastrada em si por ter contribuído (que não é só o positivismo o responsável) para a separação da Igreja e do Estado, consumando destarte o divórcio entre o governo e a nação, entre o Brasil oficial e o Brasil real, pela imposição, a um povo fundamentalmente católico, de uma constituição a-religiosa, isto é, praticamente atea. Bons efeitos produziu-os ela acidentalmente, porque, graças à sua ação moderadora, concorreu talvez para coibir os ímpetus revolucionários e impedir que a mudança de governo fosse entre nós acompanhada dos excessos demagógicos que tanto a deslustraram em outras nações.

Passados poucos anos sobre a proclamação da República, o grupo ortodoxo entrou na sua fase de declínio. Hoje vive ainda, mas de uma vida lânguida, que melhor se diria agonia prolongada. [47] Sua existência é em o nosso meio um anacronismo que tende necessariamente a desaparecer.

E as doutrinas? Nada temos que dizer sobre este ponto. Comte já nos é conhecido e os ortodoxos fazem profissão e alarde de não alterar um til nas doutrinas “dos santíssimos fundadores” da religião da Humanidade (Comte e Clotilde). Não escreveu Miguel Lemos: “Afirmamos que o 4.º vol. da *Política positiva* é o nosso Levítico, Levítico científico tão certo para nós como a Geometria”? Decididamente, os positivistas levam a palma aos discípulos de Pitágoras. Nunca a razão humana foi tão sacrificada à autoridade de um homem. [48]

§ 2.º — Positivistas dissidentes

15. LUIZ PEREIRA BARRETO, nascido em 1840 no Rio de Janeiro e doutor em medicina e ciências naturais pela Universidade de Bruxelas, é um dos primeiros autores que no Brasil vulgarizaram as doutrinas de Comte.

O aspecto sociológico do positivismo foi o que mais o impressionou. Escolheu-o como assunto principal das suas *Três filosofias* em 3 partes: 1ª parte, *Filosofia teológica* (1874); 2ª parte, *Filosofia metafísica* (1876); 3ª parte, *Positivismo*. [49] Além desta obra publicou também o autor: *Soluções positivas da política brasileira*, S. Paulo, 1880; *Positivismo e teologia, uma polémica*, S. Paulo, 1880.

Quando Pereira Barreto começou a escrever, ferviam entre nós os debates acerca da questão religiosa. Visto através do prisma positivista, o conflito entre o poder eclesiástico e o civil afigurou-se-lhe como uma luta suprema entre o estado teológico e o metafísico. Magnífico ensejo de diluir algumas variações sobre a famosa lei sociológica de Comte aplicada ao Brasil. Pereira Barreto acolheu-o com entusiasmo e suas *Três filosofias* não são outra coisa: a teologia, a metafísica, o positivismo na história da humanidade e do Brasil.

A. **Doutrinas.** Antes de tudo, nenhuma originalidade. O autor segue de perto os fundadores do sistema, decalcando páginas inteiras do seu livro [50] sobre Comte e Littré. Já lhes conhecemos as doutrinas. A humanidade passa no seu desenvolvimento histórico por três grandes estados: o teológico, o metafísico e o positivo, “último termo da progressão humana”. [51] No estado teológico podem distinguir-se três fases: o fetichismo, primeira atitude do pensamento em face da natureza, “estado verdadeiramente natural do homem”. [52] o politeísmo “que transportou o espírito humano do concreto ao abstrato” [53] e o monoteísmo, última fase e a mais perfeita do estado teológico.

Recapitulando em sua vida individual a história evolutiva da espécie, o homem nas diferentes idades atravessa os mesmos períodos. É naturalmente teólogo na infância (fetichista nos primeiros anos, politeísta até pouco antes dos 10, depois monoteísta), físico na juventude e positivista na idade madura. “Tal é a lei fatal, imanente, indestrutível da nossa economia mental”, [54] lei que exprime o desenvolvimento normal da razão, isto é, do homem no seu estado “de saúde cerebral”. Porque, na velhice e nos casos de patologia mental observa-se um fenómeno regressivo: espíritos emancipados voltam ao monoteísmo, teólogos monoteístas resvalam de novo no politeísmo e até no fetichismo (*sic!*).

Aplicando a suposta lei ao Brasil, lamenta o nosso autor que ele até hoje tenha vivido sob o jugo da teologia. É mister libertá-lo deste cativeiro em nome da ciência. A metafísica de que “a revolução francesa foi a mais enérgica e intensa encarnação” (!), [55] sendo uma fase transitória, essencialmente demolidora, não pode definitivamente suplantar a sua rival, porque não se destói senão o que se substitui. Só resta, pois, o es-

tabelecimento do positivismo, alvo supremo que deve ser dos esforços dos nossos sábios e patriotas esclarecidos. Nesse intuito, “declarada a falência do regime social teológico”, [56] cumpre antes de tudo reformar a educação que, radicalmente viciada, tem sido a fonte primeira dos grandes males que nos assoberbam. Emancipemo-la, e logo, do domínio da igreja e do sobrenatural e regeneremo-la nos ensinamentos fecundos da filosofia positiva. “Vamos encetar uma análise filosófica, que tem por alvo a eliminação total e definitiva das últimas crenças no sobrenatural.” [57] Que paraíso de delícias será a nossa terra quando o positivismo tiver invadido tudo! “Sob o impulso do sentimento crescente da ordem natural revelada pela ciência, a cena da vida assume uma nova face, um novo clarão ilumina todos os horizontes, uma moral superior à moral teológica ocupa o mundo: é a justiça social, é a tolerância, é a paz, é a subordinação dos interesses privados ao interesse comum, é a simpatia universal, é a humanidade. Nenhum lugar vazio: tudo preenchemos pelo coração, pela inteligência e pela ação; a trindade católica transforma-se em realidade social; aos motivos que emanavam provisoriamente da divindade para animar o sentimento substituímos os móveis sociais inteiramente desinteressados; ao regime confuso e arbitrário das vontades sobrenaturais, que surpreendiam o intelecto sem esclarecê-lo, substituímos a precisão das leis demonstráveis; enfim, na política e na indústria, em todo o domínio da ação, substituímos o dever ao direito, os pacíficos labores à guerra, a convergência e a unidade dos esforços à concorrência desenfreada”. Que idílio! quem não vê na sociedade contemporânea a realização, ou pelo menos a aproximação deste estado beatífico? Quem não vê nesta “simpatia universal” entre classes e povos, nesta “substituição do dever ao direito”, nesta “subordinação dos interesses privados ao interesse comum” o fruto precioso da substituição desta “moral superior” à velha, caduca e decrépita “moral teológica” ?

Nesta guerra de extermínio ao monoteísmo católico, longe do autor o sarcasmo voltairiano ou o ódio sectário. O positivismo, diz-nos ele, sabe respeitar o passado. A Igreja, a seu tempo, prestou relevantes serviços à humanidade, que, por isso, lhe deve preito de imortal gratidão. Mas atualmente os seus dogmas “já preencheram o seu ofício, estão exaustos e acham-se hoje em contradição com os depoimentos da ciência sociológica.” [58]

Como a servo imprestável, o autor, em nome da humanidade, despede-a cortesmente com um simples obrigado. [59]

B. **Crítica.** Não vamos repetir aqui a crítica da lei sociológica, crítica feita já por tantos outros e por nós brevemente indicada em outro lugar. Lembramo-la apenas para mostrar quão frágeis são as bases sobre as quais o Dr. Pereira Barreto levanta o seu edifício. Infelizmente não é só a base que é frágil, a superestrutura não vale mais que os fundamentos.

As considerações históricas aduzidas em confirmação da lei de Comte são de uma superficialidade inconcebível. Decididamente, a filosofia da história não é a especialidade do grande cirurgião paulista. Faz ele no princípio do livro uma síntese da marcha ascendente da humanidade, assinalando-lhes os marcos mais importantes. É uma síntese de inépcias. (Não há como qualificá-la menos severamente sem faltar à verdade.) Citemos apenas os períodos que se referem à ação de Aristóteles, S. Paulo e Descartes.

“O estagirita, depois de Tales e de Pitágoras, comunica às criações da estética (!) o abalo crítico que despoeva para sempre as sumidades do Olimpo e do Parnaso. Os corações sensíveis sangram de saudades; os patriotas choram, sobre as ruínas da Pátria; Helas oculta a face sob as dobras do luto de seus deuses.” [60] “S. Paulo recolhe da boca de Sócrates o programa do futuro (!) e, pela mais sublime das abnegações pessoais, como pela mais bela série de metáforas (!), se esconde perante seus compatriotas sob a

figura ideal de um divino redentor, pura criação do seu espírito (!).” [61] Tudo isto é história genuína, já se vê.

“Gutenberg, dando asas ao pensamento, põe nas mãos Descartes, o alferes de 23 anos, a formidável artilharia, que, vomitando o ceticismo, abriu a brecha no passado, varreu da terra os potentados (!) e lançou sobre o próprio Senhor dos céus o mais sublime e peremptório interdito.” [62]

Sem comentários. É a última palavra da ciência “positiva”, cujos “arestos são irrevogáveis”.

C. As considerações sobre o cristianismo são ainda mais deploráveis. Quanta ignorância! Por que não estudar o que se critica? A ciência “positiva” dispensa porventura o conhecimento dos fatos e das doutrinas?

Relevamos em primeiro lugar o erro fundamental de considerar a religião cristã como simples produto humano e natural da evolução das inteligências. [63] Os padres e bispos formaram na Idade Média uma sociedade de homens perspicazes, [64] que, alterando a doutrina e a moral de S. Paulo, souberam adaptá-la às necessidades sociais do seu tempo e destarte concorrer para o progresso da humanidade. O seu sistema, porém, “incontestavelmente sábio e eficaz para a queda do Império Romano e para a Idade Média, revelou a sua completa incapacidade do momento que surgiram as primeiras noções positivas da ciência. É de 1300, do século da *Divina Comédia*, que o positivismo faz datar a sua morte. [65] Não nos assusta o tom de oráculo porque já sabemos quanto valem os seus decretos. O catolicismo, volvidos seis séculos depois da certidão de óbito retroativa que lhe passou Pereira Barreto, vive ainda. A julgarmos pelo mesmo critério cronológico que diremos do positivismo que não chegará vivo a celebrar o seu primeiro centenário?

Este erro fundamental falseia pela raiz todos os juízos do autor acerca da Religião católica. Mas, além dele, pululam as falsidades em pontos e dogmas particulares. Aqui nos diz o “cristianismo se conservou indissolivelmente ligado ao politeísmo (!) para só tornar-se verdadeiramente monoteísta entre as mãos de Lutero e Calvino”. [66] O culto dos santos confundido com o politeísmo! Além, escandaliza-se do juízo universal porque “o homem depois de morto renda a sua alma ao Criador que a julga imediatamente e lhe assina o lugar que merece a sua virtude ou seu vício. Ora, o dia do juízo constitui um tribunal que faz duplo emprego de sentença e escandaliza a justiça humana que diz *non bis in idem*”. [67] Em outros lugares, encarecendo os estragos que na inteligência faz a teologia escreve desassombradamente: “Que o homem fantasiado pela teologia experimenta delícia em crer nos mais singulares absurdos: *credo quia absurdum* é a senha de todos os tempos de fervor religioso”. [68]

E o ilustre doutor, tão amigo dos fatos, não se dignou trazer em apoio de tão descompassada enormidade o texto de *um só* Santo Padre ou Doutor da Igreja católica! Pouco adiante afirma que “o mais robusto teólogo, quando extenuado pela dor física, volta ao politeísmo e sobretudo ao fetichismo”. [69] E este fato, que só o é na imaginação do autor, compensa largamente a seu ver as conversões, na hora da morte, de “espíritos emancipados” ao catolicismo, conversões de que debalde procura a igreja tirar partido apologético, por exprimirem apenas fenômenos de regressão, que vem confirmar, por via patológica, a grande lei de Comte. [70] Maravilhosa lei!

Mais um exemplo. Fulmina o autor a sua condenação contra a teologia, “condenação definitiva, irrevogável nos tempos modernos e nos futuros porque o seu método contradiz as ciências físicas e biológicas”. [71] Como e por que, não no-lo diz. O método da teologia é diferente do método das ciências físicas. Também o das ciências matemáticas não é o das ciências biológicas. O método adapta-se necessariamente ao objeto

de cada ciência. Mas diversidade não é contradição. Fato significativo! Esta contradição enxergada pelo Dr. Barreto, depois de Comte e Littré, que não foram nem grandes físicos nem grandes biólogos, não a viram os geniais iniciadores e os mais abalizados representantes destas ciências desde Galileu, Descartes e Newton até Ampere, Pasteur e Lord Kelvin! [72]

Mas é tempo de concluir; e que concluir de tudo isto? Que não basta inculcar-se livre pensador para pensar bem, que não basta trazer nos lábios a palavra mágica de “ciência moderna” para respeitar os fatos e fazer obra verdadeiramente científica, que não basta possuir talento e conhecer medicina para escrever de história, de filosofia e de religião. A história do gênero humano é mais complexa do que supõe o positivismo superficial. O homem, pela parte mais elevada do seu ser, .escapa ao bisturi do anatomista e às leis do fisiólogo, a filosofia transcende a biologia. O conhecimento da verdadeira religião que é a questão mais séria na vida dum homem. Sem boa vontade isenta de paixões, sem espírito despido de preconceitos sistemáticos, sem amor sincero e eficaz da verdade, não há resolvê-la com acerto.

Escrever levemente sobre estes assuntos, aventurar-se por estas regiões sem estudos sérios, sem conhecimentos sólidos e profundos, com a simples" leitura de Comte e de Littré é arriscar-se a comprometer irremediavelmente a glória de um nome que a arte médica poderia talvez um dia proclamar ilustre.

16. O mesmo errado trilho de Pereira Barreto seguiram ainda outros professores de nossa terra, marchando, dóceis, na alheta de Littré e Laffitte. Seus trabalhos são, porém, de somenos valor. Neles nada há de original que se possa apurar para a história do pensamento.

ARTIGO III

CORRENTE MATERIALISTA

17. Entre os numerosos sistemas que se apresentaram no cenário das ideias durante o século XIX reapareceu também, trajando à moderna, o materialismo, o antigo materialismo de Demócrito e Epicuro, de D’Holbach e Lamettrie. A princípio, explorando logo em próprio benefício a hipótese darwiniana sobre a origem das espécies, tomou um sobrenome e chamou-se *materialismo transformista*. Mais tarde, envergando-se talvez desta “denominação ambígua e causticante de materialismo”, [73] trocou totalmente de apelido e intitulou-se monismo realista. As doutrinas são fundamentalmente as mesmas, só o rótulo é diferente. Mas a só novidade do nome, velando a antiguidade da coisa, era suficiente para dar-lhe entrada no público e aliciar os espíritos frívolos e superficiais à cata de uma filosofia fácil. [74]

Tal o movimento materialista na Europa, tal a sua repercussão no Brasil.

§ 1.º — Materialistas transformistas

18. Domingos Guedes Cabral (1852-1883), doutor em Medicina pela Faculdade da Bahia, sua cidade natal, publicou em 1876 um livro intitulado: *Funções do cére-*

bro [75] em que professa o materialismo mais radical. É uma reedição cansada dos velhos sofismas que a história da filosofia já encontra na antiguidade grega. Só é moderna a roupagem científica. Vejamos.

A. **Doutrinas.** O pensamento é uma forma de movimento. A equação perfeita entre o volume, o peso, a forma do cérebro e o desenvolvimento intelectual demonstra que as células nervosas são o agente único e exclusivo de toda a nossa vida psíquica. [76] A “fluorescência” de que são dotados estes elementos anatômicos explica facilmente a produção da ideia. A quem se admirasse, responde o autor que mais de pasmar “é esta verdade científica de maior peso, essa reminiscência, essa memória artificial achada por S. Vítor numa simples gravura pelo simples fato da fotogenia da luz”. [77] Os fenômenos da inteligência e da memória identificados com a fosforescência de uma gravura!

Reduzido assim o pensamento a um simples fato mecânico, nenhuma dificuldade em rebaixar o homem até o bruto. “O homem é apenas um macaco aperfeiçoado... tem como irmãos... 1.º, os *catarrinianos*; 2.º, os *platirrinianos*; 3.º, os *lemurianos*” etc, etc. [78]

As consequências morais destas doutrinas grosseiras não fazem recuar o atrevido doutorando. “Livre arbítrio? Não sabemos o que seja”. [79] O bem e o mal? “O bem é uma convenção, um pacto; o mal, uma relatividade do bem. Não há mal absoluto.” [80] A honra? “Honra! — exclama Cabral tragicamente — a sempre cruel, a sempre pavorosa esfinge das convenções sociais.” [81] E a dignidade do homem, identificado com o símio não ficará aviltada por esta fraternidade degradante? Não, engano, acode o moço, esta verdade “por mais que pareça nos humilhe não faz senão engrandecer-nos; pois, assinalando o lugar que nos compete na natureza, mostra-nos o que nos é lícito pela ciência aspirar. O homem!... última *verba* da animalidade! [82] Isto... faz hoje parte integrante da bagagem científica com que vai em busca do futuro o mundo moderno”. [83]

B. **Crítica.** Das poucas citações que aí deixamos já se poderá fazer um juízo do autor. Seu estilo é de moço embriagado pelos primeiros fumos de uma ciência oca e palavrosa. Suas ideias, ele as expõe audazmente como se foram a expressão infalível da ciência. Mas a ciência para Cabral, a ciência “que brota pujante e luminosa das fontes venerandas dos sábios” é o materialismo, sistema salvador, última palavra do progresso, panacéia destinada a sanar todos os males da humanidade. [84] Tudo quanto não é puro materialismo — e mal sabe ele que o espiritualismo foi a filosofia de todos os grandes gênios, desde Aristóteles e Platão até Ampere e Pasteur — é engano, ficção, absurdo, mistificação metafísica, edifício carunchoso que desaba em ruínas etc, etc. À míngua de argumentos não lhe escasseiam expressões ampulosas e declamação balofa e fanfarrã. O que de todo lhe falece é a competência para tratar com segurança e solidez a tese escolhida.

Em filosofia seus conhecimentos não se estendem além dos acanhados horizontes das obras de Buchner, Luys, Taine e poucos mais. Com armas emprestadas destes autores combate o espiritualismo e ignora-o por completo. As questões mais importantes que se prendem ao seu assunto ele ou as desconhece ou as resolve com esta levianidade de espíritos superficiais que se pagam de algumas palavras aparatosas. Em todas as páginas do livro reina a mais deplorável confusão entre imagem e ideia, sensibilidade e inteligência, razão e instinto. Suas conclusões sobre as faculdades intelectuais do homem são firmadas em experiências feitas em cérebros de pombas e galinhas. A análise dos fenômenos mais rudimentares de psicologia é obtusa e grosseira, identificando fatos

de todo ponto diversos. “Sentir a queimadura — escreve ele, é o mesmo fenômeno que sentir a piedade que inspira uma página do Evangelho. Movimento cerebral mais ou menos bem produzido na trama celular: nada mais.” [85] Não escreverá ele uma página adiante que entre a psicologia e a fisiologia “é o escalpelo que traça o veredicto?”

C. Para se fazer uma ideia mais exata do pensador e de sua feição de argumentar, desçamos a alguns particulares.

— Abre Cabral o capítulo sobre a localização das faculdades intelectuais. “Que são faculdades intelectuais? Diversas maneiras de manifestar-se a atividade dos elementos essenciais do cérebro”, pág. 169 — Definição maravilhosa! Uma reação química é um modo de manifestar-se a atividade de uma célula nervosa, logo... é uma faculdade intelectual.

— Sobre a origem do homem, o nosso autor tem raridades inéditas como estas: “Adão é um mito”. Por quê? Porque “um primeiro homem é um absurdo”, pág. 222. — Quem não folgaria de ver uma demonstraçãozinha de que entre primeiro e homem existe uma contradição *in terminis*, essencial, um absurdo?

— Na passagem do homem ao macaco o filósofo só vê duas dificuldades: a cauda e a disposição preênsil dos órgãos inferiores. Mas estas mesmas não o embarçam seriamente. Ouçamo-lo.

“A questão de cauda está hoje resolvida: o homem foi primitivamente animal caudato... Ainda em nossos dias se encontram raças humanas (!) providas desse prolongamento bestial cuja abolição no geral dos homens é apenas uma conquista da civilização sobre a natureza”, pág. 220.

“A questão de serem as extremidades inferiores órgãos de preensão nos catarrinianos e no homem órgãos de apoio — está também resolvida. O testemunho dos mais conspícuos viajantes fortalece os sábios na demonstração da existência de hordas de selvagens cuja vida passa-se (não se assustem os gramáticos: são os pecadilhos mais inocentes do Sr. Cabral) sobre as árvores, à laia dos macacos inferiores e onde os pés são verdadeiros órgãos preensíveis. É também uma conquista, uma violência, diríamos melhor, da civilização sobre a natureza, essa transformação das aptidões do pé humano. A cavalaria abissínia cavalga e luta ainda hoje servindo-se dos pés”, págs. 220-1. — Será preciso ir à Abissínia para ver cavaleiros servirem-se dos pés quando cavalgam?

E tudo isto se afirma com uma seriedade aruspina em nome da “ciência pura, real, palpitante de nossos dias”!, pág. 114.

Tal a força da lógica e do raciocínio em Cabral.

A parte científica não lhe vale mais que a filosófica. Em toda a obra, não há uma observação pessoal, uma só experiência própria. Suas páginas estão prodigamente lardeadas de intermináveis citações. Houvesse ao menos assimilação, unidade de ideias, coerência! Não! as contradições pululam e tudo revela o açodamento, inimigo da maturação de ideias, a precipitação com que se atabalhoam de afogadilho as obras de fanfarraria. Realmente, de um médico, tínhamos direito de esperar mais exatidão na frase, mais conhecimento, ao menos, das ciências físicas e naturais. Respinguemos, aqui e ali, nesta seara abundante, alguns erros e inexatidões científicas.

— À pág. 9 crê poder avaliar o peso do cérebro humano em 1200g; à pág. 74 cita, como verdadeira, uma estatística de Broca que dá a média de 1350 g. — Não é a mesma coisa!

— À pág. 2 fala-nos em “diferenças porventura (!) existentes entre o cérebro dos catarrinianos e o do homem, que, por insignificantes quase os fazem tocar-se”. — Que anatomista sério subscreveria esta proposição? Pouco antes nos havia dito que o cérebro

serve de “craveira por onde se afere o grau de aperfeiçoamento de *todos* os seres desde o organismo mais rudimentar até o homem”. O organismo mais rudimentar não tem cérebro, Doutor.

Aqui nos diz que “os gorilas andam tão aprumadamente como os homens” (pág. 221), na página seguinte afirma, sem pestanejar, que “a origem do homem se perde entre as ossadas mil vezes milenárias (!) de animais extintos. É a última palavra da ciência” pág. 222.

— Entrando em outro terreno informa-nos que “o grande químico Dumas abalou profundamente a teoria atômica (!)... Mais profundamente, porém, que Dumas Graham derrocou a teoria atômica (!!). Segundo ele, os átomos químicos são compostos de moléculas físicas infinitamente pequenas que reproduzem-se ao infinito”, pág. 106. — Tudo isto é imperdoável, mesmo num doutorando de medicina que se arvora em filósofo materialista.

Não! não convinha protestar. Lida a tese de Guedes Cabral não podemos deixar de subscrever o ato da Faculdade que a rejeitou. Não foi um atentado contra a liberdade de pensamento, foi zelo da sua dignidade. Livros assim não merecem vir à luz.

19. José de Araújo Ribeiro (1800-1879), Visconde do Rio Grande, é o autor da obra anônima: *O fim da criação ou a Natureza interpretada pelo senso comum*, publicada no Rio de Janeiro, em 1875. Natural de Porto Alegre, Araújo Ribeiro formou-se em direito na Universidade de Coimbra, foi diplomata, tendo representado o Brasil nos Estados Unidos e em várias cortes da Europa, vindo a falecer como senador do Império, em 1879. [86]

Pelo seu desenvolvimento, pelo gênero de provas preferido e por inúmeras outras particularidades, o trabalho do Visconde é de naturalista e deve ser julgado pela crítica científica. Sua tese geral, porém, é de alcance cosmológico e como tal interessa também ao filósofo.

A. **Doutrinas.** O objetivo que se propõe o autor é “mostrar que a terra é dotada de uma vida própria e se nutre como os indivíduos organizados”. [87] Para esse fim julga suficiente demonstrar que o nosso planeta cresce continuamente de volume e que este crescimento só se pode explicar por um fenómeno de nutrição.

Depois de rejeitar a teoria cosmogônica de Laplace, inclinando-se a sentir “que os astros são fissíparos e se multiplicam por divisão e não por formações individuais no seio das nebulosas do espaço”; [88] depois de excluir a hipótese de um núcleo ígneo em fusão, incompatível com o crescimento do globo, entra diretamente na proposição de hipóteses e na explicação dos fatos que fundamentam seu modo de ver.

Os espaços celestes estão cheios de um ar extremamente rarefeito, constituindo um imenso reservatório de matéria onde vai o nosso globo colher “os alimentos necessários à sua manutenção e desenvolvimento. O seu girar contínuo parece não ter outro fim.” [89] O manto gasoso que nos envolve é o intermédio destinado a haurir matéria nos espaços e cedê-la à parte sólida do planeta. É um fato, diz ele, que os elementos da atmosfera — oxigénio, azoto, anidrido carbónico — se fixam continuamente na parte sólida, entrando em combinações estáveis para a formação de rochas e terrenos, ao passo que “ainda não vi alegada prova alguma convincente de que todas essas combinações se desfazem, para que eles tornem para a atmosfera”. [90] As próprias águas pluviais contribuem para o crescimento da terra, visto como “não faltam fatos muito conhecidos que nos conduzem diretamente à persuasão de que há realmente excesso, e muito considerável, nas águas que descem da atmosfera sobre as que para ela sobem”. [91]

Não é, porém, à fixação direta dos fluidos atmosféricos que a terra deve principalmente o seu desenvolvimento; o papel do invólucro gasoso é, sobretudo, colher alimentos no espaço interplanetário. A função de fixá-los, elaborá-los, assimilá-los, pertence, de modo especial, aos seres vivos. “O ofício dos vegetais e animais, como todos estamos vendo, é o de sorver incessantemente a atmosfera para a condensarem e solidificarem, e para darem à terra em seus despojos, o resultado dessa operação”. [92] E é ao depósito destes resíduos que se deve atribuir em grande parte, senão exclusivamente à formação de todos os terrenos sedimentares.

E o homem? Também ele não escapa à grande finalidade da criação: contribuir para o interminável crescer da terra. Ouçamos ainda o autor. “O fim para que a natureza dotou o animal homem de inteligência foi para fazer dele o mais vigoroso instrumento de condensação dos fluidos aéreos, missão que ele preenche admiravelmente.” [93] “Pelo que respeita à espécie humana, também os seus indivíduos nascem e crescem para morrerem e engrossarem as camadas dos terrenos quaternários.” [94]

É claro. Nascemos para morrer e morremos para engrossar a terra. Nobre destino! O que há de mais elevado em nós, o pensamento e a virtude, são apenas episódios de somenos importância que se eclipsam ante a magna função de avolumar o planeta vivo, insaciável de aumento. “A vida moral ou espiritual que se nos afigura talvez como razão determinante da nossa existência, desaparece inteiramente com a morte (!) e de ordinário antes da mesma morte, como se fora um sonho, não ficando de real e positivo senão o nosso cadáver, essa porção de ar condensado que a terra logo reclama e que a mesma natureza nos constringe a entregar-lhe sem mais tardança. Tudo isto está na consciência do homem refletido.” [95] Mas não basta que disto estejam convencidos os filósofos. Deseja, outrossim, o autor que esta convicção se torne universal. A persuasão geral deste inelutável destino afigurar-se-lhe um agente poderoso de progresso e um lenitivo moral da grande eficácia “visto que o conhecimento de nosso valor real, na economia da natureza, não deve deixar de nos ser vantajoso. Ele nos poupará muitas ilusões que são sempre causa de males.” [96]

Aí temos, pois, o *fim da criação*: o crescimento da terra. A este objetivo primordial subordina-se a existência de todos os seres, dos inorgânicos ao homem. Mas por que tanto crescer? Talvez para que o nosso globo passe um dia de planeta a estrela e brilhe nos espaços com esplendor próprio, porquanto “a luz sidéria é atributo de grandeza”. [97]

B. **Crítica.** Não fora difícil salientar os numerosos erros científicos em que incide o autor, explicáveis, em parte, pelo estado em que se achavam as ciências naturais há 50 anos, e, em parte, originados dos preconceitos sistemáticos, que o levavam naturalmente a escolher os fatos e interpretá-los ao sabor de suas ideias. Preferimos, porém, ater-nos a uma crítica geral de sua tese. Ora, esta, apoiada toda num equívoco, é radicalmente falsa. Do princípio ao fim do livro confunde continuamente o autor crescimento com vida. Concedamos-lhe, por um instante, que de fato aumente a terra continuamente de volume. Que inferir daí? Que vive. Não. Nem todo crescimento é vital. O aumento por justaposição de partes é fenômeno comum no reino inorgânico. A nutrição dos seres vivos caracteriza-se pela intussuscepção, a vida distingue-se pela imanência da atividade. Esta única observação põe por terra toda a construção do Visconde. O argumento Aquiles de sua tese, a prova cujo desenvolvimento deita por mais de 650 páginas, funda-se toda nessa deplorável confusão. E quão fácil fora evitá-lo! Por que não começou por uma definição exata da vida e dos caracteres que distinguem os fenômenos vitais? Simples advertência de método que lhe houvera poupado tanto dispêndio inútil de saber.

Além deste argumento capital destinado a provar que o globo inteiro vive, encontram-se, aqui e ali, outras razões que visam justificar a atribuição da vida a cada mineral em particular (*hilozoísmo*). Assim à pág. 80 alega o autor a existência do tipo específico no reino mineral.

“Não é possível prescindir deste atributo (vida) nas substâncias minerais, porque distinguindo-se estas em diferentes espécies, cada uma com um tipo que lhe é próprio, é necessário que haja uma força atômica depositária deste tipo para o comunicar a cada espécie. A luz, calor e eletricidade hão de favorecer o movimento molecular mas não lhe podem imprimir o tipo peculiar de cada espécie”. Novo equívoco: princípio específico não é necessariamente princípio vital. A noção de espécie não é exclusivamente biológica. Os naturalistas classificam as espécies botânicas e zoológicas como as mineralógicas sem verem na noção comum de espécie um obstáculo à distinção essencial entre os dois reinos. — orgânico, e inorgânico. A especificação dos seres provém de um princípio formal, raiz primeira de sua atividade e origem de todas as suas propriedades. Aristóteles chamava-o *entelequia* ou forma substancial.

Outra tentativa de demonstração encontra-se na página seguinte: “A prova da existência de um princípio de vida no reino mineral está na atividade molecular que lhe é própria e que se manifesta em três sortes de operações, a saber: combinação, coesão e dissolução... Se elas são efeito de alguma causa, como nos cumpre supor, dando nós a essa causa o mesmo nome que damos às forças que movem as moléculas nos corpos organizados, isto é, o nome de vida, devemos reconhecer que o reino mineral tem vida própria e que com ela concorre para o complexo de vidas parciais de que se compõe a do nosso globo.” [98] Simples jogo de palavras. Se invocamos nos seres vivos um princípio superior é para explicar-lhe a atividade *peculiar, específica*, essencialmente diversa da dos inorgânicos. Estender, pois, a necessidade de tal princípio também ao reino mineral é torná-lo desnecessário em todos os reinos, é desconhecer a diferença que a observação vulgar e científica assinala entre os seres vivos e os que o não são.

Nenhuma das provas alegadas resiste, portanto, à crítica.

Quanto à subordinação das plantas e animais e principalmente do homem ao fim exclusivo de aumentar o volume da terra é extravagância tão esdrúxula que expô-la é confutá-la. Araújo Ribeiro não compreendeu a nobreza do pensamento, a excelência da vida moral, a elevação e dignidade da natureza humana.

Concluimos, lamentando sinceramente o desperdício de tanta erudição científica — que tinha a vasta e variada o nosso Visconde — para advogar uma causa irremediavelmente perdida. Nem menos deplorável é que semelhante excentricidade se nos proponha como a interpretação da natureza pelo *senso comum*. Não, senso comum, ciência e filosofia dão-se as mãos para condená-la, sem hesitação.

20. No materialismo inspira-se também o *Curso de Lógica* (Rio, 1903) de Vicente de Sousa, que professou filosofia durante alguns anos no Ginásio Nacional. Infelizmente o trabalho do médico arvorado em lente de lógica não passa de uma compilação indigesta de citações estranhas coligidas sem ordem, sem método, sem critério. Tirai-lhe o que vem entre aspas e do livro ficarão apenas algumas dezenas de páginas. Além disto, a feitura geral da obra não satisfaz a nenhuma das exigências didáticas do gênero. Num compêndio de lógica destinado à primeira iniciação dos jovens não se encontra um estudo ordenado da ideia, do raciocínio, do silogismo, da natureza da verdade, do critério da certeza etc., etc!

Quanto às doutrinas expostas não se pode escurecer que o autor trouxe da medicina uma tendência acentuada para o materialismo e a ilusão de que era psicólogo porque havia estudado fisiologia. É vê-lo extasiar-se diante do cérebro “essa víscera admi-

ravelmente construída, formada por abundante massa em que se acham as duas substâncias, a branca e a cinzenta (cérebro que é) o apreensor terminal da imagem sensorial; o transformador das imagens em noção; o gerador da noção em ideia (!), o retentor dessas ideias”. [99] Daí nada mais simples do que concluir que “as ações dos homens não são mais do que resultantes de todas as funções fisiológicas da nutrição e das transformações da substância cerebral”. [100] É que Vicente de Sousa, sem nenhuma formação séria que o habilitasse a julgar pessoalmente as questões examinadas, seguiu com cega docilidade os discípulos contemporâneos mais em voga de Demócrito, Leucipo, Hobbes e Locke que ele saúda como os grandes mestres do pensamento. Platão, Aristóteles, Descartes e Leibniz perderam-se “nas selvas da psicologia metafísica”. [101]

§ 2.º — Monistas evolucionistas

21. O monismo é a grande sistematização científica do materialismo no século XIX. [102] Uma substância única que se modifica e, com as suas modificações explica todos os fenômenos, desde a queda de uma pedra à formação das sociedades — eis o seu dogma fundamental. A substância única é a matéria; o modo por que se produzem os vários fenômenos — a evolução, palavra mágica que resolve todos os enigmas e esclarece todos os mistérios.

De todas as sínteses monistas organizadas com estes elementos uma das que lograram mais em voga foi a de Haeckel, que, à propaganda de suas ideias, consagrou por mais de meio século uma atividade incansável e um ardor de sectário que não reconhece os limites da probidade científica. Para o profeta de Jena, o monismo não é mais um simples sistema filosófico, é uma religião, a grande religião do futuro.

Entre nós foram Tobias Barreto e Sílvio Romero os que primeiro introduziram as ideias haeckelianas. Outros muitos, principalmente juristas e médicos, seguiram-lhes as pegadas e o evolucionismo monista foi durante muitos anos filosofia corrente nos nossos meios acadêmicos. Hoje, se bem conte ainda vários defensores, já se vai entibindo o primeiro entusiasmo. Há de esfriar de todo.

22. Tobias Barreto de Menezes (1839-1889) nasceu em Campos, pequena vila de Sergipe, estudou primeiras letras no seu estado natal, partiu mais tarde para a Bahia onde se destinava ao sacerdócio. Saindo, porém, do seminário logo no dia seguinte ao da entrada, voltou a Sergipe, passando daí para o Recife, em cuja Faculdade de Direito se formou e exerceu o magistério durante os últimos anos de sua vida. O ilustre sergipano foi jurista, crítico, poeta e filósofo. Como filósofo deixou vários escritos que se encontram principalmente nas obras seguintes: *Ensaio e Estudos de Filosofia e Crítica*, Recife (1ª ed., 1875; 2ª ed., 1889); *Questões vigentes de Filosofia e de Direito*, Recife, 1888; *Estudos alemães* (1ª ed., Recife, 1883; 2ª ed., Rio, 1892); *Vários Escritos*, Rio, 1900; *Polêmicas*, Rio, 1901. As obras póstumas foram publicadas por Sílvio Romero.

Em 1925-26, custeada pelo Estado de Sergipe, veio à luz em 10 vols. uma edição das *Obras completas* de Tobias. Infelizmente não satisfaz às exigências críticas das obras deste gênero.

Nenhum dos trabalhos filosóficos de Tobias é um livro no sentido rigoroso da palavra; falta-lhes unidade de plano e concatenação de ideias. São críticas avulsas, artigos, teses, opúsculos colecionados em volumes. Ânimo impulsivo e batalhador, polemista arrebatado, Tobias não era homem para escolher um assunto, estudá-lo com serenidade e desenvolvê-lo larga e profundamente. Deixava-se dominar e arrastar pelas cir-

cunstâncias e ia produzindo o que elas lhe pareciam exigir. É nesta obra fragmentária que importa respigar as ideias capitais do filósofo.

Na Bahia, Tobias ouviu as lições de filosofia de Fr. Ttaparica que expunha eloquentemente aos seus discípulos um espiritualismo eclético *à la Cousin*, frágil e superficial. Abandonou-os cedo o moço ávido de novidades e depois de ter lido Comte foi pedir à Alemanha ideias modernas.

Desta sua excursão espiritual trouxe alguma erudição para embevecer os simples, mas poucas verdades que satisfizessem às inteligências sadias.

Caíram-lhe nas mãos livros materialistas, criticistas e evolucionistas. Leu Haecel e Noiré, Hartmann e Schopenhauer, Kant e Strauss. O amálgama de teorias representadas por estes nomes pareceu-lhe à inteligência juvenil e sem formação a última palavra da ciência. Entregou-se de corpo e alma “a culta Germânia” do monismo e do racionalismo e julgou-se um sol destinado a espancar as trevas que nos envolviam, um gênio fadado a rasgar ao Brasil, ignorante e atrasado, novos horizontes do progresso científico. [103]

A. **Doutrinas.** Afora a forma virulenta e o tom de chalaça com que, muito de frequente, reveste as suas críticas, em Tobias, filósofo, nada de original. Os pólos do seu pensamento giram em torno do monismo evolucionista. Deus, pessoal e transcendente, é um nome: a alma, o espírito distinto da matéria “são ídolos decrépitos das gerações passadas”, [104] a origem divina do homem, sua distinção essencial dos brulos, sua primazia sobre os demais seres do mundo sensível são “doutrinas que cheiram a incenso” e que é “preciso atirar para o meio do ferro velho”. [105] Em lugar de todas estas antigalhas, a unidade essencial de todos os seres, compostos de átomos inteiramente iguais e dotados de duas propriedades fundamentais e inseparáveis: movimento e sentimento. [106]

O universo assim constituído evolve e quanto vemos nos indivíduos e nas sociedades é produto espontâneo desta evolução universal.

O *homem*, “de quadrúpede que era, tornou-se bípede, diferenciando e aperfeiçoando as extremistas orgânicas, pelo hábito do porte reto a que o obrigou a necessidade de tocar e apreender no alto os objetos de sua apetência”. [107] Para os outros transformistas a mesma necessidade alongou à girafa o pescoço.

A *sensibilidade* e a *inteligência* têm “as raízes de sua árvore genealógica na fome e no amor. Nem se concebe (com que seriedade se afirma isto!) que outras molas pudessem mover o homem primitivo além desses dois ímpetus psíquicos, redutíveis às duas capitais funções orgânicas da nutrição e da propagação”. [108]

O *direito natural* não existe. Os que o defendem são “figuras anacrônicas, estão fora de seu tempo”. [109] O direito não passa de um *modus vivendi*, de um sucedâneo da força, única empregada nos tempos primitivos. “A força que não vence a força não se faz direito; o direito é a força que matou a própria força... Tal é a concepção que está de acordo com a intuição monística do mundo”. [110]

A *religião* é uma criação do homem submetida como todas às outras à lei fatal da evolução e naturalmente explicável “pela lei da seleção natural do gênio”. [111]

Como corolário do evolucionismo universal, o universal relativismo. Não existe verdade imutável, absoluta, eterna. A verdade é feitura do homem, muda-se e transforma-se com ele e como ele. A metafísica, portanto, ciência do absoluto e do suprasensível já fez seu tempo. Kant, “o órgão mais sadio da especulação filosófica”, [112] deu-lhe o golpe de graça. Subsiste, porém, a despeito dos discípulos e subdiscípulos de Comte”, [113] como ciência crítica do conhecimento.

B. **Crítica.** Tobias foi pela crítica benevolente de alguns amigos alcandorado às alturas inacessíveis do gênio. “Reformador no círculo inteiro dos conhecimentos humanos, na poesia, na crítica, na política, na filosofia”, chama-o Artur Orlando. [114] A Sílvia Romero, Tobias parece “o espírito mais culto e mais adiantado deste país”. [115] A verdade, porém, é que, a quem não quer vê-la com os vidros de aumento com que a amizade desvaira a crítica, a figura de Tobias é de dimensões muitas reduzidas. Tão descabidas louvaminhas fizeram até mal ao orgulhoso provinciano. Guindado tão alto, vieram-lhes vertigens.

Ele próprio acabou por convencer-se que era uma estrela de primeira grandeza. Daí esta atitude por vezes ridícula de superioridade incontrastável, de águia que paira muito alto num país de toupeiras, de gênio mal compreendido e, por isto, invejado de seus conterrâneos. Ilusão de uma vaidade que nos faz hoje sorrir.

Originalidade, profundidade, sagacidade no discernimento das tendências contemporâneas, intuição do futuro, tudo isso, que se encontra nos gênios e ainda nos talentos superiores, faltou a Tobias. Vejamos.

Jurou pelo monismo e a ciência infligiu ao monismo um terrível desmentido.

Proscreeu a psicologia do domínio científico, dizendo-a “condenada por sua natureza a não ter um voto sequer no grande conselho das ciências” [116] e a psicologia marcha hoje na vanguarda das ciências.

Contestou as ciências sociais, a sociologia, o direito de existência, escrevendo que a “sociologia é uma frase”, e os sociólogos, em geral, “espíritos incompletos ou doentes” [117] e as cátedras de sociologia aí se vão multiplicando prodigiosamente nas academias e universidades de todos os grandes centros de cultura.

Viu o “desmoronamento irremovível” da Igreja Católica, incapaz de poder “resistir às duras influências da atmosfera do século” [118] e ela aí está cheia de vida e de viço, na juventude perene de sua imortalidade, único baluarte da força moral, única tábua de salvação para uma sociedade, que ameaça soçobrar, agitada pelos princípios subversivos do monismo e do racionalismo abraçado por Tobias (o direito é a força etc. etc).

Decididamente, faltou ao nosso pequeno grande-homem este olhar profundo de águia que envolve o presente e devassa longe o futuro.

Foi talvez profundo no seu pensar? Tão pouco. Do monismo evolucionista, sistema superficial, ele não percebeu as falhas e os absurdos; recebeu-o. sem cautela, como lho exportaram da Alemanha os Haeckels e os Noirs. Estes átomos, ponto de partida da evolução, que são e donde provieram? Por que se movem? A que título se lhes confere o sentimento, um psiquismo que a razão não exige e a experiência não atesta? Como explicar a vida psíquica do homem? Não há abuso da credulidade humana em afirmar que os mais elevados produtos da inteligência e da razão são graus mais elevados da sensação de fome que evolve no tempo? Todas estas questões e muitas outras, que o monismo não resolve e nem parece sequer suspeitar acodem espontaneamente a qualquer espírito medianamente perspicaz. Tobias não as percebeu.

E o crítico não foi mais feliz que o filósofo. Acabamos de ver com que facilidade acolheu sem benefício de inventário, alheias doutrinas. Aqui e ali, porém, há algumas apreciações justas, por exemplo, de Hegel e Comte, mas são raras, são sempre muito ligeiras, muito à flor das coisas, sem nada aprofundar, sem descer nunca à raiz do erro. Fora daí, quase sempre a sua crítica é desastrosa. Em se tratando principalmente do espiritualismo, sob qualquer de suas formas, a paixão desvaira-lhe o juízo. Quereis tomar-lhe o pulso? Ouvi-o. Fala da “dúvida metódica”. Jogo de palavras, diz ele, que pôde fazer fortuna através de dois séculos baldos de senso crítico. [119] De certo, o que vem ser uma dúvida aconselhada ao homem, como regra de direção mental?... Não duvida

quem quer e somente porque o quer. Porém, só a vontade é capaz de praticar uma regra que se lhe impõe". [120] Qualquer estudantinho de lógica responderia logo em forma: Distingo: não duvida *realmente*, passe; não duvida *metodicamente*, nego. Criticando a dúvida metódica não advertiu o mestre que se tratava de dúvida *metódica*, isto é, fictícia, de dúvida pela qual se prescinde por um instante da verdade de uma proposição para examinar-lhe as razões e argumentos em que se funda a sua certeza. E isto faz quem quer e quando quer. O seu Kant, se o tivesse estudado bem, lhe teria ensinado a distinguir a *suspensio judicii indagatoria* (dúvida metódica) da *suspensio judicii sceptica* (dúvida real).

Originalidade é ainda um dos predicados das inteligências superiores. Os amigos reivindicam-na para Tobias. Em filosofia, certamente, não o foi. Toda a sua obra não encerra uma investigação de valor, profunda, que lhe seja própria. Bem sei que várias vezes ele próprio reclama para algumas teorias o direito de paternidade. Mas ou são bagatelas tão mesquinhas que a pretensão chega a ser ridícula ou são tão antigas as inculcadas novidades que bem mostram quão falhos e incompletos eram os conhecimentos filosóficos do autor. No primeiro caso está a seguinte nota: "Esta ideia de Deus representada por um nome que só tem *vocativo* como uma *interjeição*, posto que me seja própria, não é nova. Eu o exprimi pela primeira vez em um escrito polêmico no *Americano* em 1870." [121] Realmente, grão achado cuja invenção importava patentear!

No segundo caso se acha a descoberta de que "a livre vontade não é incompatível com a existência de motivos, pelo contrário, eles são indispensáveis ao exercício normal da liberdade ... Estas últimas ideias — continua ele dividindo modestamente a sua glória com outro inventor de coisas achadas — posto que em parte me sejam próprias, contudo já não são inteiramente novas. E. Veron, na sua *Moral* (1884) ... assenta a sua teoria da liberdade sobre uma ordem de considerações análogas". [122] Nem em parte, nem em todo são novas estas ideias, tão antigas como o desprezado S. Tomás. [123] Não quisesse remontar tão alto até a Idade Média "do obscurantismo", abrisse Tobias qualquer compêndio moderno de escolástica e lá encontraria a sua famosa descoberta exposta singelamente como uma das verdades mais mezinhas da filosofia.

Tal foi o filósofo: estátua pequena para o grande pedestal que lhe erigiram. A posteridade não andou errada condenando-lhe as obras ao olvido, passados apenas 30 anos de sua morte. [124]

O homem, porém, foi mais feliz. Tobias acabou bem. E o dizemos com tanto maior prazer quanto mais sensível nos foi o desgosto de lhe criticarmos quase todas as ideias a bem da verdade. De todos os atos de sua vida o mais belo foi incontestavelmente o último e este retratou e destruiu moralmente todo o seu passado intelectual.

É mais fácil negar a alma do que destruí-la. Na última hora, nesse momento em que se desanuviam as paixões do tempo e a verdade se banha de novos clarões nos arre-bóis da eternidade, Tobias achou de novo sua alma cristã para entregá-la a Deus, purificada pelo arrependimento e regenerada pela graça.

Sobrevivências atávicas, fraqueza mórbida de um organismo em decomposição [125] dirá o racionalismo incrédulo a quem nunca faltam palavras sonoras para exprimir doutamente a sua ignorância. Não, corrigirá o bom senso, nobreza de uma alma reta. que reconhecendo a verdade no ocaso da vida, sabe prestar-lhe a derradeira homenagem de uma submissão heróica. Traços inefáveis da Providência, finezas de misericórdia divina, vingança do eterno Amor, completará a fé com o seu privilégio de ver as coisas em sua verdadeira luz.

* * *

23. Do nome de Tobias Barreto é inseparável o de Sílvio Romero, seu colega, amigo e apologista incansável. [126]

Sílvio Romero (1851-1914), natural de Lagarto (E. de Sergipe), bacharelou-se em direito pela Faculdade de Recife, vindo pouco depois para o Rio, onde cedo entrou a distinguir-se escrevendo em jornais e revistas e onde, com breves intermitências, passou quase toda a sua vida. Ensinou filosofia no Colégio Pedro II. foi deputado federal de 1889 a 1908 e finalmente professor da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro.

Espírito ativo, trabalhador incansável, brasileiro amante das coisas do Brasil, Sílvio Romero aplicou a sua multiforme operosidade à história, à etnografia, ao direito, à poesia e à crítica literária, principalmente à crítica literária. Filósofo foi-o também, mais incidentemente. É criticando, historiando ou ensinando direito que vai semeando suas ideias sobre filosofia. Para quem deseja estudá-lo sob este aspecto, suas obras mais importantes são: *A filosofia no Brasil*, 1878; *História da Literatura brasileira*, 2 vols. (1ª ed., 1882; 2ª ed., 1902-3); *Doutrina contra Doutrina ou o Evolucionismo e o positivismo no Brasil* (1ª ed., 1894; 2ª ed., 1895); *Ensaio de Filosofia do Direito*, 1895.

A. **Doutrinas.** Antes de tudo quais foram as ideias dominantes de Sílvio Romero, qual o sistema filosófico que abraçou? Pergunta simples, mas difícil de responder-se. Falando uma vez de escolas literárias, Sílvio escreveu estas palavras: “Eu não sou clássico e nem romântico e nem parnasiano; não estou com a velha nem com a nova geração... quero estar com a novíssima, com aquela que ainda há de vir.” [127] Isto basta para caracterizar um homem: qual o crítico literário, tal o filósofo. Espírito sem solidez nem profundidade, apesar da liberdade de pensamento por ele tão decantada, foi um escravo mais ou menos inconsciente das opiniões em voga, uma vítima da moda filosófica, desejoso de estar sempre com a escola *novíssima*.

Preparatoriano, estudou o ecletismo superficial de Jouffroy, filosofia que então se ensinava em quase todos os ginásios do Império, e Jouffroy, ainda depois de desamparado, ficou-lhe parecendo “um dos maiores filósofos do seu tempo... e incontestavelmente o único vulto eminente do ecletismo”. [128] Apenas entrado na Academia, a leitura de Littré, Taine e outros atraíu-o ao positivismo e Comte avultou-lhe aos olhos deslumbrados “como o primeiro espírito francês deste século” e o positivismo como “um dos grandes sistemas de filosofia”. [129] Não duraram muito, ao que parece, estes primeiros fervores. Em 78 já havia mudado de opinião. “Outrora seu sectário (de Comte), na ramificação dirigida por Littré, só o deixei quando livros mais desprevenidos e fecundos me chegaram às mãos. Comte só foi largado por amor a Spencer, a Darwin, a Haeckel, a Büchner, a Vogt, a Moleschott, a Huxley”, [130] “os sete sábios” modernos.

A ruptura com o positivismo, porém, não foi, a princípio, nem brusca nem violenta. Na época em que nos achamos, ainda o prendia completamente “o lado inatacável, aquilo que restará de sua brilhante organização filosófica”. [131] A classificação das ciências de Comte continuava em 78 a parecer-lhe “excelente, superior às propostas por Ampère e Spencer”. [132]

Deixemos, porém, passar 15 anos e nada restará do positivismo. A simpatia muda-se em antipatia, o respeito dos primeiros anos em desprezo e ironia. “Encontramos em tudo aquilo (na obra de Comte) erros e desatinos de alto a baixo e a cada passo”. [133] O positivismo é uma “nefasta e compressora doutrina, cheia de erros, em luta aberta com a ciência progressista”, [134] é “filosofia de almas penadas para encher as algibeiras dos crédulos que a aceitam”, [135] “parto extravagante de uma cabeça que deixou de ler em 1822”. [136] Oh! e ele não sabia disto quando em 78 proclamava a Comte o primeiro espírito francês do século XIX? Enfim, para resumir tudo numa só palavra, mas palavra cheia de significados e mistérios, Sílvio toca a rebate e chama às

armas os sectários do naturalismo evolucionista e exorta-os a combater contra o neojesuitismo que nos invade”. [137] Estava dito tudo. Manifestamente o positivismo era o grande flagelo, o jesuitismo ressuscitado.

Mas voltemos a 1878. Comte fora então deixado pelos “sete sábios” acima referidos. Entre eles, ao lado de Spencer, já terá o leitor notado os nomes dos grandes porta-vozes do materialismo: Hacckel. Büchner, Vogt e Moleschoti. Sílvio Romero, de fato, era naquela época (nunca deixou de o ser) um materialista decidido.

Entre os erros do positivismo considerava então “o perdurar em tachar o materialismo de erróneo”. [138] Haeckel era “insigne e inestimável”. [139] Rolaram os anos e com os anos também as convicções. É um prazer ouvi-lo em 95 averbar de “pedantesca” a linguagem do “insigne e inestimável” Haeckel, chamar as “suas cosmogênias, fisiofilias, filogenias, ontogenias” etc. de outras tantas “patacoadas”. [140] De envolta com Haeckel, condena em massa “a frágil construção de Büchner, Vogt e outros corifeus do materialismo fácil a que Haeckel levianamente fez o sacrifício de seu talento”. [141]

Dos “sete sábios” só se salvaram Darwin e Spencer. Spencer, principalmente, parece ter sido o último astro que arrastou na sua órbita o nosso cometa em busca de um centro de gravitação. “Se tivesse de tomar um chefe entre os modernos ele seria H. Spencer, nas linhas gerais do seu pensar”. [142] Fio que se Romero tivesse vivido mais alguns anos não tardaria em trocar por outro o sol cujo brilho vai tão rapidamente empalidecendo. Mas, enfim, esse tempo não chegou e o sistema spenceriano fica, nas suas linhas gerais, representando as últimas ideias do filósofo de Lagarto. Nas suas linhas gerais, disse-o ele próprio e repetimo-lo agora, porque a longa peregrinação por tantos sistemas deixou traços profundos que a admiração pelo evolucionista britânico não conseguiu de todo apagar. Assim, nas estratificações dum terreno se conservam, até ao presente, os vestígios de suas evoluções passadas.

Naturalismo evolucionista e crítico, evolucionismo spenceriano, monismo teleológico — diferentes nomes com os quais designa Sílvio Romero o próprio sistema, compendiam bem suas ideias.

Com Spencer é agnóstico, excluindo da esfera do conhecimento tudo quanto transcende a observação sensível e declarando-se inimigo irreductível da metafísica. “Todos sabemos, exceto os declamadores que (a ciência) banii do horizonte humano todas as noções abstrusas e de impossível verificação prática, fazendo a devida justiça aos preconceitos transcendentos”. [143]

Com Haeckel é monista. Todos os seres se reduzem a modalidades diversas de uma entidade única, a matéria, possuindo primitivamente em germe todas as propriedades que se foram com o tempo manifestando nos diferentes estádios do seu desenvolvimento até o homem, aparecido em vários pontos do globo (poligenismo) por “evolução antropopiteca”. [144] Afasta-se, porém, do patriarca de Jena em não admitir, como ele, um monismo mecanista. Hartmann, Noiré e Tobias Barreto lhe parecem mais acertados quando não vêem incompatibilidade entre a teleologia e a ciência. “Somos, como Tobias, sectário do monismo teleológico contra o monismo mecanista”. [145]

Esta substância única está submetida a uma contínua evolução que “abrange o complexo dos fenômenos universais desde os cósmicos até aos sociológicos”. A lei do processo evolutivo achou-a Spencer, e Romero acolheu-a sem benefício de inventário; a evolução opera-se pela passagem do incoerente e homogêneo ao coerente e heterogêneo, do indefinido ao definido, pela distribuição incessantemente renovada da matéria e do movimento, na qual ao mesmo tempo que a matéria se integra, o movimento se dissipa. [146]

Tais as mais importantes opiniões de que, entre nós, se fez eco o filósofo sergipano.

Mas Romero não se contentou com ser pai adotivo de ideias alheias, muitas, variadas e, não raro, contraditórias; quis também enriquecer a filosofia com elucubrações pessoais. A três ou quatro classificações se reduz quanto, na matéria, nos legou de original.

A primeira é a classificação das criações fundamentais da humanidade. É necessário, diz ele, “fazer o quadro completo, traçar a carta, organizar definitivamente o esquema do conteúdo mesmo da civilização, indicando, sem subterfúgios, quais sejam em definitivo as criações fundamentais da humanidade”. [147] A este “trabalho ainda não feito de conjunto e com seriedade” [148] o filósofo mete ombros desassombradamente e, depois de um exame analítico e comparativo, conclui: “Podemos afirmar, sem medo de errar, que cinco, apenas cinco, são as classes, as espécies diversas de atos e fenômenos culturais que constituem a civilização humana;... E chamam-se elas: *religião*, *arte*, *ciência* (compreendendo *filosofia*), *política* (tomada no mais genérico sentido, compreendendo *moral* e *direito*) finalmente *indústria*... Não há, não houve jamais um só fenômeno humano, um só produto de sua atividade, um só resultado de sua energia espiritual, emocional ou mental que não pertença a uma qualquer dessas classes”. [149] As cinco criações acima são histórica e psicologicamente *independentes* e *irredutíveis*. Tal a grande teoria, “o posto central do assunto, o ponto culminante de nosso modo de ver nessas matérias”. [150]

A segunda classificação é a dos “esforços feitos pelo homem para explicar as leis da história”. [151] Em 1878, a lei sociológica de Comte parecia-lhe o que havia de “altamente duradouro e inapreciável na obra do reformador”. [152] Como é caduca a imortalidade do erro! Em 95, já “a famosa lei dos três estados... apertada com rigor esboroa-se, desmantela-se, reduz-se a poeira.” [153] Cumpria, pois, substituí-la por outra de mortalidade mais vivedoura. Sílvio não se intimida com a sorte da lei de Comte e, em seu lugar, propõe confiadamente a sua. “A concepção dos acontecimentos humanos tem atravessado até agora quatro largos períodos: a teologia, a metafísica, a física da história e finalmente a história científica”. [154] Cada um destes períodos deu origem a vários sistemas filosóficos.

No primeiro, a marcha da história é explicada pela intervenção de um ser estranho, Deus. Sua ação chama-se predestinação ou providência. É a fase primitiva do transcendentalismo. Numa segunda fase desse mesmo período a vontade divina é substituída pela humana dotada do “*liberum arbitrium indifferentiae*”. Esta fase constitui o antropocentrismo.

O segundo período, metafísico, inaugura-se com a identificação das manifestações das vontades divina e humana. É a imanência panteísta, cujos mais altos representantes são Spinoza e Hegel. Ainda a este período pertence a explicação da história pela ação exclusiva dos grandes homens: é o selecionismo (o termo é dele) do gênio, Hero-Worship de Carlyle.

No período físico, que é o terceiro, explica-se a evolução da história pelas leis da natureza física. Surge, então, o determinismo materialista representado pelos nomes de Buchez, Quetelet e Comte. Pelo seu valor doutrinal avanta-se de muito este período aos anteriores, mas ainda é insuficiente.

Completo e perfeito é o quarto: período do naturalismo evolucionista e crítico que na explicação dos segredos da marcha da humanidade faz apelo às leis físicas e mentais, socorrendo-se não só da natureza senão também dos *atos humanos*. Inútil acrescentar que o autor se coloca neste período.

Mais outra classificação de Sílvio Romero: a dos sistemas filosóficos. “Todos os sistemas filosóficos, pensamos nós, podem reduzir-se a quatro correntes principais: o monismo, o dualismo, o positivismo, o criticismo naturalístico ou naturalismo evolucionista.” [155]

Mencionemos, por último, ainda outra divisão do nosso autor tão fecunda e, como veremos logo, tão desastrosa, neste gênero lógico. É a sua classificação das ciências. Em tempos passados (1878), já o notamos, a classificação das ciências de Comte parecia-lhe “excelente, superior às propostas por Ampere e por Spencer”. [156]

Em 1895 já não é assim. Com o tempo inverteram-se-lhe as opiniões: a de Spencer parece-lhe superior à de Comte. “O evolucionismo spencerista... não se limita a notar as incongruências e contradições da classificação serial dos positivistas: vai mais longe e afirma, como princípio fundamental, a impossibilidade das classificações daquela natureza.” [157]

Apesar disso, ao lado da classificação de Spencer julga ainda o autor haver lugar para outra, própria, tendo por critério o desenvolvimento histórico das ciências e seu grau de certeza. “Dividiremos as ciências, quanto ao grau de sua certeza, em *verdadeiras ciências*, *quase-ciências*, *pretendidas* (em outro lugar, diz *falsas*) *ciências*. Entre as primeiras estão as matemáticas, a mecânica, a física, a astronomia e a química. Entre as segundas: a biologia, a psicologia, a sociologia em seus diversos ramos como a estética, o direito, a moral e a economia política. No último grupo: a teologia, a metafísica, toda as ciências ocultas, como a astrologia, a quiromancia etc.” [158]

B. Crítica. Seremos muito breves na crítica. As opiniões capitais de Sílvio Romero já foram, em vários lugares deste livro, a propósito de outros autores, estudadas e analisadas. Diremos apenas que o filósofo brasileiro se iludiu quando julgou haver entre o seu monismo evolucionista dum lado, e o materialismo e o positivismo do outro, um abismo de diferença. Spencer foi um positivista, independente, sim, e em alguns pontos original, mas sempre positivista. O agnosticismo do evolucionista inglês é um termo novo, criado por Huxley para exprimir a ideia fundamental do positivismo: só o sensível é objeto de conhecimento.

Quanto ao materialismo, afirmamos, sem hesitar, que o monismo de Sílvio Romero dele não difere senão pelo nome. Reconheceu-o em outros tempos o próprio Romero: “A ciência de hoje foge dos sistemas, rejeitando a expressão materialismo não porque abandone as suas doutrinas (o grifo é nosso), mas porque o termo pode ser explorado etc.” [159] Mais tarde, não lhe bastando esta distinção nominal, quis estabelecer uma diferença mais profunda nas ideias e para isso... falseou as do materialismo e cobriu-o de injúrias. Aqui nos fala do “velho materialismo, o míope materialismo francês do século passado”, mais adiante do “estéril materialismo da rotina”, do materialismo “imponderado e de antigo estilo à-la Letorneau”. [160] Era mister torná-lo antigo para julgá-lo falso. Tudo, porém, debalde; as doutrinas são idênticas. A sua é “a larga intuição do evolucionismo monístico, aquele que dá vida, sentimento, pensamento, liberdade, finalidade *como propriedades já existentes na matéria*”, [161] e o “verdadeiro monismo, o sistema que a *um só ser* atribui todas aquelas qualidades e a finalidade entre elas”, [162] de modo que “vida, sensação, sentimento, consciência, vontade, liberdade, finalidade também são produtos da mesma substância eterna, predicados que ela em si mesmo já tem e os manifesta nas suas integrações superiores”. [163] Aí temos uma só substância eterna — a matéria — explicando, com as suas propriedades, a universalidade dos fenômenos naturais, desde os cósmicos até os psíquicos. É esta precisamente a tese fundamental do que ele chama com justo desdém “estéril materialismo da rotina”, mas que, nem por isso, deixa de ser idêntico ao seu. Disso só não se convencerá quem

não descer ao fundo das doutrinas contentando-se com borboletear à superfície das palavras. Erra ainda Sílvio Romero quando afirma que o velho materialismo negava o sentimento e a consciência. [164] Não os negava; explica-os, como ele, em função da matéria. O ser esta matéria dotada só de movimento ou também de outras propriedades é diferença accidental que não interessa a essência da questão e que nunca escoimará o monismo naturalista da pecha de materialismo.

Uma palavra de suas classificações originais. É penoso dizer que nenhuma delas resiste à crítica.

— Na teoria das criações fundamentais da humanidade, um rápido exame descobre logo inúmeras falhas. A política nunca foi gênero que abrangesse a moral e o direito como espécies. Política, moral e direito são ciências e como tais o próprio Sílvio as reconheceu na sua classificação de ciências: são, portanto, redutíveis à primeira das cinco criações. O comércio, as línguas, a arte da navegação e da guerra não entram em nenhuma das categorias apontadas. Não são ciência, nem religião, nem arte (sob este título Sílvio compreende só as belas-artes), nem política, nem indústria. [165]

— A lei histórica dos quatro períodos é visivelmente decalcada sobre a dos três estados de Comte. Tem-lhe todos os inconvenientes e muitos outros mais, nascidos de uma ignorância profunda da história da filosofia. O panteísmo não nasceu com Hegel e Spinoza; é contemporâneo dos primeiros sistemas filosóficos que registra a história; o materialismo já o professara Demócrito quatro séculos antes da nossa era. A predestinação e a Providência são ainda ensinadas pela filosofia e teologia católica, cuja vitalidade indestrutível Sílvio Romero finge desconhecer. Não basta desembaraçar-se de tão momentosa questão, como dizer simplesmente: são “duas ideias transcendentais ... que não nos devem mais preocupar, como anticientíficas e inverificáveis. Destroem a responsabilidade humana (*sic!*) e partem de uma pretendida ciência do absoluto que implica uma *contradictio in adjecto*”. [166] E a prova, filósofo?

Quanto a guindar uma ideia de Carlyle à altura de fase dos grandes períodos históricos da humanidade, é simplesmente ridículo.

— A distribuição dos sistemas filosóficos em quatro grupos peca contra a primeira lei de uma boa divisão: o monismo e o dualismo já exaurem o todo a dividir; o mais redundante. Assim, o 4.^o sistema; o naturalismo evolucionista já está incluído no primeiro, no monismo. Não basta. A divisão é baseada em critérios diferentes. O critério de separação dos dois primeiros sistemas — monismo e dualismo — é ontológico, objetivo: unidade ou dualidade irreduzível do ser. O dos dois últimos, como os propõe o autor, é lógico e subjetivo: o valor do conhecimento, o alcance da ciência (positivismo — sistema agnóstico do *ignorabimus*; o criticismo naturalista — sistema, segundo ele, do *wir wissen und wir werden wissen*). Uma divisão assim assemelha-se a de um naturalista que distinguisse os animais em vertebrados e invertebrados, terrestres e aquáticos.

— A classificação das ciências, essa está abaixo de toda a crítica. Deixemos de lado a superstição positivista de pôr no mesmo nível a teologia com a astrologia e a metafísica com a quiromancia. Mas dividir as ciências em ciências verdadeiras, quase ciências e ciências falsas! Que diria Romero do professor de geometria que dividisse os triângulos em triângulos verdadeiros, quase triângulos e triângulos falsos? Uma ciência falsa não é ciência, uma quase ciência que vem a ser? A biologia e a psicologia, quase-ciências!? Mais: a divisão é feita segundo o grau de certeza. Que grau de certeza possui uma ciência falsa? Que monstruosidade lógica!

— Em resumo. Reconhecemos em Sílvio Romero algum talento, atividade literária incansável, fecunda e precipitada por excesso de operosidade, certa versatilidade de engenho aplicada a variados ramos do conhecimento, mas não hesitamos em declará-lo pensador medíocre, e sua obra filosófica, de influência desastrada. Ressentem-se os

seus escritos de todos os defeitos de um autodidata: desorientação de ideias, ausência de princípios sólidos, de demonstrações seguras, de convicções pessoais fundamentadas. Sua erudição filosófica é muito limitada e unilateral (*einseitig*, como dizem os alemães), cinge-se ao conhecimento dos autores materialistas, positivistas e evolucionistas do século XIX. Entre esses, o tempo parece ter sido o critério principal de suas preferências. Daí erros grosseiros na apreciação dos homens e das ideias do passado. [167]

Numa palavra, no tempestuoso mar das opiniões modernas Sílvio Romero foi um barco sem leme nem bússola. Vagueou à mercê dos ventos dominantes, oscilou entre as vagas e por fim submergiu sem deixar traços de sua passagem, sem sondar profundidades, sem descortinar novos horizontes.

24. Estelita Tapajoz, autor dos *Ensaio de filosofia e ciência*, S. Paulo, 1908, é outro sectário fervoroso do monismo evolucionista. A humanidade viveu até o século XIX mergulhada nas trevas de um pavoroso eclipse. Só então se fez luz nas inteligências. “E o que é a verdade? inquiria Pilatos... E só dezenove séculos depois da cena do Pretório foi que o homem respondeu, tendo a firme convicção de não enganar-se, à pergunta do pretor romano. Mas respondeu.” [168] O mensageiro da nova luz foi o método experimental. De posse desse valioso instrumento “a alucinação comum, o fenômeno, o fato foram reduzidos à forma mental que os contém a cada um e a todos — a lei”. [169]

Estelita, como já percebeu o leitor por esta entrada em cena, é um otimista, um entusiasta, mas é só isso. O essencial das suas ideias é o monismo haeckeliano, com modificações pedidas a Spencer.

Só existe uma substância: o átomo dotado das duas forças de atração e repulsa. Todo o universo não passa de variações do jogo harmônico destes elementos. “A energia bipolar que oscila ritmicamente na função biológica do plasma, na função física da molécula, na função psíquica do homem, na função moral das unidades sociais, é a mesma sempre, idêntica em princípio e análoga no resultado de suas ações, do mesmo modo que as variações infinitas das formas, nós não temos em última análise senão o átomo, sempre o átomo. Proteu invisível, que reveste as várias e infinitas configurações e efígies que Maia espalha no espaço e Cronos devora no tempo.” [170]

Do monismo, porém, não dá o nosso autor uma exposição metódica, inspira-se apenas nas suas ideias para resolver problemas variados, sobretudo de ordem social. Sua obra é fragmentária; são artigos e estudos avulsos colecionados em livro com um vínculo de unidade artificial e fictício. Indiquemos rapidamente as suas ideias nas questões estudadas.

A. Da condição social da mulher. Em nome das ideias evolucionistas opõe-se Tapajoz a qualquer modificação das condições intelectuais e morais da mulher na sociedade. Baldado é querer corrigir o trabalho evolutivo de tantos séculos. “É tarde demais para pensar em destruir as estratificações acumuladas e cimentadas por uma herança indestrutível!” [171] “Deixemo-la (a mulher) como é, como surgiu da fatalidade das leis evolutivas. A ciência com a sua inflexível lógica é a primeira a condenar a mulher à sua inferioridade”. [172]

B. Antropologia criminal. Como já era de esperar, o autor declara-se sectário da teoria lombrosiana, “uma das mais belas conquistas do nosso século”. [173] “O crime resulta de um desacordo entre o modo de funcionar do indivíduo e as condições de cultura do meio social; esse desacordo origina-se ou da falta de evolução dos organismos sob a influência da cultura na espécie, e, portanto, da não existência das forças de inibição, nos atos desse mesmo organismo, ou de uma perturbação funcional do mesmo apa-

relho inibitório, quer por uma regressão atávica accidental, provocada por um delírio emocional, quer por um estado de debilidade moral do indivíduo, que fica impossibilitado de resistir às más sugestões apesar de reconhecê-las perfeitamente”. [174] Daí três espécies de criminosos: o criminoso nato, o criminoso emocional e o criminoso social. Em todos eles o “crime caracteriza-se pela natureza impulsiva e irresistível do ato que o constitui”. [175] “Uma ideia delituosa... será seguida de um ato delituoso, do mesmo modo que o choque sobre o tendão rotuliano dos tríceps será seguido do respectivo reflexo.” [176] A única diferença está em que a ausência de forças inibitórias em alguns é congênita e essencial, em outros, accidental e momentânea. De acordo, com estas ideias e inspirando-se em Fausto Cardoso, define Tapajoz: “O crime é uma lesão feita à moralidade atual da espécie, considerada em um de seus grupos e resulta do conflito entre duas morais coexistentes mas não coetâneas”. [177]

C. *Evolução da espécie humana*. É o ponto a que o autor dá maior desenvolvimento. Começa por afirmar, o mais absoluto determinismo na marcha da história. [178] Os fenômenos de ordem moral e social são regidos por leis tão fatais como os de ordem física e biológica, melhor, são regidos por leis idênticas. De fato, é a mesma realidade que evolve nesses, vários estádios. O átomo é o ponto de partida da evolução, é o pólo analítico do cosmo; através da molécula evolve para a célula que constitui o pólo sintético do mesmo cosmo. No mundo biológico, a célula passa a ser pólo analítico, que através do *cormus* evolve para o organismo, para o homem, pólo sintético do mundo biológico. Passando para o mundo social o indivíduo será o pólo analítico, a família, a harmonização dos dois pólos e o ciclo social, o pólo sintético. [179] O átomo, a célula, o homem marcam, portanto, os pontos iniciais da evolução do mesmo *quid* universal em três ordens diversas, física, biológica e social. “A fisiologia destes três cosmos é análoga, pois que os respectivos modos de manifestação estático-dinâmica são simples modalidades da vida cósmica”. [180] Daí se segue que “tanto o tipo individual biológico como o tipo individual social estão sob o império dos mesmos princípios e das mesmas leis”. [181]

Ora, as leis evolutivas do mundo biológico já as determinou a escola evolucionista, Haeckel, na Europa, e Fausto Cardoso, entre nós. A lei biogenética do grande professor de Jena, “a lei de maior generalização que se conhece em biologia, pois como a lei de Newton em física, no mundo vital ela abrange em seu âmbito científico todas as transformações, quer de ordem mórfica, quer de ordem funcional do mundo orgânico”, [182] é também a grande lei do mundo social. Em biologia, “o processo ontogenético tem duas fases: a de repetição filética que poderemos chamar automática constituindo a fase embrionária; a fase metabólica ou pós-embrionária em que o ser se diferencia como indivíduo dos seus progenitores, pondo em ação os seus elementos de *ineidade* não idêntico mas simplesmente análogo àqueles... No mundo social existe também uma filogênese que lhe é própria (análogo à filogênese do mundo biológico) e um processo ontogenético que a reproduz sumariamente nos indivíduos que ela forma”. [183]

Armado destes princípios, entra Tapajoz a estudar a marcha histórica da humanidade e descobre-lhe três ciclos: o ciclo asiático, organismo social em plena decomposição, o ciclo europeu que inicia a sua fase de decadência e o ciclo americano, que ensaia a sua audácia juvenil. [184]

Desses ciclos só o europeu é estudado em particular. O filósofo brasileiro faz questão de demonstrar-lhe a decadência e acusa com veemência a civilização europeia de não haver resolvido nem o problema social, nem o problema industrial e financeiro, nem o problema científico, nem o moral. [185]

Tais são as principais ideias que Tapajoz se julgou em consciência obrigado a comunicar ao público da nossa terra. O Brasil acha-se intelectualmente numa fase degenerativa e anacrônica em que as inteligências ainda “fazem ciência, política, arte, administração, reformas... com a metafísica, o latim e a teologia”.^[186] Nestas condições, afigurou-se-lhe um dever a publicação de seus trabalhos”, “pequeno vagido no meio da hipostenia mórbida do pensamento brasileiro”.^[187]

D. **Crítica.** Estelita Tapajoz oferece-nos mais um exemplo da fascinação que nos espíritos desaparelhados de estudos filosóficos profundos exerce o erro quando se apresenta sob o rótulo usurpado de ciência moderna, de ciência novíssima.

Vinte anos apenas se passaram sobre a publicação do seu livro e já a ciência honesta, pelo órgão de seus mais autorizados representantes, condenou quase todas as afirmações de uma filosofia aventureira que tão audazmente se quis acobertar com o seu nome. O monismo haeckeliano, base sobre que edifica Tapajoz todas as suas teorias, já havia descido ao túmulo antes mesmo do seu grande patriarca. Se hoje entre os estudantes e vulgarizadores sectários, sua autoridade ainda é invocada, entre os sábios de valor nenhum haverá que se atreva a pôr o seu nome nas *Maravilhas da criação* e principalmente nos *Enigmas do Universo* (1888), cuja leitura fazia subir o rubor às faces de Paulsen.

A lei biogenética, comparável “à lei de Newton” não tem o alcance nem o valor que lhe quis dar Haeckel e nem mesmo é uma lei, no sentido rigoroso da palavra.

— A criminologia lombrosiana é outro meteoro que brilhou por instantes, no firmamento da ciência materialista para logo extinguir-se. Médicos e antropologistas, ^[188] uns depois de outros, demoliram-na por completo, e os congressos antropológicos de Paris (1889), S. Petersburgo (1890), Bruxelas (1892), Genebra (1896), Speier, onde entre outros sábios, se achava Virchow, sancionaram o *verdictum* dos particulares com o peso de sua autoridade coletiva. Depois disto (e só citei congressos anteriores à publicação do livro que criticamos), comparar o crime a um “reflexo rotuliano” é zombar da credulidade dos leitores.

— A pretensão de edificar a sociologia e de explicar a história pelas leis biológicas é mais uma prova deste embotamento da faculdade de análise, defeito original de todos os monistas. Assim como vêm na “obscura força da afinidade... o germe do instinto, e neste... o germe da intelectualidade”,^[189] enxergam, outrossim, nos *poikilocormus* e nos *cormus*, nos *simbíos* e nas *simbioses*, ^[190] ou sem falar grego, em certas associações celulares, o tipo da sociedade humana. E não vêm estes grandes observadores que o homem só é homem por aquilo que o distingue dos brutos, que nele, ao lado do ser que vive e do animal que sente, há o espírito que pensa e quer livremente, que, portanto, a história não é nem só, nem principalmente biologia, mas sobretudo psicologia e moral ^[191] e que na marcha evolutiva da humanidade mais que o sangue e o clima influem as ideias, os sentimentos e aspirações, os crimes e as virtudes, as fraquezas e os heroísmos, explicáveis só pela liberdade que a fisiologia ignora. Tudo isto esquece o Sr. Estelita Tapajoz. Propõe-se estudar a marcha histórica do gênero humano, e que faz? Fecha a história e abre um compêndio de biologia. Descreve-nos minuciosamente como as células se unem, se desenvolvem, se multiplicam, e, daí, sem mais, passa a formular as leis evolutivas dos “ciclos máximos” da civilização. E os fatos? E os acontecimentos acomodam-se a estes sonhos apriorísticos. Disto não cuida o admirador do método experimental. Nem uma só vez se dá ao trabalho de aferir as suas leis pela realidade histórica. Aos adversários, aos que nos obstinamos em afirmar que leis históricas, se as há, devem ser inferidas da análise dos fatos, aos que insistimos no elemento *moral e humano*, aos que não nos resignamos em ver no progresso da civilização simples ontogênias e

recapitular filogenias, chama-nos espíritos atrofiados, “cérebros obliterados para a visão científica”.**[192]**

O que nos salva é que nem estas gentilezas, nem todas as laboriosas considerações do Sr. Estelita Tapajoz valem um só argumento apodítico. E as verdades científicas não entram definitivamente nas inteligências senão pelo caminho da demonstração. Este princípio, Sr. Tapajoz, é a condição primeira e indispensável para a “visão científica”.

* * *

25. Não são estes os únicos representantes do monismo evolucionista no Brasil. Muitos outros há, que apenas mencionaremos ou por pertencer o seu estudo, com mais propriedade, à história do direito, ou por ser prematuro qualquer juízo definitivo acerca de quem se acha ainda em plena atividade intelectual.

Os nomes estudados, porém, indicam as três direções principais em que se orientaram os cultores e adeptos do sistema na nossa terra.

O monismo haeckeliano, personificado em Tobias Barreto, seguiram de preferência Tito Lívio de Castro, Oliveira Fausto e Marcolino Fragoso.

Com Sílvio Romero enveredaram para o evolucionismo spenceriano Artur Orlando, Clóvis Bevilacqua e outros.

Fausto Cardoso deu-se mais ao haeckelismo sociológico em companhia de Estelita Tapajoz.

ARTIGO IV

PANPSIQUISMO PANTEÍSTA

FARIAS BRITO

26. É com verdadeiro prazer que iniciamos esse breve estudo sobre o mais original dos nossos pensadores. Pela primeira vez, nesse resumo histórico que vimos fazendo da evolução filosófica no Brasil encontramos um homem que, com verdadeiro amor, com incansável perseverança e admirável dedicação, sustentado apenas pelo estímulo de um ideal alevantado se tenha consagrado, durante quase toda a vida, ao estudo da filosofia e ao desenvolvimento orgânico e sistemático de uma doutrina. Oxalá lhe possamos até ao fim conservar sem reservas esse sentimento de simpatia com que empreendemos a exposição e análise de suas ideias.

27. VIDA E OBRAS — Nasceu Raimundo de FARIAS BRITO no Ceará, em 1862. Em Sobral e Fortaleza fez seus primeiros estudos, formou-se em direito (1884) na Faculdade do Recife, voltando logo depois ao seu estado natal, onde desempenhou vários cargos públicos e começou a imprimir seus trabalhos. Passando depois (1899) ao Pará, aí regeu por alguns anos uma cadeira na Faculdade de Direito e um curso de lógica no Ginásio Pais de Carvalho. Em 1909 veio estabelecer-se definitivamente na capital da República, onde já estivera de passagem em 1899. Conquistando naquele mesmo ano a cadeira de lógica no Colégio Pedro II, conservou-a até à morte, ocorrida em 1917.

Suas obras filosóficas, dividiu-as ele próprio em duas grandes séries. À primeira, sob o título geral de *Finalidade do mundo*, pertencem: *A filosofia como atividade permanente do espírito humano*, Ceará, 1895; *A filosofia moderna*, Ceará, 1899; *Evolução e relatividade*, Pará, 1905; à segunda série que abrange os *Ensaio sobre a filosofia do espírito*, referem-se: *A verdade como regra das ações*, Pará, 1905; *A Base física do espírito*, Rio, 1912; *O mundo interior*, Rio, 1914. [193]

A. DOUTRINAS. IDEIA GERAL DA FILOSOFIA — O fim que se propõe o nosso pensador é eminentemente moral. [194] Lançando um olhar em derredor de si vê o filósofo o mundo a debater-se na mais terrível das crises que ainda o convulsionaram. Crise intelectual, manifestada pela anarquia das ideias, pela implacável crítica demolidora que tudo destrói e nada reedifica, pelo ceticismo estéril e escarninho. Crise moral, provocada pelo interesse erigido em norma suprema de ação, pelo utilitarismo invasor, pelo domínio do egoísmo sobre o amor e a dedicação. Crise social, que avulta na grande revolução preparada por todas as causas anteriores e que nos ameaça, terrível e eminente como cataclismo destruidor. Crise religiosa, enfim, acusada pelo esmorecimento geral da fé nos povos e nos indivíduos.

Qual a causa deste estado anormal das coisas? “Toda essa confusão e desordem da sociedade contemporânea, a ignorância do nosso destino moral, o esquecimento de nossos deveres para com os sofrimentos de nossos semelhantes... tudo isto não é senão produto inevitável, a consequência necessária, fatal da impiedade moderna, o resultado prático da vitória do materialismo do qual só pode ser logicamente deduzido como critério das ações o interesse.” [195] Mais remotamente, estes frutos de morte são de árvore que prende suas raízes no solo agitado pelos grandes abalos que abriram a época moderna: na Reforma e na Revolução que geraram a democracia contemporânea insuficiente e mentirosa na sua célebre fórmula — liberdade, igualdade e fraternidade. “Veio primeiro a Renascença, e como consequência desta a Reforma. Veio depois o livre pensamento e como consequência deste a revolução”. [196]

As tentativas de reconstrução ensaiadas até hoje abortaram todas.

Marx, com o seu socialismo coletivista, errou caminho pretendendo resolver a questão social, politicamente, em nome do interesse. Spencer, na sua teoria naturalista, cometeu o grande equívoco de querer estudar a sociedade como um organismo, à maneira da história natural. Augusto Comte, com a sua ditadura científica, abalçou-se à empresa absurda de organizar a sociedade sem Deus, porque “positivismo é ateísmo” e “negar a Deus é negar a ordem moral”. [197] “Uma reforma, pois, se faz necessária... mas isto é o que só deve e só pode ser feito em nome de um grande princípio, de uma grande ideia moral capaz de regenerar o mundo”. [198] “Onde é, porém, que deve ser procurado esse princípio? A resposta só pode ser esta: na filosofia”. [199]

Eis, pois, a missão da filosofia — regenerar a sociedade. Eis o fim moral a que visa Farias Brito: concorrer com o seu esforço para pôr cobro à faina demolidora e iniciar a grande obra reconstrutiva. Vejamo-lo em ação.

B. FILOSOFIA E CIÊNCIA — A filosofia, que, segundo a etimologia da palavra é “paixão pela verdade, amor do conhecimento”, [200] deve considerar-se em duas como fases distintas: *pré-científica* e *supercientífica*. Na primeira é conhecimento em formação, em via de organizar-se, *in fieri*, é a atividade mesma do espírito elaborando o conhecimento, investigando o desconhecido, interrogando a realidade e produzindo a ciência, é a organização do conhecimento científico, “a nebulosa de que resultam por cristalizações sucessivas as diferentes disciplinas científicas”. [201] A ciência, essa já é o conhecimento organizado, sistematizado, especializado. A filosofia é a atividade, a

árvore, o órgão, a ciência é o resultado dessa atividade, o fruto dessa árvore, a função desse órgão.

Não se limita, porém, a filosofia a elaborar definitivamente o conhecimento, produzindo a ciência. Partindo desta e fundando-se nas suas conclusões alarga a esfera de sua atividade, abraça o todo universal e procura formular uma concepção do mundo. É a sua fase *supercientífica*. Considerada neste segundo momento em que tenta a solução do universo, a filosofia chama-se metafísica, filosofia primeira ou simplesmente filosofia no sentido tradicional da palavra de investigação das causas últimas do ser e dos princípios supremos da realidade.

Dupla é a função da metafísica ou filosofia *supercientífica*. Uma teórica: dar a significação racional da natureza e do papel que representamos no mundo. Outra prática: deduzir daí as regras da moral, as normas por que devemos pautar o nosso proceder nas múltiplas relações da vida. [202]

Sob qualquer destes aspectos a filosofia representa sempre a atividade permanente do espírito humano. Como filosofia *pré-científica*, porque, sendo infinito o objeto do conhecimento, sempre ficará ao lado do conhecimento científico e especializado um campo vastíssimo, cuja exploração, de direito, lhe pertence. Como filosofia *supercientífica*, porque, explicada uma parte do grande enigma do universo (objeto das ciências particulares) restará ainda a solução do enigma em sua totalidade, do *mysterium magnum* da existência a constituir um objeto específico da filosofia e que a contradistingue da ciência.

Por aí se vê que Farias Brito se insurgiu contra o criticismo kantiano e o positivismo que arbitrariamente acanham os limites do conhecimento à investigação dos fenômenos e vedam o estudo da essência, da coisa em si, e das causas últimas, eficientes e finais da realidade.

C. METAFÍSICA — O objeto da metafísica, como acabamos de ver, é dar solução ao problema do Universo. Ora resolvê-lo é responder às perguntas: Como se manifesta a realidade? Que é a realidade em si? Qual a sua origem ou razão de ser? Qual o seu fim?

a) *O mundo como fenômeno*. Tudo quanto nos revela a experiência reduz-se a duas ordens de fenômenos: fenômenos objetivos de movimento e fenômenos subjetivos de consciência. Os primeiros constituem a realidade exterior, explicável em função da força, os segundos, a realidade psíquica explicável em função da consciência. “Coisa que não entra em nenhuma destas categorias fundamentais não existe nem pode ser conhecida”. [203] Essas duas ordens de fenômenos são irreduzíveis e formam objetos de ciências diversas, caracterizadas por métodos distintos e próprios. As ciências da matéria ou física, no sentido geral, compreendem as matemáticas, a física propriamente dita, a química, a biologia etc. As ciências do espírito ou psicologia abrangem a psicologia individual, a psicologia fisiológica, a estética, a lógica, a ética e a psicologia coletiva ou superorgânica. [204]

Nas ciências objetivas faz-se uso do método experimental baseado na observação exterior. Nas ciências subjetivas o único método aplicável é a introspecção — introspecção direta ou percepção imediata dos fenômenos da consciência e introspecção indireta ou estudo dos fenômenos da consciência nas suas manifestações exteriores, nos movimentos realizados por outros indivíduos em correspondência com ideias e sentimentos análogos aos nossos.

É por haver desconhecido essa irreduzibilidade fundamental entre o físico e psíquico que fracassou este grandioso movimento de experimentação psicológica, conheci-

do sob o nome de psicologia científica ou experimental. Herbart, Fechner, Wundt, psicologia matemática, psico-física, psicologia fisiológica, desconhecera o verdadeiro método dos estudos psíquicos. [205] Tentar a subordinação da psicologia às ciências objetivas “seria equivalente a afirmar que o consciente se explica pelo inconsciente, a luz pela sombra, o ser pelo nada”. [206]

b) *O mundo como coisa em si*. O físico e o psíquico irreduzíveis na ordem dos fenômenos, não poderiam reduzir-se a uma unidade fundamental e única, a uma só “coisa em si”, de que o objetivo e o subjetivo seriam dois aspectos ou faces diversas? Farias Brito parece hesitar ante essa identificação essencial. Se alguns textos falam uma linguagem incerta que poderia prestar-se a interpretação diversa, outros há de uma clareza iniludível que não deixam lugar à mínima dúvida. A “coisa em si” é para o nosso filósofo a inteligência, o espírito; e a matéria é definitivamente eliminada e absorvida pelo espírito do qual passa a ser simples função. Estamos, em face de uma forma de panpsiquismo. Falem os textos. “A coisa em si ou o ser íntimo e profundo, a realidade fundamental e a existência verdadeira é o espírito”. [207] “Não há existência que não seja de ordem espiritual... o pensamento é a força em nós, mas ao mesmo tempo devemos acrescentar que a força é um pensamento fora de nós. Desde então só o espírito existe realmente, e o mundo exterior, o movimento, todos estes fatos em que se resolve o que se chama a universal existência, os sóis e seus sistemas de mundos, as vias lácteas, as constelações, tudo isto que se chama matéria, não é senão a aparência externa, a manifestação e o desenvolvimento, ou a eterna fenomenalidade, uma como sombra que o espírito projeta no vácuo. [208]

E eis a razão por que para Farias Brito a metafísica é o estudo da realidade em si, e não do simples fenômeno, uma vez que “o espírito é o ser verdadeiro e a subsistência de todas as coisas”, a metafísica confunde-se necessariamente com a ciência do espírito, é a psicologia com outro nome. [209]

c) *Deus e o mundo*. Qual a razão de ser, o princípio da existência? Deus, responde sem titubear o nosso pensador. “Há um princípio último que tudo explica, uma verdade suprema que tudo ilumina: esta verdade é o Deus vivo e real que mantém em equilíbrio o mecanismo do mundo... Negar a Deus é negar a razão no mundo.” [210], “Deus... é o ser uno e completo do qual tudo sai e no qual tudo entra, o ser e todo o ser, o pensamento e todo o pensamento; imóvel e eterno; energia em tudo presente e na qual existir é pensar e pensar é criar”. [211]

E como procedem os seres de Deus? Que relação há entre a Causa infinita e os seus efeitos finitos? “A relação que há de Deus para o homem, como para todas as coisas, é exatamente a do Criador para a criatura”. [212]

Outras vezes, falando metaforicamente, diz que somos “um como sopro da Inteligência suprema, irradiações que dela emanam, imagens a que ela dá corpo e realidade, sombras a que dá vida”, reflexos do Sol divino no espaço infinito, “reverberações do fogo divino”, “pensamentos de Deus”. [213]

Estas e outras expressões análogas poderiam levar-nos a crer que o filósofo brasileiro pugna pela criação no sentido tradicional e cristão da palavra, por uma produção do nada, na qual os efeitos produzidos se conservam realmente distintos de sua causa, como realidades finitas da realidade infinita.

Engano. Farias Brito é *panteísta*. Deus pessoal, Deus Inteligência e Vontade distintas do mundo são criações antropomórficas, são “o homem criando Deus a sua imagem”. “Deus é o meio infinito dentro do qual eternamente se agitam as evoluções indefinidas do cosmo”. [214] “Deus é a luz. Mas a luz e toda a luz, a luz externa e a luz in-

terna, *identificadas numa só e mesma unidade*, envolvendo todo o ser e toda a realidade.” [215] Assim, o espírito, a força que, há pouco nos havia ele ensinado ser a coisa em si, que se manifesta objetivamente (luz exterior) no mundo dos corpos e subjetivamente (luz interior) nas nossas-consciências, esse espírito identifica-se *numa só e mesma unidade*, com Deus.

Como então conciliar a imobilidade e suprema perfeição de Deus, já afirmadas, com a contingência e extrema mobilidade das coisas, visíveis? O filósofo não responde a esta pergunta. Talvez por que visse a objeção insolúvel? Talvez por que a não percebesse? Não sabemos. É possível que ele concebesse a Deus como substância infinita, e os seres criados como modos finitos dessa substância. Não é desembaraçar de dificuldades a teoria, mas apadrinhá-la com um nome ilustre, o de Spinoza, [216] a quem, nem por isso, deixa a lógica de pedir contas, de suas contradições.

D. FINALIDADE DO MUNDO — O termo para o qual tende “o evoluir contínuo do eterno vir-a-ser de que somos momentos sucessivos” [217] é o conhecimento, a verdade. É esta a finalidade do mundo. Resposta vaga, incerta e, sobretudo, difícil de conciliar com as doutrinas anteriores, e mais com a experiência.

O conhecimento é o fim para o qual tendem todos os seres, animados e inanimados? É o fim dos seres-fenômenos ou da coisa em si? E se a coisa em si é o espírito, identificado com Deus, qual é o objeto desse conhecimento, termo final de tudo? As dúvidas e incertezas aumentam quando se trata do homem. Seus destinos enclausuram-se nesta vida passageira ou prolongam-se, além túmulo, numa existência sem termo? Qual a significação da morte? O filósofo hesita, a angústia tortura-lhe o coração e das suas ânsias não jorra nenhuma solução luminosa. “A morte é o termo final e a lei definitiva da vida”. [218] Nossa individualidade é “fogo fátuo que se desfaz, luz que brilha um momento e logo se apaga na tempestade do cosmo”. [219] Se outras vezes nos fala numa permanência inextinguível é para absorver-nos no seio da realidade infinita com a perda de nossa consciência e personalidade, é para plantar no horizonte das nossas esperanças uma espécie de nirvana desesperador.

E. MORAL — Consideramos até aqui a concepção teórica do universo. Mas o fim de semelhante estudo é moral, é conhecer o mundo e o papel que nele desempenhamos para inferir daí a norma do proceder, os princípios fundamentais da ética. É a função prática da filosofia interna e logicamente conexa com a sua função teórica. Assistimos a esta dedução.

“O conhecimento é a finalidade do mundo. Sendo assim é fácil deduzir as leis da conduta. Antes de qualquer outra coisa duas são as regras fundamentais da moral: Primeira: conhece-te a ti mesmo; segunda: conhece a natureza”. [220] Alvo deste duplo conhecimento será a consecução da verdade que constituirá a norma suprema do reto proceder. Mas a verdade não a possuímos inteira e completa. Que fazer? “Proceder de acordo com o que a natureza nos deu em lugar dela... proceder de conformidade com o que se nos apresenta como verdade no foro da consciência”, isto é, com a convicção. Portanto: “Ser verdadeiro, eis o critério supremo da conduta”, critério que se apresenta sob duas formas: “forma objetiva: Procede sempre e em todas as relações da vida de conformidade com a verdade. Forma subjetiva: procede sempre e em todas as relações da vida de conformidade com as tuas convicções”. [221] Tal é a fórmula do dever. — E a sua sanção? “A sanção consiste unicamente na condenação da própria consciência e na execração da consciência dos outros. Se o homem pratica o mal, em face da própria consciência se rebaixa, ao mesmo tempo que o condena a consciência pública”. [222]

Sanção moral é esta, mas insuficiente. É mister acrescentar-lhe uma sanção material e eis a função do direito.

a) *Moral e Direito*. O direito é “a norma de conduta estabelecida pelo poder público e assegurado coativamente por uma sanção material”. [223] Distingue-se da moral como parte do todo, compreendendo o direito somente as leis cuja violação põe em perigo a ordem social. Distingue-se ainda pelo elemento *força* que se lhe acrescenta como sanção; o direito é a moral sancionada pela força, assegurada coativamente pelo poder público. [224]

b) *Princípio da obrigação. Autonomia da vontade*. Só nos resta um ponto por esclarecer: o princípio último da obrigação. Cumpre saber por que *devemos* proceder de acordo com as normas estabelecidas acima. Resposta: a fonte única da obrigação é a própria consciência individual do homem. A moral “é a norma de conduta imposta pela própria consciência”. [225] “Como consciência somos nós mesmos que estabelecemos as leis que nos regem”. [226] Isto é, na realidade, não há verdadeira obrigação.

Toda esta moral é muito frágil; mais um castelo de cartas, mais uma destas construções levantadas com pena e tinta nas folhas de um livro, mas sem nenhuma eficácia prática, o que equivale a dizer, nenhum valor moral.

F. FILOSOFIA, MORAL E RELIGIÃO — Podemos agora completar a síntese do pensamento de Farias Brito. É mister, dizia-nos ele a princípio, por fim à anarquia contemporânea e esta missão só poderá ser levada a bom tempo pela renovação da fé, pela restauração do sentimento religioso. “Sem fé não há ligação para as almas e é necessário que toda a humanidade constitua um só corpo. É preciso, pois, renovar a fé”. [227] Mas as religiões do passado estão hoje mortas. Construções humanas caducaram com o tempo, pereceram, sob os golpes demolidores da implacável crítica moderna. O futuro deveria organizar-se em nome de uma religião nova, porque se as religiões perecem, a religião é imortal. [228] E qual será a religião salvadora do porvir? A filosofia. A religião, com efeito, não é senão “a moral organizada, e isto quer dizer, é a sociedade organizada pela lei moral, é a sociedade organizada pela razão”. [229] Ora, organizar a moral é a função prática da filosofia. Na sua fase *pré-científica*, a filosofia desempenha a função teórica de criar e organizar as ciências; na sua fase *super-científica*, depois de formular a concepção do universo, dela deduz e é a sua função prática — a moral, cujo governo nas almas constitui a religião, como o governo pelo direito constitui o estado. Filosofia, moral e religião são, pois, solidárias, identificam-se num todo harmônico, “subordinadas à unidade fundamental da consciência para o mesmo fim comum do desenvolvimento da vida e da posse da verdade”. [230]

Lisonjeia-se, assim, o autor de cortar para sempre, com esta solução, o eterno problema das relações entre a razão e a fé, de suprimir, de um modo conciliador, o antagonismo entre a religião e a filosofia, antagonismo a que, segundo o seu modo de ver, só um equívoco pode dar origem. Quanto a mim, parece-me esta solução com a do médico que, no intento de pôr termo à luta entre a medicina e a doença, suprimisse a doença... com a morte do enfermo. A religião, de fato, desaparece absorvida pela filosofia que passa a decorar-se também com o título usurpado de sua rival aniquilada.

28. CRÍTICA — Não escondemos a simpatia com que iniciamos a análise do pensamento de Farias Brito. É tempo de ver quanto nos permite a razão que lha conservemos.

A. Entre os merecimentos incontestáveis do pensador brasileiro mencionamos, em primeiro lugar, um conhecimento amplo e profundo da literatura filosófica moderna. Farias Brito não foi, como infelizmente quase todos os que examinamos neste esboço histórico, um improvisador de filosofia. Aparelhou-se para a sua função de escritor por uma leitura atenta, paciente e meditada de quase todos os que versaram o mesmo assunto nos últimos três séculos. Da filosofia anterior a esse período já não afirmaremos o mesmo. Seus conhecimentos da filosofia grega e, mais ainda, da filosofia medieval são muito deficientes, por não dizer nulos. Foi essa, na sua formação intelectual, uma lacuna grave, cujas conseqüências funestas repercutiram necessariamente em todo o seu sistema de ideias.

B. Do estudo acurado e da familiaridade com as obras dos mestres modernos do pensamento nasceram as qualidades de Farias Brito como historiador da filosofia. Imparcial, exato, claro, ainda que por vezes demasiado profuso, excele na exposição histórica dos sistemas e das teorias. *A base física do espírito*, onde analisa o desenvolvimento da psicologia no século XIX, e o *Mundo Interior*, em que estuda as várias soluções dadas, depois de Kant, ao problema da “coisa em si”, são, nesse ponto de vista, obras de inegável valia, nas quais aos dotes do historiador se vem juntar as qualidades penetrantes de crítico fino e sagaz.

C. Outro mérito do pensador brasileiro que não queremos deixar na sombra é a independência de espírito com que soube elevar-se acima de muitos preconceitos da filosofia moderna e reagir desassombradamente contra certas tendências a que, com mais ou menos inconsciência, se enfeudaram não poucos pensadores de valor. Folgamos de vê-lo insurgir contra Kant que “não faz senão repetir a mesma obra de que já haviam dado uma primeira edição os cétricos gregos”, [231] contra Comte, cujo sistema “em sua significação real e positiva não é senão a negação da filosofia”, [232] contra Spencer com sua evolução mecanicista “de fórmulas vagas”, onde “tudo é incerto, tudo é indeciso, indefinível, oco”. [233] Aplaudimo-lo ainda vivamente quando, levantando-se contra os preconceitos antimetafísicos da época, denuncia no criticismo e no positivismo duas formas “dessa chamada teoria da relatividade do conhecimento que não é senão a forma moderna do ceticismo” [234] quando reivindica o primado da inteligência contra o pragmatismo, que exaltando além dos justos limites a influência da vontade, do sentimento e da ação, tende, com uma nova forma de utilitarismo a amesquinhar a dignidade do homem, ser essencialmente racional: quando combate sem quartel o materialismo, “filosofia do desespero”, “teoria funestíssima na ordem prática, e... concepção teoricamente absurda”, [235] responsabilizando-o justamente e em grande parte da “confusão e desordem da sociedade contemporânea”. [236]

Lamentamos, porém, que não se tenha de todo emancipado da influência nefasta de Spinoza, de Schopenhauer e de Buda através de Schopenhauer. A estes pensadores deve Farias Brito o ter-se emaranhado nas contradições do panteísmo e do pessimismo que lhe deslustram o sistema.

D. Chegamos assim aos defeitos capitais de sua construção filosófica. As benevolências apontadas até aqui são parciais. É tempo de julgar o todo. Que dizer da síntese do pensador cearense? Respondamos logo e sem reboços: foi infeliz e a verdade não lhe imprimiu o sigilo das coisas eternas.

Cingindo-nos apenas à crítica que os alemães chamam *principal*, e sem descer às teorias particulares do conhecimento, da vontade, da arte etc, que só com muitas reservas poderíamos aprovar, dois erros profundos, um de ordem especulativa, outro de or-

dem religioso-histórica viciam radicalmente o seu pensamento. Quantas páginas inspiradas, quantos trechos admiráveis; que isolados do conjunto lograriam a nossa plena aprovação, perdem todo o seu “valor e de todo desmerecem quando os enquadrados nas linhas gerais de sua construção, quando pensamos tristemente no significado inaceitável, no alcance que só lhes pode ser dado no complexo do sistema!

O primeiro destes defeitos capitais — de ordem especulativa — é o seu panpsiquismo panteísta. Por que negar a existência da matéria como realidade distinta do espírito? Por que fazer dos corpos uma simples aparência, um fenômeno, “sombras que o espírito projeta no vácuo?” “Nem a experiência, nem a lógica autorizam semelhante golpe de estado que destrói assim com uma penada o mundo sensível”. Não escreveu o nosso filósofo que “as teorias que se afastam radicalmente do senso comum são sempre artificiais e falhas”? [237] E ao senso comum se vem unir, no presente caso, a evidência experimental, a razão, a ciência toda para opor embargos invencíveis a esta volatilização da matéria.

E que é afinal este espírito, única realidade em si, de que tudo mais é aparência? Farias Brito, que não tem a verdadeira noção do espírito, vacila na resposta e acaba... oh! surpresa! por identificá-lo com a matéria. Se aqui nos diz que o espírito é “a energia que sente e conhece e se manifesta em nós mesmos com consciência”, [238] além nos espanta afirmando que “o espírito é uma função do organismo. . . é de carne e osso, pois só podemos sentir e agir pela carne e pelos ossos”. [239] Mas se o espírito é carne e osso, e carne e osso é o que nós chamamos matéria, tanto vale dizer que tudo é espírito como afirmar que tudo é matéria: é só questão de nome. E assim por muito requintar em espiritualismo resvala no mais radical materialismo. Tanto é verdade que os extremos se tocam.

O mesmo diga-se do seu panteísmo. Chamar a Deus inteligência infinita, perfeição absoluta e identificá-lo depois como o mundo não equivale a negá-lo? Disse com acerto Schopenhauer: “O panteísmo é um ateísmo delicado”. A proposição panteísta — Deus e o mundo são uma coisa só — é uma fórmula cortês de desembaraçar-se de Deus.

Materialismo, pois, e ateísmo aí estão latentes no sistema de Farias Brito. Uma argumentação vigorosa pode, sem grande esforço, tirá-los à luz.

Longe de nós atribuir estas detestáveis conseqüências ao pensador que, contra elas, tantas invectivas escreveu. Não sondamos as intenções, discutimos as ideias. E a lógica, inexorável nas suas deduções, tem dessas surpresas.

Ora, sobre tais premissas, impossível será construir uma moral que valha. Moral, sem conteúdo, sem obrigação e sem sanção não é moral, e tal é a de Farias Brito.

Sem conteúdo. À filosofia é confiada a tarefa de deduzir de uma concepção do universo as leis do proceder. Mas “a filosofia é uma coisa a se fazer sempre, nunca definitivamente feita”, [240] é “uma força em desenvolvimento contínuo, é uma atividade que continuamente se modifica e renova”. [241] O que equivale a dizer em linguagem vulgar: nada há de estável e permanente; cada qual pensa como bem lhe apraz e procede em conseqüência de suas ideias. Depois destas opiniões não destoa como uma ironia dizer-nos que “temos necessidade de firmar com fundamentos inabaláveis as bases eternas da moral?” [242] É sempre o bom senso do homem naturalmente honesto em antagonismo com as conclusões do filósofo.

Sem obrigação. Toda obrigação vem de cima, de um ser superior. Rigorosamente, ninguém se obriga a si mesmo. Por onde erigir a consciência em suprema legisladora é entregar a moral à volubilidade do capricho e às vicissitudes do arbítrio individual.

Sem sanção. Não contestamos que a aprovação ou a censura da consciência seja uma das sanções da ordem moral. Única, porém, é ineficaz.

Reconheceu-o o próprio Farias Brito, apelando para uma sanção material nas leis, cuja violação põe em perigo a ordem social (é a sua noção do direito).

E nas outras? Toda a ordem puramente moral fica desarmada de uma sanção verdadeiramente eficaz. É o de que ninguém pode sinceramente duvidar. Nada diremos de sua religião naturalista, identificada com essa moral sem conteúdo, sem obrigação, nem sanção.

E. O segundo erro fundamental do pensador cearense — de ordem histórico-religiosa — é a sua apreciação do valor atual do catolicismo. Como a Sílvia Romero, a Tobias Barreto e tantos outros espíritos nossos de todo em todo desaparelhados para a discussão das elevadas questões de crítica religiosa, também a Farias Brito, os dois romances de Strauss e Renan sobre a vida de Jesus avultaram como a expressão definitiva da ciência moderna. A glória fictícia que por alguns instantes os iluminou, glória feita do escândalo dos fracos e do ruído frívolo da opinião, pareceu-lhes haver para sempre ofuscado a luz eterna do cristianismo. E Farias também proclamou a morte da religião católica. [243]

Morto o catolicismo? Oh! por que não saiu o nosso desventurado pensador desta atmosfera asfixiante, onde não irradia a luz suave da doutrina católica, do convívio destes escritores, pigmeus de um dia, que, na impotência de seu ódio sectário, se comprazem em acumular névoas de sofismas para velar às almas retas e honestas o esplendor eterno d'Aquele que é luz do mundo? Por que não saiu deste ambiente escuro e abafado para contemplar com a razão serena e desanuviada de preconceitos essa grande Instituição, que nas promessas de sua origem e no desenvolvimento de sua vida traz o sigilo inconfundível da Divindade? A Igreja Católica — que nasceu pobre, humilde e desamparada de todos os meios humanos, adorando por fundador um Crucificado e tendo por apóstolos doze filhos do povo sem instrução e sem glória; — que, em menos de três séculos, ridicularizada nos seus dogmas, escarnecida na sua moral, martirizada nos seus filhos, regenerou o mundo que se efeminava no prazer e se dissolvia na corrupção; — que, sempre fiel à sua missão de iluminar as consciências e pacificar os corações, não transigiu nunca nem com as imposições da força nem com as seduições do poder; — que, por vinte séculos, serena e intangível assistiu o esboroar dos tronos, o extinguir-se das dinastias, o desabar dos impérios; — que resistiu, impávida e compassiva, à violência dos tiranos, aos sofismas dos falsos doutores, ao gargalhar satânico da ironia impotente, à perfídia rebelde de filhos orgulhosos e corruptos, coligados numa vasta conjuração contra a verdade; — a Igreja Católica — eis a grande realidade divina da história. Olhos apaixonados vendam-se voluntariamente para não a ver. Homúnculos frágeis, exaltados pelo poderio ou embriagados pelos fumos da ciência, passam diante dela e, esmagados por esta majestade inacessível aos seus baldões, vingam-se proclamando-a morta. Mas que importa contra a realidade triunfante o grito de desabafo dos vencidos? Há 17 séculos que se cunhou a primeira medalha com o epítáfio: *Cristiano nomine deleto*. A cena, quase diremos cômica, reproduziu-se mil vezes no curso dos tempos. Mas a Igreja, firme nas promessas de imortalidade do seu Divino Fundador, contemporiza com dignidade magnânima e, uns após outros, vai enterrando e perdoando os seus inimigos gratuitos de um dia continuando a semear a verdade e o bem nas almas.

Sim, Farias, o catolicismo vive e só ele pode dar vida. E porque o desconheceste, não só tua obra intelectual foi falha, efêmera e incompleta, mas tua vida foi um peregrinar incerto, amargurado e oscilante entre a dor e o desespero. Comovêramos até às lágrimas teus gritos lancinantes, gritos de uma consciência que sofre as torturas da dúvida e se abate no acabrunhamento de uma resignação passiva e imeritória à fatalidade inexorável. “Vagamos como sombras na noite do mistério e em vão soltamos queixas e

gemidos em face do impenetrável que nos aterra, incertos do nosso destino, perdidos na imensidade do espaço e no infinito do tempo”. [244] “A vida é... em si mesma um mal irremediável porque tem por essência a dor e viver é sempre e em toda a parte esgotar uma série de grandes e pequenas desgraças.” [245] Não! na plenitude da história soou a voz inconfundível de um Homem que, abrindo os braços compassivos, bradou à humanidade sofredora: Vinde a mim todos os que vergais sob o peso da aflição e eu vos aliviarei. E esta palavra foi eficaz porque o Homem que a pronunciou era também Deus. Se tiveras prestado ouvido a esta voz divina, se houveras olhado um dia para o Crucificado com os olhos da “fé que salva”, terias aprendido a solução divina do problema da dor, e, com ela, a chave dos grandes enigmas do Universo.

No alto do Calvário não se amaldiçoa a existência; a dor bendita nesta vida passageira ilumina-se com os raios da esperança para transformar-se um dia na paz eterna do amor.

CONCLUSÃO

29. Dois fatos desprendem-se naturalmente como conclusão do desenvolvimento histórico da filosofia através das idades: 1) a existência de uma filosofia verdadeira, que, de geração a geração, vai transmitindo os seus ensinamentos e opulenta o seu patrimônio com a contribuição dos mais insignes pensadores; 2) a seu lado e com ela coexistindo, o aparecimento de uma multidão de sistemas encontrados que a combatem e se combatem, destruindo-se mutuamente no choque das contradições.

A razão deste duplo fato no-la dá a própria natureza humana analisada no exercício complexo de suas múltiplas faculdades.

A. A existência de uma filosofia única e certa é a conseqüência óbvia da aptidão natural das potências cognoscitivas para a consecução da verdade.

Se, com efeito, após tantos séculos de atividade intelectual, intensa e continuada, não lograra o homem apurar um núcleo de verdades inabaláveis que lhe servissem de base e ponto de partida para futuras investigações, cumpriria confessar a sua incapacidade fundamental para o exercício do conhecimento, cumpriria afirmar que a ciência e a linguagem não têm razão de ser, o direito e a moral são uma quimera, cumpriria negar até a própria consciência e com esta negação, toda a vida intelectual, social, moral e religiosa da humanidade soçobraria num abismo insondável de contradições e absurdos.

B. Mas a inteligência humana, se pode alcançar a verdade, é contudo finita e, no exercício de suas forças, de freqüente perturbada pela ação de influências estranhas. Estas são as causas do erro nas inúmeras formas sob as quais aparece revestido na história.

Limitado no seu poder de penetração, o nosso espírito marcha lentamente, de dedução em dedução, concatenando a custo os elos da verdade demonstrada. À medida que se afasta dos primeiros princípios, a luz da evidência vai empalidecendo até apagar-se na sombra da incerteza e da dúvida. Nestas regiões, qualquer passo precipitado pode fazê-la resvalar no erro.

O mais das vezes, porém, os deslizes da inteligência são devidos a causas que lhe são extrínsecas. Não é o facho natural da razão que se ofusca, são os desejos desregrados da vontade, são as paixões indomadas do coração, que, em lastimável conflito, fazem prevalecer seus interesses contra as exigências da verdade.

Notas

[1] Tobias Barreto. *Questões vigentes*, pág 237.

[2] *Id. ibidem*, pág. 240.

[3] Farias Brito. *A filosofia moderna*, 2ª parte da *Finalidade do mundo*, pág 307.

[4] Nestes últimos tempos ensaiaram-se algumas tentativas neste gênero. Já possuímos duas Pontifícias Universidades Católicas, a saber a do Rio de Janeiro e a de S. Paulo e um início promissor de faculdades de Filosofia no Paraná, Rio Grande do Sul, em Minas Gerais além da Faculdade Nacional de Filosofia do Rio e das Faculdades instituídas pelos governos estaduais, algumas das quais já produzem frutos bastante satisfatórios.

[5] Farias Brito. *A Filosofia moderna*, pág. 263.

[6] Quase nada encontramos feito acerca da história da filosofia no Brasil. Neste gênero só conhecemos o livrinho de Silvio Romero, a *Filosofia no Brasil*, publicado em 1878. E contendo o estudo de 10 autores (Mont'Alverne, Ferreira França, Domingos de Magalhães, Patrício Muniz, Soriano de Sousa, Pedro Américo, Visconde do Rio Grande, Guedes Cabral, Pereira Barreto e Tobias Barreto). Além de necessariamente incompleto, pela data em que foi publicado, o livro é parco em informações históricas e mais estendido em análises críticas. Dado o critério do autor, o seu trabalho não nos foi, por isso, de quase nenhuma utilidade.

Nosso esboço é todo baseado no estudo direto das obras originais dos autores que estudamos. Escrupulizamos, como era dever, em ser imparciais, o que não vale o mesmo que impassíveis. Ante a verdade e o erro não sabemos passar com indiferença.

No criticar só atendemos ao que nos pareceu valor intrínseco e merecimento real dos autores sem nos preocuparmos com a fama que porventura se lhes haja feito no país.

Muitas falhas e imperfeições se hão de provavelmente encontrar neste primeiro ensaio. Da benevolência da crítica esclarecida dos que sabem, esperamos luzes para completar umas e corrigir as outras.

[7] *O Compêndio*, de Moraes e Vale, é de 1851, o de Moraes Torres, de 1852, as *Investigações de Psicologia*, de Ferreira França, são de 1854, os *Fatos do espírito humano*, de Magalhães, de 1859. *O Compêndio* de Mont'Alverne, apesar de só vir à luz em 1859, quando já era falecido o seu autor, havia sido composto em 1833.

[8] Cfr. a biografia de Mont'Alverne, de Fernandes Pinheiro, na *Revista do Instituto Histórico*, t. XXXIII, 1870, Parte 1ª, págs. 143-156.

[9] É doloroso ler em Mont'Alverne esta apreciação da escolástica: “Esta Filosofia bárbara reinou em quase toda a Europa, até que, no meado do décimo sétimo século, apareceu Descartes que indignado contra tantos absurdos sacudiu o jugo enorme e tenebroso do Peripatetismo, conseguiu dar-nos uma Filosofia livre de todos os princípios absurdos, que despojando-se de todas as ideias que entenebreciam e maltratavam a razão, assegurou à Filosofia um novo império, e uma mais larga ilustração”. *Compêndio*, pág. 3. E continua, neste estilo, a saudar no aparecimento de Descartes a preparação, para a filosofia, de “uma época imortal, brilhante e radiosa”. *Ibidem*. — Não haveria em que empregar melhor toda essa retórica? — Ainda, falando da ideogenia escolástica, por ele completamente adulterada, diz-nos: “É visível que o antifilosófico sistema que acabamos de expor mereceu, entre os maiores, delírios do espírito humano, um lugar muito distinto, quando não seja o primeiro”. *Op. cit.*, pág. 108. E é toda a refutação que lhe consagra. Infelizmente. Mont'Alverne não era isso nem original nem único; refletia, como eco, a opinião corrente.

[10] *Compêndio*, pág. 104, in nota.

[11] *Op. cit.*, pág. 105, in nota.

[12] Mont'Alverne explica a união da alma com o corpo pelo influxo físico e recíproco das duas substâncias (pág. 99); define a alma “uma força, uma potência, uma capacidade de obrar ou produzir certos efeitos” (pág. 115); assevera-nos que “a alma dos brutos, se porventura perece, só pode ser por aniquilação” (pág. 118); distingue a liberdade da vontade, como potências diferentes, definindo a vontade “a faculdade em virtude da qual eu me determino e escolho” (pág. 127) e a liberdade “a faculdade pela qual executo minha determinação ou minha escolha”, (pág. 127) — Por estas amostras já se poderá tomar o pulso do pensador.

[13] Não me convém aqui insistir sobre essa tara que tanto deslustra o caráter do pregador de D. João VI. “Arrastado por a energia do meu caráter, desejando cingir *todas as coroas*, abandonei-me com igual ardor à eloquência, à filosofia e à teologia cujas cadeiras professei algumas vezes simultaneamente.” E parece que julgou realmente ter atingido o alvo dos seus desejos: cingir todas as coroas! “O país tem altamente declarado que eu fui uma destas glórias de que ele ainda hoje se ufana.” *Discurso preliminar*, p. VIII, no fim do C. I. das *Obras oratórias*. Edição do Porto, 1867. Todo esse discurso preliminar, polvilhado de desassizadas louvaminhas, dá-nos uma ideia muito desfavorável do valor moral e religioso de Mont'Alverne. É um triste monumento da mais ridícula vaidade.

[14] *Essai sur l'influence des aliments et des boissons sur le moral de l'homme*, Paris, 1834.

[15] *Investigações de Psicologia*, Prefácio, págs. VI-VII.

[16] *Investigações de Psicologia*, pelo Doutor Eduardo Ferreira França, Bahia, 1854, 2 vols. de págs. VIII - 288 e 428. Os tratados “de Psicologia racional e de outros pontos de filosofia racional” por ele prometidos na conclusão da obra acima citada, que eu sabia, não vieram à luz.

[17] E de pasmar a prodigalidade com que o nosso autor multiplica as faculdades humanas. Só para explicar os fenômenos do conhecimento, além dos sentidos internos, nada menos de 12 ou 15 faculdades! Faculdade de composição, faculdade de abstração, faculdade de generalização, faculdade do juízo, faculdade do passado, faculdade da fé e que mais sei eu! É que a França desconhece o critério para a distinção das faculdades. *Cfr.* Livro I, *initio*. O mesmo diga-se proporcionalmente dos instintos.

[18] *Fatos do espírito humano*, pág. 159.

[19] *Fatos do espírito humano*, pág. 141.

[20] *Fatos do espírito humano*, págs. 301, 323, 325. Ver desta obra os cc. XIII e XIV; *Alma e o cérebro*, págs. 309-310.

[21] *Fatos do espírito humano*, págs. 351-353. Da leitura das obras de Magalhães não pudemos apurar se ele conheceu diretamente as obras de Malebranche. Inclina-mo-nos a crer que não e que as suas teorias hauriu-as ele nas obras dos ontólogos Italianos, Gioberto e Rosmini que deveria ter conhecido durante a sua estada na Itália ou na *Esquisse d'une philosophie*, de Lamennais (o Lamennais da segunda fase), publicada entre 1841 e 1846. Nesta obra em que o desditado sacerdote combinando o ontologismo de Malebranche com uma ideia falsa da criação, resvala no panteísmo, encontram-se ideias que, bem pode ser, houvessem inspirado as últimas páginas dos *Fatos do espírito humano* do nosso Visconde.

[22] *Fatos do espírito humano*, pág. 238.

[23] Sobre o sensualismo ver o texto que citamos à pág. 164. Sobre o materialismo *Cfr.* *A alma e o cérebro*, c. XXV em que mostra “a impotência do materialismo na resolução dos grandes problemas da filosofia”, pág.412, e *passim* nas duas obras.

[24] *Teoria da afirmação pura*, Dedicatória a Sua Majestade, págs. 10-11.

- [25] Como conceber na pena de um escolástico uma apreciação do seguinte quilate: “A escola germânica (Fichte, Schelling, Hegel)... tem o incontestável merecimento de ter dado a doutrina mais completa sobre a natureza íntima do pensamento sem, todavia, esquecer-lhe a forma.” *Op.cit.*; pág. 121.
- [26] Cumpre notar que o Padre escrevia antes do Concílio Vaticano.
- [27] Como se engana! O autor desconhece até a distinção tão óbvia entre filosofia e teologia. A filosofia, diz ele, tem o mesmo objeto que a teologia; elas só divergem na direção que tomam percorrendo o mesmo terreno; a primeira consulta continuamente o dogma no desenvolvimento da razão, a segunda consulta a razão no desenvolvimento do dogma, pág. 137. E não é raro vê-lo confirmar suas esdrúxulas teorias com textos da Escritura lastimosamente torturados. *Cfr.* pág. 123.
- [28] Pouco mais podemos adiantar acerca das ideias particulares de Lipparoni, por não nos ter sido possível haver à mão o seu livro. Dele tivemos notícia por um artigo de A. H. de Sousa Bandeira Filho, intitulado Rosmini e a *sociedade brasileira* e publicado na *Revista Brasileira*, t. VIII, 1 de abril de 1881, págs. 25-49.
- [29] *Compêndio de filosofia nacional*. Ao leitor.
- [30] Sigismundo Storchenau (1751-1797), Jesuíta, publicou em Viena as suas *Institutiones logicae et metaphysicae*, que, durante algum tempo, lograram grande voga. O autor é claro, mas o livro resente-se do defeito de quase todos os escritores da época: superficialidade. Sua escolástica é desfibrada, sem nervo metafísico, gafada por doutrinas estranhas que lhe perturbam a harmonia da síntese.
- [31] *Compêndio*, Vol. 2^o. págs. 26, 41, 16.
- [32] *Compêndio*, Vol. 2^o. págs. 68-70.
- [33] *Lições de filosofia elementar*, Prefácio, X.
- [34] Soriano foi católico sincero e coerente nas suas doutrinas. Isto bastou para exacerbar o espírito irritadiço de Sílvio Romero, que, na sua *Filosofia no Brasil*, o trata de “indigesto compilador de teologia, espírito mefítico e importuno, enclaustrado na Idade Média” (pág. 46). Descabida intolerância esta num crítico que, apesar de cativar a sua inteligência aos dogmas mais absurdos da pseudociência materialista, imbuindo-se em todos os seus preconceitos e partilhando-lhe todas as ilusões, não cessa de entoar hinos à liberdade de pensamento. Ai, porém, daquele que livremente se serve do seu para defender esta filosofia perene, patrimônio intelectual da parte mais sadia da humanidade constituído durante séculos de porfiado trabalho pela fina flor dos seus gênios. Romero agasta-se logo, desmanda-se em termos injuriosos e descomedidos, fecha o livro, e, atirando-o com desdém para o lado, exclama: “Nada existe a analisar. Um livro cadáver não se discute”. *Op. cit.*, pág. 46. O autor é “um impertinente que nenhum vácuo deixaria no quadro da literatura brasileira”, pág. 45. Não fora mais de sábio e de crítico que respeita a sua dignidade poupar este vocabulário de esquina e fazer a exposição e análise serena dos princípios de uma filosofia que, para muitas de suas teses, reivindica os nomes de Sócrates, Platão, Aristóteles, Agostinho, Tomás de Aquino, Bossuet e Leibniz?
- [35] “Não errara quem dissera do Visconde de Sabóia que foi, entre nós, o primeiro cirurgião de seu tempo”. Aloisio de Castro, *A locuções académicas*, 1911, pág. 86.
- [36] “Proponho-me a demonstrar e sustentar que as escolas — materialista, positivista, transformista, evolucionista, determinista ou fatalista, não dão desses grandes problemas (da concepção do mundo e da vida) senão uma solução paradoxal e, as mais das vezes, falsíssima apesar de dizerem que têm o apoio da ciência cujo nome invocam a cada passo, quando são certamente muito menos científicas e elevadas em suas consequências ou em relação aos fenômenos psíquicos e à natureza do homem, ao destino e aos deveres no mundo, do que nos mostra a doutrina espiritualista, a partir de Platão,

Sócrates, Aristóteles, S. Agostinho, S. Tomás de Aquino, até Descartes, Kant, Leibniz, Pascal, Malebranche, M. de Pina”. *A vida psíquica do homem*. Prefácio, XXXIV-V.

[37] *Op. cit.*, pág. 151.

[38] Antes dessa data, em 1865, Francisco Antônio Brandão, maranhense, publicara em Bruxelas um opúsculo intitulado: *A escravidão no Brasil*, inspirado em ideias positivistas. Se não quisermos levar em conta o prefácio de uma Aritmética do Sr. Muniz Barreto de Aragão, vindo pouco antes à luz na Bahia e no qual expõe o autor a classificação das ciências de Comte, o opúsculo do Sr. Brandão é a primeira adesão pública de um brasileiro ao positivismo. Brandão filiou-se depois no grupo positivista chefiado no Rio por Miguel Lemos, do qual, porém, se desligou mais tarde.

[39] Os sócios fundadores da associação positivista foram, além de Benjamin Constant, os Srs. Oliveira Guimarães, Alvaro de Oliveira, Joaquim Ribeiro de Mendonça. Oscar de Araujo, R. Teixeira Mendes e Miguel Lemos ... A organização de uma biblioteca positiva e a abertura de cursos científicos destinados à difusão das ideias de Comte eram os fins desta associação que, em 1879, passou a chamar-se *Sociedade Positivista do Rio de Janeiro*, declarando-se então filiada na direção suprema de Laffitte. Tal a primeira origem da Igreja positivista do Rio de Janeiro.

[40] As relações entre o brigadeiro e o grupo passaram até por alternativas de frieza e simpatia. Por não haver querido concorrer com o subsídio e por outras desavenças íntimas o grupo afastou de si “o positivista incompleto” e insubmisso. Quando foi da proclamação da República, vendo do ministro da Guerra e depois da Instrução um instrumento poderoso de influência, aproximou-se novamente do general. Este acolheu com boa sombra os antigos confrades, mas não abdicou sua independência pessoal ante certas injunções esdrúxulas da nova Igreja, como, por exemplo, a dissolução de todos os cursos, academias e institutos de ensino custeados pelo governo. *Cfr.* Sylvio Romero, *O evolucionismo e o positivismo no Brasil*, págs. LXXVII e segs.

[41] Algumas obras de Miguel Lemos: *Imigração chinesa*, Mensagens a Sua Ex.^a o Embaixador do Celeste Império junto aos governos da França e da Inglaterra, Rio, 1881; Terceiro centenário de S. Teresa, Rio, 1882; *A questão de limites entre o Brasil e a Rep. Argentina*, Rio, 1884; *Ortografia positivista*. Rio, 1888; *Nossa iniciação no positivismo*, Rio, 1889; *Casamento Civil*, Representação enviada à Câmara dos Deputados, Rio, 1893; *Epítome da vida e dos escritos de Aug. Comte*, Rio, 1898; *Apelo aos conservadores*, Rio, 1899; etc, etc.

Algumas obras de Teixeira Mendes: *A questão do nativismo*. Rio, 1886; *La philosophie chimique d’après Aug. Comte*, Rio, 1887; *A liberdade e a vacinação obrigatória*, Rio, 1888; *A incorporação do proletariado*, Rio, 1889; *Benjamin Constant*, 2 vols., Rio, 1892; etc, etc. A atividade literária dos já falecidos Diretor e Vice-Diretor do grupo foi incansável. Quase todas as publicações do *Apostolado positivista* (e são mais de 400: circulares, relatórios, discursos, mensagens, opúsculos de propaganda, etc.) são assinadas pelos nomes de Miguel Lemos e Teixeira Mendes, escrevendo algumas vezes independentemente, outras em colaboração.

Para a história do positivismo, entre nós ver o trabalho recente de João Camilo de Oliveira Torres. *O Positivismo*, Petrópolis, 1943. é o trabalho mais completo que atualmente possuímos.

[42] *Cfr.* Miguel Lemos, *Le positivisme et le sophiste Pierre Laffitte*, Rio, 1889.

[43] *Cfr.* *Base da organização do apostolado no Brasil*, 2ª edição de 1899. impressa em quase todas as circulares anuais e outras publicações do Apostolado.

[44] O templo da Humanidade, cuja fachada lembra a do Panteon de Paris, acha-se à rua Benjamin Constant n.º 74 (Rio). Sobre o portão que abre para o jardim lê-se o dístico: *Os vivos são sempre e cada vez mais necessariamente governados pelos mortos*. No

friso do frontispício, acha-se esculpida em baixo-relevo a fórmula: *Amor por princípio, ordem por base, progresso por fim*. Sete degraus simbolizando as sete ciências levam ao pórtico do templo, a cujo interior dão entrada três portas encimadas pelas divisas: *Ordem e progresso. Viver para outrem. Viver às claras*. No topo da grande sala, à guisa de altar-mor, salienta-se um retábulo representando a Humanidade (feições de Clotilde de Vaux) com uma criança nos braços. Dos dois lados da Grande nave que mede 32 m por 11 m, enfileiram-se 14 pequenas capelas contendo os bustos de Heloísa e das 13 personagens mais importantes que deram os seus nomes aos meses do Calendário positivista. De um lado: Moisés. Homero. Aristóteles. Arquimedes, Cesar, S. Paulo e Carlos Magno; do outro: Dante, Guttenberg, Shakespeare, Descartes. Frederico Bichat e Heloísa. Para as festas celebradas na 1ª inauguração, *cfr.* J. Mariano de Oliveira. *Notice sur la fite d'inauguration de la chapelle de Humanité à Rio de Janeiro*. Rio. 1891. Publicação n.º 115 do apostolado positivista. Para a Inauguração definitiva de 1897. *cfr.* A circular anual de 1897, Publicação n.º 196.

[45] Como prova de quanto havia invadido a terminologia positivista as esferas oficiais do país, citamos alguns trechos de uma moção em homenagem a Benjamin Constant, aprovada unanimemente pelo Congresso na sessão de 25 de fevereiro de 1891: “Considerando que a veneração pelos grandes patriotas falecidos é um sentimento que concorre para a elevação moral do homem e aperfeiçoamento dos costumes públicos, tanto é verdade que somos cada vez mais governados pelos mortos... (seguem-se outros considerandos)... O Congresso Nacional Constituinte... resolve lançar na ata da sessão solene de hoje o seguinte: o Fundador da República, Benjamin Constant Botelho de Magalhães, passou da *vida objetiva para a imortalidade* a 22 de janeiro de 1891” etc, etc.

[46] “Mais do que o positivismo e seus correlatos, mais que o realismo e as escolas literárias que dele se aproximam, ou com ele se confundem, concorreram para a Abolição, pelo contrario, as ideias cristãs e o fundo ainda muito romântico que havia nos seus maiores propagandistas desde Castro Alves até Patrocínio, Nabuco e Rui Barbosa”, Nestor Vitor, Farias Brito, pág. 71.

[47] Por ocasião da morte de Miguel Lemos a Igreja positivista do Rio contava apenas 70 membros adultos. (Ver publicação n.º 418 do Apostolado, pág. 57). É bem pouco, mormente quando se tem em vista a profecia feita em 1854 por Augusto Comte, anunciando a conversão completa da humanidade ao positivismo em 33 anos. Nem aqui, nem fora daqui, os fatos abonaram os créditos proféticos do fundador da Religião da Humanidade.

[48] Além dos nomes que já tivemos ensejo de citar, pertenceram a este grupo positivista Teixeira de Souza e Aníbal Falcão. Este último publicou no *Diário de Pernambuco* (1881) a tradução de uma circular de Laffitte, precedida de um longo histórico sobre o desenvolvimento das ideias positivistas no Brasil. Deixou o grupo em 1887.

— Contra o positivismo combateram vários escritores, ainda no seio das classes armadas. Entre estes lembramos o nome de José Faustino da Silva, major de engenheiros e lente catedrático da Escola Militar, que publicou em Fortaleza (1896) o livro: *O Positivismo às claras*. Apesar de ser, pelo seu objetivo polêmico de contraminar os efeitos da propaganda positivista, uma obra de ocasião, o trabalho do ilustre militar encerra boas críticas e observações filosóficas de algum valor.

[49] Não conseguimos ver este terceiro volume nem mesmo assegurar que foi publicado. Quer parecer-nos que não.

[50] “Manta de retalhos, escandalosamente plagiados aqui e ali”, chama miguel lemos (circular de 1881, pág. 15) a obra de Pereira Barreto.

[51] *Três Filosofias I*. pág. 196.

[52] Op. cit. I, pág. 195.

[53] Op. cit. I, pág. 175.

[54] Op. cit. I, pág. 185.

[55] Op. cit. I, pág. 55.

[56] Op. cit. I, pág. 124.

[57] Op. cit. I, pág. 180.

[58] Op. cit. I, pág. 92.

[59] “Se a [teologia] condenamos hoje, não é tanto por se achar em todos os tempos em desacordo com a verdade; o erro no passado era inevitável; não é tanto por ter produzido imensos desastres, ao lado dos desastres trouxe incontestáveis vantagens; mas tão somente porque pretende manter a humanidade em estado de infância perpétua, negando a evolução e opondo-se a uma lei natural, graças à qual nos libertamos do erro, das misérias do fanatismo e dos medonhos desastres sociais que acarretavam outrora o regime normal das alucinações. É em nome da higiene do espírito que hoje eliminamos a teologia; é em nome dos mais altos interesses sociais e morais que formulamos o aresto irrevogável”. *Op. cit.*, I, pág. 287. — Que Imensidade de orgulho! Em outro lugar havia escrito o autor: “É a teologia cristã que dirige os espíritos em todo o mundo civilizado”, pág. 186. Pois bem: todos estes espíritos do mundo civilizado, cristãos e católicos, passados e presentes, vivem “em regime normal de alucinação!” um atestado de loucura passado à humanidade em nome de um sistema filosófico nascido no cérebro de um desequilibrado que esteve duas vezes na casa de alienados! Fora sumamente ridículo, se não fosse tristemente deplorável. O que nos vale a nós e à humanidade é que a história, a ciência e a filosofia já de há muito revogaram todos os arestos irrevogáveis de Pereira Barreto.

[60] Op. cit., I, XLIII.

[61] Op. cit., I, XLIII.

[62] Op. cit. I, XLIII. Ao riso que primeiro desperta a leitura desta passagem sucede, incoercível, a indignação ante essa deturpação sem nome do pensamento e dos sentimentos dum autor. Emprestar esta blasfêmia a Descartes, cristãos sempre firme na sua fé, católico sempre fiel e submisso à Igreja, é processo filosófico inqualificável na ciência e da alçada dos códigos penais quando se trata de vivos que podem reivindicar seus direitos. A quem não ocorre pontaneamente o dilema de Pasteur: “*Si vous savez la question (no caso, a história) que faites-vous de votre conscience? Et si vous ne la savez pas, de quoi vous mêlez-vous?*”

[63] Op. cit., pág. 174 e *passim*.

[64] O que não impede de declarar alhures “analfabetos os Padres da Idade Média” pág. LVIII. Salvem-se, como fôr possível, a coerência e a verdade histórica.

[65] Op. cit. I, pág. 81.

[66] Op. cit. I, pág. 83.

[67] Op. cit. I, pág. 26.

[68] Op. cit. I, pág. 170.

[69] Op. cit. I, pág. 186.

[70] Op. cit. I, pág. 186.

[71] Op. cit. I, pág. 121.

[72] Os positivistas ignoram ou fingem ignorar este grande *fato*. Os maiores cultores das ciências matemáticas, físicas e naturais, com raríssimas exceções, foram crentes. A prova desta tese pode ver-se amplamente desenvolvida e documentada em: E. Naville, *La physique moderne*. Paris, 1890; Kneller, *Das Christentum und die Vertreter der neueren Naturwissenschaft*, Friburgo, em Brisgau, 1904; E. Dennert, *Die Religion der Naturforscher*, Berlin, 1908; A. Eymieu, *La part des croyants dans les progrès de la science au XIX siècle*, 2 vols., Paris, 1920. Cauchy Hermite, Weierstrass, Le Verrier, L.

Kelvin, Fresnel, Ampere, Volta, Faraday, Maxwell, Berzelius, Dumas, Chevreul, Thénard, Cuvier, Haüy, Mendel, Bichat, Laennec, Pasteur, etc., etc, foram *todos* crentes e muitos deles católicos fervorosos. Que diz a isto o positivismo? Dirá naturalmente — e o que é que não explica a lei de Comte? — dirá que não são espíritos emancipados, que por um atavismo cientificamente explicável ainda se acham sob o jugo do espírito teológico e metafísico. Assim que, a bem apurarmos, ficará o rol dos grandes espíritos reduzido a Comte, Littré, Dr. Barreto e poucos mais. Comte nos últimos anos foi cliente da psiquiatria. Littré acabou católico. Resta o Dr. Barreto! Cômoda e milagrosa explicação! Bem-aventurados os que com ela se satisfazem.

[73] A expressão é de Sílvio Romero (*A Filosofia no Brasil*, pág. 78) que forceja por afastar de si a pecha de materialista.

[74] “Cette doctrine (o materialismo) peut se vulgariser atsément. Elie est enfantine, parle à l’imagination, est d’un faces facile”. A. Hoeffding, *Histoire de la Philosophie moderne*. Trad. Bordier, Paris. 1906, T. II, pág. 523.

[75] Este livro tem sua historiazinha interessante. Era primitivamente a tese de doutoramento do autor. Alegando disposições regulamentares dos estatutos, a Faculdade rejeitou-a. Os colegas do moço, altamente ofendidos por esta “coarctação da liberdade de pensamento” (pág. VII) resolveram publicá-la em sinal de protesto e desagravo. E o livrinho saiu. Cabral, em resposta aos colegas, depois de agradecer penhorado tanta “nobreza de sentimentos”, verte toda a bília de sua indignação e protesta, por sua vez, energeticamente contra semelhante “tirania intelectual”, contra este “sarcasmo atirado às conquistas do livre exame”, contra o despotismo de querer obrigar a medicina “a trajar à romana e trazer sempre debaixo do braço uma Bíblia”, contra a pretensão de constranger a ciência “a não poder dar um passo sem consultar o *Syllabus* e os *Estatutos da Faculdade*”. Responsáveis de tanto mal, continua o autor, não são os lentes (convinha não melindrar os que deviam julgar uma segunda tese inofensiva sobre o tratamento da febre amarela), senão os estatutos, as leis deste país ignorante, fanático, supersticioso, defeitos estes radicados todos “numa educação literária viciosa — herança ainda do velho jesuitismo” (XXXVI). Pobres jesuítas! causadores de todos os males do mundo, não lhes havia de faltar um quinhãozinho de responsabilidade no infortúnio do doutorando baiano. Nem se cuide que foi pequeno mal esse. Aos olhos do irritado moço o ato da Faculdade se afigurou o “pródromo de peripécias de maior alcance social... que necessariamente degenerariam em hecatombe à feição das mais terríveis de que nos dá a história” (págs. XI-XII) se, por felicidade nossa, não intervisse a generosidade dos colegas que lhe publicaram a tese. De que desgraças não iam sendo causa os jesuítas!! E que benemerência a desta “Imprensa económica” (Rua dos Algibebes, 22) que salvou o Brasil e o gênero humano de uma dessas hecatombes à feição das mais terríveis da história!!.

[76] As causas do pensamento “diversas como podem parecer aos profanos reduzem-se no fundo a uma e mesma causa — a autonomia celular”. 170.

[77] *Op. cit.*, pág. 124. Ao nosso Cabral nem ao menos cabia a prioridade na invenção desta psicologia de fluorescências e fosfoconciências. Creio que a descoberta é de Luys.

[78] *Op. cit.*, págs. 217-218.

[79] *Op. cit.*, pág. 174.

[80] *Op. cit.*, pág. 160. Na página seguinte ensina-nos que o bem “é o quociente da satisfação das necessidades humanas”. Provavelmente, o mal será o *resto* da divisão.

[81] *Op. cit.*, pág. 202.

[82] Como nos acode espontâneo o texto sagrado: *Homo cum in honore esset non intellexit; comparatus est jumentis insipientibus et similis factus est illis*.

[83] *Op. cit.*, págs. 218-219.

[84] “Assim como a retorta, o silogismo e o dogma empolgaram a ciência dos augures (!), dos evocadores (!) e dos patriarcas (!!)... o microscópico vai também decidir dos destinos do mundo”, XXIII-IV. Mais adiante: o porquê dos destinos humanos... “em vão tateado pela ciência dos fatos revelados; esse velocínio misterioso... que nem a astronomia, nem a metafísica, nem o próprio racionalismo isolado puderam encontrar — essas duas grandes potências do mundo moderno — o avião e o microscópio tendem a descobrir, aproximando-se-lhe já, encontraram-no mesmo, digamo-lo, aí quase sensivelmente”, pág. XXV. E por aí segue neste estilo intolerantemente ridículo a exaltar a picareta do geólogo e as lentes do naturalista, como capazes de responder definitivamente às magnas questões da origem, natureza e destinos do homem.

[85] Op. cit., pág. 180.

[86] *Revista do Instituto Histórico*, t. XLII, págs. 322-326.

[87] *Fim da Criação*, pág. 4.

[88] Op. Cit., pág. 11.

[89] Op. cit., pág. 83.

[90] Op. cit., pág. 34.

[91] Op. cit., pág. 108.

[92] Op. cit., pág. 164.

[93] Op. cit., pág. 554.

[94] Op. cit., pág. 553.

[95] Op. cit. pág. 553. Pela doutrina contida nesta proposição, que, a lhe tomarmos os termos como soam, é de inspiração indubitavelmente materialista, classificamos, até mais ampla informação, o nosso Visconde entre os adeptos do materialismo. Em outro lugar, tratando incidentemente da origem do homem “sem recorrer para isso à História Sagrada, mas à simples razão natural” (pág. 536), inclina-se à descendência simiana proposta por Darwin nas suas últimas obras. Fora daí, no resto da obra de Araújo Ribeiro, nada encontramos que pudesse elucidar a questão, definindo melhor as suas opiniões. Pelo contrário, sua linguagem é sempre moderada e muito alheia do tom declaratório e fanfarrão que se observa em quase todos os materialistas, seus contemporâneos.

Com esta observação julgamos fazer justiça ao extinto titular.

[96] Op. cit., pág. 553.

[97] Op. cit., pág. 39.

[98] Op. cit., págs. 81-82.

[99] *Curso de Lógica*, pág. 28.

[100] Op. cit., pág. 112.

[101] Op. cit., pág. 37. Contra a Lógica de Vicente de Sousa, escreveu o P. Luís Donato Rieyiecci, *Algumas Observações críticas*, publicadas em 1908.

[102] Por si, o monismo não é necessariamente materialista. Com esse termo algum tanto vago se costuma designar a filosofia dos que admitem uma substância única mediante a qual explicam ou pensam explicar todos os fenômenos. Se esta substância única é a matéria, como é o caso mais freqüente, temos o monismo materialista; se é o espírito, temos o monismo psíquico ou espiritualista. Tal a significação dada primitivamente ao termo por Wolff que o introduziu na linguagem filosófica: *monistae dicuntur qui unum tantomodo substantia genus admittunt*. Ao monismo opõe-se o dualismo.

[103] “Enfim há de chegar-nos também a luz que, já de longa data, a Alemanha despede sobre o mundo”. *Ensaio*, pág. 65. Raia pelo fanatismo o culto exclusivista de Tobias à ciência alemã. A causa do nosso atraso tem sido, segundo ele, “a preponderância absoluta do espírito francês”. Op. cit., pág. 80. “Quebrems as taças em que até hoje saboreamos as mefíticas doçuras da civilização francesa e volvamos-nos para a Alemanha”, *lbd.*, pág. 151. Por algum tempo teve a esdrúxula ideia de manter em Escada a publica-

ção de um jornal em língua alemã, *Deutscher Kaempfer*. — Doutra feita propõe uma liquidação literária de todas as obras celebradas no Brasil e a organização de uma nova Internacional “com sede na Alemanha” e destinada a aquilatar o valor dos livros que se forem publicando. Para ser tida em consideração deverá qualquer obra pedir-lhe o *placet*. O “não presta” alemão seria a ruína literária do autor. E Tobias folga antecipadamente em que assim A. Herculano, J. de Alencar e quantos escreveram em Portugal e Brasil ficariam para sempre descoroados do prestígio que os aureola.

— Sucede-lhe porventura discordar de um alemão? Ouviu-o, todo humilde e confuso a escrever: “Não posso deixar de sujeitar a uma crítica alguns pontos do escrito de von Ihering, ainda que esta crítica *seja feita e só deva ser feita... de joelhos*”. *Questões vigentes*, pág. 92. Ah! livre pensamento orgulhoso, como te castigas! Que humilhação! De joelhos diante de von Ihering. Nós católicos, que não alardeamos a cada passo de espíritos livres e emancipados, só vergamos o joelho diante da palavra de Deus. Os homens, ainda alemães, por maior que seja a sua estrutura, criticamo-los sempre de pé.

[104] *Ensaio*, pág. 36.

[105] *Questões vigentes*, pág. 16.

[106] Nas linhas gerais do seu monismo segue o nosso sergipano as pegadas de Haeckel a quem prodigaliza gabos a todo pano. “Elogiar a Ernesto Haeckel já é uma coisa que deve soar aos bons ouvidos como tautologia”. *Estudos Alemães*, pág. 79. Num ponto, porém, afasta-se Tobias do tão encomiado mestre. É em rejeitar-lhe o mecanismo absoluto que da evolução cósmica exclui toda e qualquer finalidade. Para Tobias, que nisto se encosta a Noiré, o monismo filosófico, que não se deve confundir com o monismo naturalístico de Haeckel, é perfeitamente conciliável com a teleologia. Cfr. *Questões vigentes*, págs. 45-46.

[107] *Questões vigentes*, pág. 156.

[108] *Questões vigentes*, pág. 152.

[109] *Questões vigentes*, pág. 132.

[110] *Questões vigentes*, pág. 147.

[111] *Questões vigentes*, pág. 49. O trecho merece citado por inteiro: “Eu creio na lei da seleção natural do gênio. Sem isso não me parece explicável por meios humanos o nascer e o crescer das religiões”. — Que mimo de lógica racionalista. É necessário *a todo transe explicar* por meios humanos a origem das religiões e principalmente do cristianismo ainda que para isso seja necessário crer. E em quê?... na seleção natural do gênio. Francamente, fé por fé, eu creio na origem divina do cristianismo e não creio na lei da seleção natural dos gênios. Pela minha fé, tenho a história e a lógica, pela minha descrença tenho a psicologia e as ciências naturais, que, de há muito, já cortaram as asas à seleção natural, reduzindo-lhe a ação a papel bem modesto. Quem é mais objetivo e racional, quem está com os fatos e quem com os preconceitos?

[112] *Questões vigentes*, pág. 252.

[113] *Questões vigentes*, pág. 252.

[114] *Prólogo às Questões vigentes*, pág. XXIII.

[115] *A Filosofia no Brasil*, pág. 139. Sílvio Romero, principalmente, é de uma intemperança no elogio que resvala pela lisonja. Em se tratando de Tobias não há esperar dele imparcialidade na crítica nem comedimento nos juízos. Aos seus olhos, o colega sergipano avulta como um gigante em todos os domínios do conhecimento a que aplica a sua atividade. Um exemplo. Tobias lia regularmente o seu latim. Um dia, teve a infeliz ideia de poetar no idioma de Virgílio. Compôs uma elegia de despedida aos seus alunos. São dísticos de mau principiante que ensaia os primeiros passos, dominado unicamente pela prosaica preocupação de salvar as exigências materiais da metrificação elegíaca. Ouçam, por amostra, três dos oito dísticos de que se compõe toda a poesia:

Vellem, discipuli, vobis qui repitis (?) isthuc,
 Ut possem sapiens, in rudibus tenebris
 Lumen ego praeferre, erudiens itidem, et vos
 Memet, adhuc video, viribus exiguis
 Quam doceo; desunt autem masnae Sophiae mi.
 Principia, atque ideo jam cogor ad studium.

São estes versos pobres pelo conceito, pobríssimos pela forma, que o exaltado crítico chama “bela elegia em estilo ovidiano”. *Hist. da Lit. Brasil*, t. II, pág. 478. Sílvio Romero leu alguma vez Ovídio?

[116] *Ensaaios*, pág. 17.

[117] *Questões vigentes*, pág. 36, 81, 99.

[118] *Ensaaios*, pág. 111.

[119] A dúvida metódica é muito mais antiga e de crítica, da verdadeira crítica filosófica, só o nome pertence ao século XIX.

[120] *Ensaaios*, pás. 8.

[121] *Ensaaios*, pág. 75.

[122] *Ensaaios*, pág. 42.

[123] É realmente indigno e revoltante o modo por que este pigmeu da filosofia trata do grande gênio católico diante do qual desfilaram reverentes as gerações de 7 século. “Eis aí mais um *doctor parvus* ao lado do *doctor angelicus*. Um epíteto vale o outro”. Polêmicas, pág. 25. “Todas as razões demonstrativas da existência de Deus que ensinam os filósofos *asneirões*, inclusive S. Tomás e sua gente, são dignas de apupos e pedradas”. *Ibid.*, pág. 31. Se em vez desta linguagem de almocreve se tivesse Tobias ocupado em estudar “os pensamentos másculos deste espírito vigoroso” (Von Ihering), teria evitado, pelo menos, a quixotesca figura de quem reclama, como novidades próprias, ideias anti-quíssimas do domínio comum de qualquer espírito culto.

[124] Admirável de equilíbrio, ponderação e objetividade é o juízo de Tristão de Ataíde “Nem um precursor. Nem um filósofo. Nem um espírito nacional... Foi um espírito do seu tempo e que passou com o seu tempo”. *Estudos*, 1.^a série, Rio, 1927, pág. 385.

[125] É o pensamento que uma pena anônima escreveu à marrem dum exemplar das *Questões vigentes*, conservado na Biblioteca Nacional.

[126] “Eu e Tobias, que demos ao Brasil o exemplo da mais completa fraternidade espiritual, fomos dois camaradas, dois obreiros amigos, mas independentes, que procuramos trabalhar sem rivalidades e sem submissão ao outro, de acordo, porém autônomos: ele, todo haeckelista e eu mais spenceriano”. Sílvio Romero, *Ensaaios de Filosofia do Direito*, pág. XVI.

[127] *Hist. da Lit. Bras.*, II, pág. 309.

[128] *Filos. no Brasil*, pág. 43.

[129] *Filos. no Brasil*, págs. 67-68.

[130] *Filos. no Brasil*, pág. 58.

[131] *Filos. no Brasil*, pág. 68.

[132] *Filos. no Brasil*, pág. 69.

[133] *Doutr. contr. Doutr.*, pág. 9.

[134] *Doutr. contr. Doutr.*, pág. 95.

[135] *Doutr. contr. Doutr.*, pág. 95.

[136] *Doutr. contr. Doutr.*, pág. 100.

[137] *Doutr. contr. Doutr.*, pág. LXXVI.

[138] *Filos. no Brasil*, pág. 73.

[139] *Filos. no Brasil*, pág. 32.

- [140] *Filos. do Direito*, pág. 13.
- [141] *Filos. do Direito*, pág. 77.
- [142] *Filos. do Direito*, Prefácio, pág. IX.
- [143] *Hist. da Lit. Brasil*, II, pág. 262.
- [144] *Filos. do Direito*, pág. 172.
- [145] *Filos. do Direito*, pág. 32.
- [146] *Cfr. Filos. do Direito*, págs. 71 e segs.
- [147] *Doutr. contr. Doutr.*, pág. 37.
- [148] *Filos. do Direito*, pág. 135.
- [149] *Doutr. contr. Doutr.* pág. 38.
- [150] *Filos. do Direito*, pág. 135. De fato, Sílvio Romero parece fazer grande cabedal desta classificação. Imprimiu-a e reimprimiu-a oportuna e inoportunamente em quase todos os seus livros e quase sempre com as mesmas palavras. O leitor poderá encontrá-la nos *Ensaio de Filosofia do Direito*, pág. 135 e segs., na *Doutrina*, pág. 36 e segs., nos *Ensaio de sociologia*. Garnier, 1901, pág. 52 e segs., e na *História da Literatura Brasileira*, t. II, pág. 17. Neste último lugar as criações fundamentais que eram “cinco apenas cinco, sem medo de errar” já são elevadas a sete. “Religião, arte, ciência, política, indústria, direito e moral são as sete grandes instituições da humanidade”. Bem está; sete tem um quer que é de mais solene que cinco. Sete foram os sábios da Grécia, sete as maravilhas do mundo, muito conveniente era que sete fossem também as criações fundamentais da humanidade.
- [151] *Filos. do Direito*, pág. 82.
- [152] *Filos. no Brasil*, pág. 71. Algumas páginas adiante. “Suas leis da história são imorredouras”, pág. 86.
- [153] *Doutr. contr. Doutr.*, pág. 199.
- [154] *Filos. do Direito*, pág. 85. É nesta obra da pág 83 em diante que vem exposta toda a teoria que resumimos no texto.
- [155] *Filos. do Direito*, pág. 55.
- [156] *Filos. no Brasil*, pág. 69.
- [157] *Doutr. contr.*, pág. 127. “A classificação comtista, dada pelos fanáticos incompetentes como uma maravilha, nada tem de original, não passa do desdobramento da velha classificação das ciências, conhecidas na Europa desde os últimos tempos da Idade Média.” *Ibid.*, pág. 156. Ver nesta obra págs. 95-198 um largo confronto polêmico entre as classificações de Comte e de Spencer. feito, em grande parte, a expensas de citações deste último e de Littré. O autor, já se vê, conclui pela superioridade da classificação spenceriana.
- [158] *Filos. do Direito*, pág. 45. Cfr. também *Hist. da Lit. Bras.*, t. II, pág. 23.
- [159] *Filos. no Brasil*, pág. 79. O estratagemas não nos parece muito sério. Imaginai um boticário com as prateleiras atulhadas de uma droga sem saída. Que fazer? Um belo dia amanheceu-lhe n’alma uma inspiração feliz. Desce todos os frascos, muda-lhes os letreiros e com o auxílio da fortuna e do reclamo logra desembaraçar-se da desprestigiada droga... e enriquece.
- Aí está a história do materialismo e do monismo evolucionista... e também de outros sistemas que se dizem e se julgam novos só porque repudiaram o antigo nome da família.
- [160] *Filos. do Direito*, págs. 53. 161.
- [161] *Filos. do Direito*, pág. 161.
- [162] *Filos. do Direito*, pág. 80.
- [163] *Filos. do Direito*, pág. 80.
- [164] *Filos. do Direito*, pág. 80.

[165] Compreenderá facilmente o leitor que não nos podemos estender na crítica. A quem desejar trabalho mais pormenorizado, análise mais minuciosa deste e de outros pontos da doutrina de Romero, lembramos o livrinho publicado pelo Cons.^o Lafaiete sob o pseudônimo, de Labiênio e Intitulado Vindiciae, o Sr. Silvio Romero, crítico e filósofo. Rio. Jacinta Ribeiro, 1899. A critica do ponto a que aludimos no texto acha-se às págs. 135-158.

[166] *Filos. do Direito*, pág. 86.

[167] Aqui nos diz que Kant, “a primeira organização filosófica de todos os tempos” (*Filos. do Direito*, pág. 58), era monista. E como se não bastasse tão excelso padroeiro põe o sistema sob a égide de Spinoza e... Moisés. “Um olhar mais profundo do espírito crítico (!) irá discernir nos dois maiores gênios semitas. Moisés na alta antiguidade e Spinoza nos tempos modernos, dois monistas no alto e elevado sentido.” E se duvidais é que estudastes “superficialmente a história da filosofia”, (*Hist. da Lit. Brasil.*, II, pág. 229). A ontologia é-nos apresentada como “monstruoso parto da escuridão da Idade Média, do tempo do trívio e do quadrívio (*Novos estudos da literat. contem.*, pág. 160). E segue-se uma breve critica de excitar compaixão. — Os ecléticos são rejeitados com a pecha de “partidários da escolástica (sic!) ressuscitada.” (*Filos. no Brasil*, pág. 14). — Em outro lugar, nos diz que “toda a Idade Média desconheceu a psicologia que é uma ciência moderna”. (*Novos est. de literat. contemp.*, pág. 170) — Na *Hist. da Lit. Brasil.*, 2, II, pág. 311, ensina que “a ideia mais persistente que uma das mais robustas (sic) edificações filosóficas do XIX século — a de Hegel — trouxe ao mundo foi a do caráter relativo da verdade”. Não, mestre. Protágoras já havia ensinado isso mesmo há 25 séculos! Naturalmente para Sílvio tudo é moderno, tudo nasceu neste prodigioso século XIX. O passado é, para ele, um grande desconhecido, uma vasta escuridão impenetrável à luz de seus limitados conhecimentos.

[168] *Ensaaios de filosofia e ciência*, pág. 6.

[169] *Op. cit.*, pág. 4.

[170] *Op. cit.*, pág. 127.

[171] *Op. cit.*, pág. 22.

[172] *Op. cit.*, pág. 20.

[173] *Op. cit.*, pág. 25.

[174] *Op. cit.*, pág. 60.

[175] *Op. cit.*, pág. 25.

[176] *Op. cit.*, pág. 40-41.

[177] *Op. cit.*, pág. 25.

[178] “É preciso de uma vez para sempre estabelecer se a crença científica (oh! outrora rejeitava-se a fé como contrária à ciência, agora se querem estabelecer crenças em plena ciência positiva!) de que nos fenômenos de ordem social como na fenomenalidade física, os acontecimentos que se desenrolam diante de nossas vistas não resultam da pretensa espontaneidade de nossas ações e de nossas convicções de momento, como a crença geral é levada a admitir sempre, mas sim da fatalidade histórica na marcha lenta das leis cosmogênicas”.

[179] Ver págs. 146-147 o “resumo gráfico da evolução cósmica da análise e da síntese”.

[180] *Op. cit.*, pág. 143.

[181] *Op. cit.*, pág. 157.

[182] *Op. cit.*, pág. 90.

[183] *Op. cit.*, pág. 149.

[184] Cfr. *Op. cit.*, pág. 150. Em outro lugar do mesmo livro “os ciclos máximos” já não são três, senão quatro: “ciclo asiático em estado de estratificação, o ciclo greco-

romano, quase inteiramente desaparecido por absorção; o ciclo ocidental europeu ou atual e em princípio de decadência; o ciclo pos-colombiano ou americano em princípio de formação”, pág. 69.

[185] Cfr. pág. 164 e segs. Nessas páginas, ao lado de exagerações manifestas, há um punhado de verdades amargas.

[186] *Op. cit.*, pág. 10.

[187] *Op. cit.*, pág. 7.

[188] “Hoje, o problema dos critérios morfológicos da delinqüência é problema resolvido. Os caracteres mencionados (pela escola de Lombroso) não são específicos dos delinqüentes, isto é, não existe morfológicamente um tipo criminoso, mas em muitos criminosos se encontram as anomalias morfológicas comuns a todos os degenerados.” Ingenieros, *La classificazione dei delinquenti*, Palermo. 1907. E não será difícil aduzir citações ainda mais expressivas de Virchow, Bentivegni, F. von Listz, Benedikt, Spasowicz, Tarde, Manouvrier, Brugla, etc, etc.

[189] *Op. cit.*, pág. 135.

[190] “Os *poikilocormus* e os *cormus* são associações homogêneas, isto é, em que os indivíduos associados têm as mesmas funções, sendo o *poikilocormus* uma associação instável e o *cormus* uma associação fixa e estável. Os símbios e as simbioses são associações estáveis permanentes, heterogêneas, servindo os símbios para a formação das simbioses”. *Op. cit.*, pág. 145. Todos estes termos, apesar de tirados do grego, não esclarecem muito a questão presente. Mas Tapajoz, como o seu mestre Haeckel, fina-se pela língua dos doutos e, na escola de ambos, não é raro mascarar a vacuidade estéril da ideia sob as roupagens de uma terminologia científica retumbante. Não resisto à tentação de apresentar aos leitores alguns exemplos desta magniloqüência oca. “Todo indivíduo tem um limite máximo de funcionalismo somático das forças que o constituem no seu dinamismo, limite este que é determinado pela diagonal dos sistemas de forças conjugadas resultantes da fusão dos elementos que se associam para originá-lo, pág. 85. Que vem a ser a diagonal de um sistema de. forças conjugadas? — O átomo “é o ponto geométrico de equilíbrio da dinâmica monádica em que se exercem as forças químicas passando da potencialidade ao ato, pág. 129 — Quereis saber qual a origem do homem? Ouvi com ouvidos científicos: “Por meio da ondulação rítmica da força oscilando nos organismos entre a unificação ou individualização e a desintegração ou dissociação ela (a natureza) vai — na senda de um doloroso calvário — criar a forma sublimada que a deve redimir — o homem, cuja inteligência harmonizando, um dia, a forma e a ideia, esmagará o erro, pág. 132. E a vida cósmica? É a “gloriosa vaga flutuante na imensidade do espaço e sempre a mesma, quer regulando o giro da coorte dos astros... quer marcando a trajetória dos grandes ciclos da civilização. Veja o leitor como lentamente se aclara a visão gloriosa da verdade científica na síntese que estamos procurando fazer da mesma”. pág. 133. — Imaginai uma vaga *gloriosa*, figurai-a a *flutuar* no espaço, ponde-lhe na mão uma batuta a regular o bailado dos astros e traçar as trajetórias da civilização e tendes formado uma ideia, tendes aclarado a visão *gloriosa* (ainda uma vez gloriosa) da verdade científica. — Que galeria de quadros vivos a deslumbrar a imaginação com os arroubos da visão científica!

[191] Sobre a irredutibilidade entre a biologia e as ciências sociais, Cfr. Grasset, *Les limites de la biologie*, c. VI, págs. 101-118.

[192] *Op. cit.*, págs. 8, 104.

[193] Por mais de 20 anos quase despercebidas passaram entre nós as obras e as ideias de Farias Brito. Só nestes últimos tempos entrou a crítica a ocupar-se do filósofo cearense. Entre os jovens, particularmente, cansados do positivismo e do materialismo monista, observa-se alguma simpatia pelas suas tendências espiritualistas. Para alguns até a

leitura de Farias (que não era católico, nem mesmo cristão, ao menos de vontade) foi o instrumento de que se serviu a Providência para reconduzi-los ao seio da verdadeira Igreja. Fato idêntico se tem dado em França com relação a Bergson.

Entre os que publicamente já se têm ocupado do nosso filósofo, confessando-se seus discípulos ou pelo menos simpáticos às suas ideias, citamos: Jackson de Figueiredo. *Algumas reflexões sobre a filosofia de Farias de Brito*, Rio. 1916. Xavier Marques. *Dois filósofos brasileiros*; Roberto Paterson. *Dos filósofos brasileiros*. Edição da “Brasileira”, Rio, 1917 (é um opúsculo do escritor platino sobre o livro anterior de Xavier Marques); Nestor Vítor, *Farias Brito*, Rio, 1917; Almeida Magalhães, *Farias Brito e a reação espiritualista*. Rio, 1918. Dr. José Sombra, num concurso para lente substituto na Faculdade jurídica do Ceará, tomou como uma das suas teses o desenvolvimento da ideia de Direito no pensamento do autor de “*A verdade como regra das ações*”. Laudelino Freire, Alvaro Bomílcar, Tasso da Silveira, Alexandre Correia também se têm externado favoravelmente a algumas ideias de Farias. Sobre o filósofo cearense publicou uma obra de fôlego o Dr. Jonatas Serrano, *Farias Brito*. S. Paulo. 1939.

[194] “Daí ideia que defendo: a moral é o fim da filosofia”. *A filosofia como atividade permanente do espírito humano*, pág. 35. “O ideal que me impulsiona é a ordem moral”. *A Base física do espírito*, pág. 72.

[195 -196] *A Filosofia Moderna*, págs. 52-53. A causa a que, penso, mais ou menos diretamente se ligam todas estas perturbações (da sociedade contemporânea) é a decadência do espírito religioso”. *Ibid.*, pág. 305.

[197] *Fil. mod.*, pág. 20.

[198] *Fil. mod.*, pág. 46.

[199] *Fil. mod.*, pág. 54.

[200] *A base física do espírito*, pág. 57.

[201] *A base fís. do esp.*, pág. 10.

[202] “A função da filosofia é dupla: teoricamente, criar a ciência: praticamente, criar a moral”. *A filosofia como ativ. perm. do esp.*, pág. 34. Neste trecho, determina Farias Brito a função da filosofia em toda a sua amplitude. Mas, segundo as suas ideias, há ainda possibilidade de distinguir na metafísica ou filosofia supercientífica uma função teórica, outra, prática, como fizemos no texto.

Sobre a noção de filosofia, Cfr. *A filosofia como ativ. perm. do esp.*, pág. 68. *A verdade como regra das ações*, págs. 7-11. *A base fís. do esp.*, págs. 26-28, 60-64, 67-68; *O Mundo Interior*, pág. 33.

[203] *O mundo int.*, pág. 479.

[204] Sobre a classificação das ciências de Farias Brito, inspirada na de Ampere e apenas esboçada, a largos traços, no texto. Cfr. *Fil. mod.*, pág. 343; *O mundo int.*, pág. 40.

[205] A análise e crítica destes estudos psíquicos constituem o objetivo d’*A base física do espírito*. Ver principalmente c. IX, parág. 70, *Conclusões*, págs. 309-322, e parág. 71, *O que pode ficar da psicologia experimental*, págs. 322-325. A crítica de Farias Brito é sagaz e, excetuando algumas exagerações, muitas vezes justa.

[206] *O mundo int.*, pág. 475.

[207] *O mundo int.*, pág. 394.

[208] *O mundo int.*, pág. 415. Este trecho é notável porque tirado do lugar em que o filósofo examina ex-professo a questão da causa em si e procura provar que o espírito é a coisa em si e a matéria, “um fenómeno do espírito”. Não faltam, porém, outros textos. “A força e a coisa em si, a energia interna dos corpos”, ora, “toda força é uma ideia ou um pensamento”. “Vê-se que não há existência que não seja de ordem espiritual. O pensamento deixa de ser uma energia limitada a certas e determinadas organizações e torna-se o princípio universal, a energia suprema. Podemos assim dizer que o pensamento é a

força em nós, mas ao mesmo tempo devemos acrescentar que a força é um pensamento fora de nós”. *O mundo int.*, págs. 414-415. “O espírito é o ser verdadeiro e a substância de todas as coisas”. *Ibid.*, pág. 460. Cfr. ainda: *Filos, mod.*, pág. 68; *O mundo int.*, págs. 453, 461-466.

[209] “A filosofia é a ciência do espírito, a psicologia e somente a psicologia... Tal é a nossa tese fundamental”. *O mundo int.*, págs. 36-37. Meu trabalho, diz ele alhures, é “uma tentativa de solução dos problemas da filosofia primeira pela psicologia”. *A base fís. do esp.*, pág. 94. “A metafísica é a própria psicologia”. *A filosofia como ativ. perm. do esp.*, pág. 92.

[210] *Filos. mod.*, págs. 13 a 16.

[211] *O mundo int.*, pág. 449.

[212] *O mundo int.*, pág. 442.

[213] *O mundo int.*, págs. 463-464.

[214] *Filos. moder.* pág. 15. São realmente pueris as objeções contra o conceito tradicional da criação irrefletidamente repetidas depois de Haeckel pelo pensador brasileiro: “A experiência demonstra: 1.º que o movimento é contínuo; 2.º, que a matéria é indestrutível. Tais são os dois princípios fundamentais da física moderna. Mas se o movimento que se opera na natureza é contínuo como pode ter tido um começo, se a matéria é indestrutível como pôde ser criada?” *A filosofia como ativ. perm. do esp.*, pág. 139 — A indestrutibilidade da matéria, provada pela física, é relativa à ação das causas finitas, dos seres criados, únicos de que se ocupa a ciência experimental. Se Deus criou a matéria e a submeteu à lei da conservação, que tem contra isto a balança de Lavoisier? Mais frisante é a improcedência do primeiro argumento. O movimento é contínuo, logo... não teve começo? Passa-me diante dos olhos um automóvel; seu rodar é contínuo, logo... eterno! Que lógica!

[215] *O mundo int.*, pág. 462. Poderiam citar-se muitas outras passagens abertamente panteísticas sem outra dificuldade senão a escolha. “O mundo é a atividade mesma do pensamento divino... o mundo é Deus pensando”. *O mundo int.*, pág. 450. “O mundo emana assim da Divindade, por virtude da expansão mesma do divino... como a consequência, ao dizer de Spinoza, deriva das premissas no silogismo lógico”. *Ibid.*, pág. 451. “O cosmo com todos os seus mundos e com todos os seus movimentos, o espaço e suas constelações, tudo isto é Deus pensando... e tomamos também parte do pensamento de Deus e somos, por conseguinte, *no mais rigoroso sentido da palavra* (o grifo é nosso) ideias divinas”, *Ibid.*, págs. 422-3. “Há pois, a luz, há a natureza e há a consciência. São os três momentos da natureza divina. A luz é Deus em sua essência; a natureza é Deus representado; a consciência é Deus percebido”, *Fil, mod.*, pág. 267. “A consciência é a luz no espírito: a luz é a consciência na natureza. De onde se vê que a consciência e a luz não são propriamente dois fatos distintos mas apenas as duas faces subjetiva e objetiva de um só e mesmo fato, quer dizer, são uma e outra, uma só e mesma coisa, isto é, Deus”. *A fil. c. ativ. perm. do esp.*, pág. 306. Este último trecho é tirado da primeira obra de Farias Brito, os outros das seguintes e principalmente da derradeira de suas publicações. Não variou, pois, neste ponto, o seu modo de pensar.

[216] “Se há alguma filosofia a que meu pensamento se prende é exatamente a de Spinoza”. *Fil. mod.*, pág. 264. Ora Spinoza nega a criação e nega o sobrenatural (*Ibid.*, pág. 189). De fato, Farias Brito foi spinozista principalmente nas suas primeiras obras. Mais tarde, acentuando-se com os anos a autonomia do seu pensar, subtraiu-se um pouco mais à influência do filósofo holandês. Permaneceu-lhe, porém, ainda assim ligado por vários laços de afinidade, entre eles, o panteísmo.

[217] *O mundo int.*, pág. 476. “O conhecimento é o fim da evolução universal”. *As verd. regras das ações*, pág. 25.

[218] *A base fís. do esp.*, pág. 78.

[219] *A base fís. do esp.*, pág. 76. “Depois da morte — nada. Pelo menos nada se pode conhecer e o mais que se pode fazer são conjecturas mais ou menos razoáveis. Sabe-se que a matéria constitutiva dos organismos não se destrói... transforma-se e vai entrar na composição de outros corpos. Mas o ser vivo propriamente dito não continua a existir, desaparece ou passa para o domínio da natureza intangível que nos escapa. Ignoramos inteiramente se alguma coisa persiste. O que resta, pois, do ser vivo depois da morte? Pergunta milhões de vezes renovada e nunca respondida”. *A filosofia como ativ. perm. do esp.*, pág. 167. Cfr. *A base fís. do esp.*, págs. 75-83, 177-178. Como bálsamo à dúvida angustiosa do espírito ao sondar “o mistério dos mistérios”. Farias não oferece outro remédio senão “filosofar, isto é. tratar de compreender a realidade... na sua inclemência e no seu determinismo fatal”. É acabrunhador!

[220] *Filos. mod.*, pág. 268.

[221] *A verd. c. regra das ações*, pág. 25. Os textos citados são tirados desse mesmo lugar.

[222] *Ibid.*, pág. 13.

[223] *Ibid.*, pág. 14.

[224] Sobre as relações entre a moral e o direito cfr. *A filosofia c. ativ. perm. do esp.*, págs. 40-42; *A verd. c. regra das ações*, págs. 13-15, 16-63.

[225] *A verd. c. regra das ações*, pág. 13.

[226] *O mundo int.*, pág. 477.

[227] *A base fís. do esp.*, págs. 81-82.

[228] “Todas as religiões atuais estão mortas, são mantidas apenas como uma homenagem às tradições do passado, mas não têm mais vida na consciência das multidões, nem força para fazer a paz entre os povos... Há de ser criada uma religião nova sem o que não poderá ser mantida a civilização contemporânea que terá fatalmente de dissolver-se e morrer”. *A filosofia c. ativ. do esp.*, pág. 121.

[229] *O mundo int.*, pág. 102.

[230] *O mundo int.*, pág. 103. “A filosofia não é somente conhecimento abstrato, é também força social... pois é da filosofia que nasce o sentimento moral. Resta acrescentar que assim compreendida a filosofia se confunde com a religião. A religião de fato é a filosofia mesma considerada em sua função prática”. *A verd. c. regra das ações*, pág. 10. Sobre este ponto cfr. *A filosofia c. ativ. perm. do esp.*, págs. 120-134; *A verd. c. regra das ações*, págs. 9-11; *A base fís. do esp.*, págs. 81-83; *O mundo int.*, págs. 98-124.

[231] *O mundo int.*, pág. 140.

[232] *A base fís. do esp.*, págs. 55

[233] *A base fís. do esp.*, págs. 216

[234] *A base fís. do esp.*, págs. 54

[235] *O mundo int.*, pág. 57.

[236] Cfr. *Filos. mod.*, pág. 52 segs.

[237] *O mundo int.*, pág. 319.

[238] *O mundo int.*, pág. 18.

[239] *A base fís. do esp.*, pág. 115. *A filosofia c. ativ. perm. do esp.*, pág. 27, escevera “se me falarem do espírito como substância simples podendo existir independentemente de órgãos sensoriais... eu nada disto compreendo porque nada disto pode ser conhecido por intermédio dos sentidos”. Farias Brito não tinha, pois, um conceito exato do que é espírito.

[240] *A verd. c. regra das ações*, pág. 55.

[241] *Ibid.*, pág. 57.

[242] De um escrito inédito de Farias Brito, citado por Nestor Vítor. *Farias Brito*. Rio, 1917. pág. 15.

[243] “Na elaboração do meu pensamento parto do seguinte fato: todas as religiões atuais estão mortas... eis uma verdade dolorosa, mas incontestável”. *A Filosofia como ativ. perm. do esp.*, págs. 121-122. Quase no mesmo tempo em que o brasileiro escrevia este trecho, um pensador francês, preocupado também com as questões de ordem moral, via com olhos mais perspicazes o rejuvenescimento do catolicismo que iria caracterizar os alvares do século XX e nele saudava a volta da luz para as inteligências e um penhor de paz para as almas. São de Ollé-Laprune estas palavras escritas em 1899: “Le monde a paru se lasser du Christ, et il a semblé que le Christ se reti At ou qu’il fut vaincu. Mais... une rueur court: la pensée moderne retourne au Christ, et le Christ va reprendre l’empire. Plusieurs travaillent à hâter le moment, et l’on se dit que le jour où sera consommée cette restauration l’intelligence troublée recouvrera la lumière et la paix”. *Les sources de la paix intellectuelle*, Paris, 1916, pág. 122.

[244] *O mundo int.*, pág. 31.

[245] *A filosofia c. ativ. perm. do esp.*, Introdução, pág. 18.